UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

O karate: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos

Marcelo Alberto de Oliveira

São Paulo
2020

MARCELO ALBERTO DE OLIVEIRA

O karate: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Zimmermann

São Paulo

2020

Catalogação da Publicação

Serviço de Biblioteca

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Oliveira, Marcelo Alberto de
O karatê: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos / Marcelo Alberto de Oliveira. – São Paulo : [s.n.], 2020.
161p.

Dissertação (Mestrado) - -Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
Orientadora Profa. Dra Ana Cristina Zimmermann

1. Karatê 2. Artes marciais 3. Fenomenologia I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: OLIVEIRA, Marcelo Alberto de.

Título: O karate: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data:___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Dedico este trabalho ao sensei Haroldo Kei Inazawa (in memoriam).

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro da pesquisa. A Universidade de São Paulo pela estrutura cedida, assim como disponibilizando assistência social (moradia, saúde, alimentação acessível, transporte). Aos meus pais que me apoiaram prontamente e irmãos que me motivaram – a minha família de modo geral. Creio que é motivo de orgulho esse título conquistado, ainda mais tendo a origem que tenho. Sou filho de ex-tratorista e agricultor daqueles que trabalharam na roça e foram para a cidade grande a procura de melhores condições de vida. Não posso deixar também de mencionar a presença e incentivo, mesmo que distante, de Josiane Ferreira. Aos meus amigos do Paraná – meu sensei Luis Ivan, quem me concedeu a faixa preta de Karate. Ao professor Ricardo Sonoda que é um grande orientador e amigo. Ao sensei João Carlin por me oportunizar experiência como atleta e treinador. Ao sensei Luis Fernando Alves pelas palavras de incentivo no Karate. Aos integrantes dos grupos de estudo no Whats-App, a saber: Caverna do Dragão, Templo Shaolin, Cavaleiros do Zodíaco, Bushido e Educação e a todos os amigos e parentes próximos e distantes do Paraná – Aron Bruce, Bruna Herrans e Nayra Bittencourt – pelo companheirismo em momentos de aflição, escuta e alegria. As pessoas que me ajudaram a revisar a dissertação – Venâncio Marques, Carlos Bueno e Julia Ahmed. Em março de 2017, quando parti da Casa do Estudante Universitário do Paraná (CEU), em Curitiba, me dirigindo à capital São Paulo, mais precisamente ao Conjunto Residencial da USP (CRUSP), me deparei com a oportunidade de conhecer diversas pessoas de São Paulo e do mundo, assim, agradeço de coração aos companheiros de alojamento (Adiverson, Robinson, Pedro, Tone, e tantos outros). Aos amigos que moraram comigo ou que conviveram de alguma forma no apartamento ou pelos corredores do CRUSP (Marcos Costa, Giovani Liberatti, Marcelo Marcelino, Jean Ramos, Franklin Calderón). Não irei esquecer as rodas de conversa com os amigos da pós-graduação depois da aula, do grupo Cerveja e Ciência. Ao professor Victor Lage da UnB que no começo de minha pesquisa me ajudou na compreensão do método fenomenológico em Brasília-DF. Por outro lado, não posso deixar de mencionar também o acolhimento do Grupo de Pesquisa PULA que me acolheu para ajudar em minhas pesquisas de âmbito sociocultural. Aqui reservo uma fala especial a minha orientadora Ana Cristina Zimmermann. Quando eu iria imaginar naquele Curso de Verão da EEFE-USP de 2015 que dois anos depois estaria sendo orientada por ela, a qual tenho um carinho imenso. Foram muitas

conversas e puxões de orelha que certamente não foram em vão. Obrigado também a professora Soraia Chung Saura que com muita simpatia me acolheu também no PULA. Enfim, são tantos professores que me ajudaram no mestrado que fica até difícil de falar de todos. Mas, enfim, professora Katia Rubio creio que sua presença me mostrou um novo olhar não somente na vida acadêmica, mas na vida como um todo – muito obrigado por tudo (pelas conversas, cafés, caronas, auxílios, trabalho). Obrigado também ao professor Cristiano Barreira pela recepção em Ribeirão Preto – foram várias viagens que precisei fazer e na medida do possível me deu suporte. Ao professor Alexandre Meyer pela oportunidade de conhecê-lo e trocar figurinhas. Obrigado ao Grupo de Estudos Olímpicos pelos ensinamentos, todos os integrantes estão no meu coração. Obrigado ao grupo de Karate do CEPEUSP que me acolheu para treinar Karate, em especial a uma pessoa que onde estiver nesse momento saiba que foi uma grande inspiração. Ajudou-me a ir para o Japão, bem como me ensinou um pouco de sua arte, ou melhor, sua maneira de encarar a vida – sensei Haroldo Kei Inazawa. As academias de Karate que prontamente me atenderam – Instituto Ricardo Aguiar e a Butoku-Kan. Desculpe a quem possa não ter mencionado, mas agradeço de todo o coração quem acreditou em mim, quem me ajudou de alguma forma, me trouxe paz e tranquilidade, alegrias, experiências, seja boas ou ruins, pois como dizem estamos em transformação – meu muito obrigado!

“Não pense em vencer, pense em não ser vencido.”
Gichin Funakoshi (1868-1957)

RESUMO

OLIVEIRA, M. A. **O karate**: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A gênese do Karate ou Karate-Do é imprecisa, visto que existem registros históricos que remontam ao Extremo Oriente, com mais efervescência na Ilha de Okinawa (Japão). Um dos seus principais meios de popularização ocorreu a partir do campo cinematográfico, o que abriu espaço também para o aparecimento de estereótipos ainda difundidos. Tendo em vista tais questões, percebe-se a necessidade de se acessar rituais, tradições e significados no Karate pelo olhar dos próprios praticantes. Assim, o objetivo geral deste trabalho é compreender os rituais, as tradições e os significados no Karate a partir da percepção de mestres e alunos. Os objetivos específicos são: i) descrever os rituais, identificando intencionalidades que são próprias do Karate, bem como possíveis diálogos entre os karatecas e o ambiente de prática; ii) apontar tradições e analisar esforços dos praticantes de resgatar e/ou preservar elementos do passado; iii) descrever significados de elementos materiais e simbólicos do Karate. A pesquisa se realizou a partir de revisão bibliográfica, estudo teórico e entrevistas com praticantes experientes de Karate. O trabalho considerou como uma importante referência para este tema o aporte teórico do campo da fenomenologia. Os depoimentos de mestres e alunos entrevistados trouxeram ricas contribuições para o estudo, a partir de elementos em destaque nas narrativas dos depoentes. Os significados atribuídos à prática em destaque nesta investigação estão associados ao dogi, ao dojo, aos lemas, rituais, relação mestre-discípulo, a figura do karateca e questões relacionadas aos conceitos de Karate tradicional e Karate esportivo. Foi possível identificar três momentos importantes na prática do Karate: antes, durante e depois das sessões de treinamento. Considera-se preponderante o discurso de que o Karate é uma prática marcial ou esportiva que extrapola sua influência para além dos limites do Dojo, na medida em que os praticantes relataram experiências que ultrapassam os momentos de prática, associadas a noção de superação, autorrealização e autoconhecimento. Neste contexto, compreende-se que, em meio aos processos ensino-aprendizagem desenvolvidos durante a prática do Karate, o karateca interage e aprende com o outro, com o mundo e consigo mesmo.

Palavras-chave: Karate; tradições; fenomenologia; mestres.

ABSTRACT

OLIVEIRA, M. A. **O karate**: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

The genesis of Karate or Karate-Do is imprecise, since there are historical records that date back to the Far East, with more effervescence on the Island of Okinawa (Japan). One of its main means of popularization occurred from the cinematographic field, which also opened space for the appearance of stereotypes that are still widespread. In view of such questions, there is a need to access rituals, traditions and meanings in Karate through the eyes of the practitioners themselves. Thus, the general objective of this work is to understand the rituals, traditions and meanings in Karate from the perception of masters and students. The specific objectives are: i) to describe the rituals, identifying intentions that are typical of Karate, as well as possible dialogues between karatekas and the practice environment; ii) point out traditions and analyze practitioners' efforts to rescue and / or preserve elements of the past; iii) describe meanings of material and symbolic elements of Karate. The research was carried out through bibliographic review, theoretical study and interviews with experienced Karate practitioners. The work considered as an important reference for this theme the theoretical contribution of the field of phenomenology. The testimonies of interviewed teachers and students brought rich contributions to the study, based on elements highlighted in the interviewees' narratives. The meanings attributed to the practice highlighted in this investigation are associated with dogi, dojo, mottos, rituals, master-disciple relationship, the figure of the karateka and issues related to the concepts of traditional Karate and sports Karate. It was possible to identify three important moments in the practice of Karate: before, during and after the training sessions. The discourse that Karate is a martial or sports practice that extrapolates its influence beyond the Dojo limits is self knowledge. In this context, it is understood that, in the midst of the teaching-learning processes developed during the practice of Karate, karateka interacts and learns with the other, with the world and with himself.

Keywords: Karate; Traditions; Phenomenology; Masters.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
1.1 Objetivo Geral 21
1.1.1 Objetivos específicos 22
1.2 METODOLOGIA 22
2. REVISÃO DE LITERATURA 27
2.1 KARATE: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA 29
2.2 CONFUCIONISMO, BUDISMO, E XINTOÍSMO: CÓDIGOS E CONDUTAS NO KARATE 40
2.3 O BUSHIDO: O CÓDIGO DE ÉTICA DOS SAMURAIS 44
2.4 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE BUDO E BUSHIDO 47
3. O KARATE SEGUNDO SEUS PRATICANTES 52
3.1 A TRADIÇÃO NO KARATE: ROTINAS E RITUAIS 53
3.2 O TREINO: REPETIÇÃO E PERMANÊNCIA 64
3.3 OS SIGNIFICADOS DO DOGI E DO DOJO 71
3.4 OS LEMAS NO KARATE 80
3.5 KARATE TRADICIONAL E KARATE ESPORTIVO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS 87
3.6 RELAÇÃO MESTRE-DISCÍPULO 106
3.7 KARATE E O AUTOCONHECIMENTO 117
3.8 O QUE É SER KARATECA? 128
3.9 MOTIVAÇÕES PARA O TREINAMENTO E CONSELHOS PARA UM INICIANTE 139
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 147
REFERÊNCIAS 152
ANEXOS 159
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO DE PERGUNTAS 159
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 160

1. INTRODUÇÃO

A gênese do Karate[1] ou do Karate-Dō é imprecisa. Existem registros históricos que remontam ao Extremo Oriente, com mais efervescência na Ilha de Okinawa, Japão. Entretanto, a literatura sugere que o Karate possa ter surgido tanto através de trabalhadores rurais de Okinawa (*Heimin*) como a partir de guerreiros (*Peichin*), sendo que os primeiros teriam desenvolvido a arte provocados pela necessidade de sobrevivência e os segundos como parte de seus treinamentos militares[2] (FIGUEIREDO, 2006; FROSI; MAZO, 2011; MCCARTHY, 1995).

Segundo Figueiredo (2006), a ilha possuiu, ao longo de sua história, isolamento e pobreza de recursos naturais, e em corolário, não atraiu muitos movimentos migratórios culturalmente uniformes, o que favoreceu, de certa forma, a preservação de traços culturais particulares. Todavia, a posição geográfica de Okinawa propiciou tornar-se um ponto de encontro de diversas culturas que ali atracavam, mas que não permaneciam – a ilha historicamente foi rota de embarcações. De certa forma, "o desenvolvimento do Karate-dô vai acontecendo nesse pano de fundo, mas é a sua reta final no século XIX e depois o século XX que marcará o desenvolvimento moderno" (FIGUEIREDO, 2006, p. 279).

Na contemporaneidade, evidencia-se uma visão estereotipada sobre aspectos das artes marciais orientais, tendo em vista a forma como foram divulgadas e retratadas, em especial no campo cinematográfico a partir da segunda metade do século XX (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019). Nesta trajetória, podemos citar como um dos efeitos dessa promoção impulsionada pelos filmes a popularização do Karate.

Nesta esteira, os primeiros campeonatos surgiram e deram vazão a busca por reconhecimento de entidades internacionais como, por exemplo, o Comitê Olímpico Internacional (PUCINELI, 2017).

---

[1] Optamos por utilizar a palavra "Karate" em inglês.

[2] É preciso levar em consideração que a literatura prevalente sobre a história do Karate é japonesa e não okinawana. Essa questão é muito importante ser mencionada, pois nem sempre os okinawanos se consideraram japoneses, principalmente aqueles ligados ao Karate. Esses, muitas vezes, consideram que o Karate é de Okinawa e não japonês. Esse conflito transparece também na prática, na medida em que o Karate do arquipélago Ryukyu possui aspectos muito diferentes daquele Karate Shotokan praticado em Tóquio promovido por Gichin Funakoshi (1868-1957). Portanto, não raro, as narrativas encontradas em livros e artigos podem estar enviesadas por um olhar "nipocêntrico", o que está ligado a aspectos históricos de discriminação sobre o povo de Okinawa, exalando estereótipos pejorativos, incitação a marginalização dessa cultura dentre outros problemas.

Levando em consideração que acontecimentos recentes são manifestações do desenvolvimento do processo histórico do Karate, isto é, há tensões e disputas internas no campo dessa modalidade quanto aos caminhos possíveis desse processo (OLIVEIRA et al., 2018), observamos na atualidade conflitos acerca da modernização ou não dessa prática (enquanto esporte). Neste contexto, questões de ordem interpretativa do que seria, por exemplo, o "ser" karateca tornaram-se frequentes em academias e redes sociais. Surgem questionamentos tais como: a figura do atleta, de certa forma, pode contribuir com o ofuscando da imagem do karateca (em sentido marcial), tendo em vista que o Karate nos dias atuais ganhou mais visibilidade como esporte?

Outra problemática consiste na dúvida se as tradições e rituais estão sendo realmente preservadas, ou então, esquecidas, em face ao avanço do processo de esportivização. Neste sentido, também podemos evidenciar um debate acerca da relação mestre-discípulo, uma vez que na atualidade há cada vez mais discussões sobre a posição e o modo de ensinar.

Tendo em vista tais questões, percebe-se a necessidade de se entender os rituais, tradições e significados no Karate através da percepção de mestres e alunos, portanto, indaga-se: como são compreendidos os rituais, tradições e significados pelos praticantes do Karate? Esta questão orienta o objetivo geral da presente pesquisa: compreender os rituais, as tradições e os significados no Karate a partir da percepção de mestres e alunos.

Considerando o referencial teórico que oriente o estudo, entende-se que as descrições de mestres e alunos sobre os rituais, tradições e significados no Karate podem revelar comportamentos e saberes particulares devido a prática constante em longo período de treinamento. Assim, a fim de atingir o objetivo do estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir de revisão bibliográfica, estudo teórico e análise de entrevistas com praticantes experientes de Karate descritos posteriormente. O método proposto permitiu aos entrevistados expressar sua experiência com espontaneidade, descrevendo o que percebem, como entendem, ou mesmo como vivem o Karate.

A dissertação está organizada em 4 (quatro) grandes blocos. A primeira parte contempla a introdução, justificativa pessoal (memorial), bem como a apresentação de como o autor desta dissertação conheceu o Karate e suas principais motivações para treinar e estudar essa modalidade. Na sequência, revela-se o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia. É importante destacar que o referencial teórico da

fenomenologia utilizado neste trabalho, encontra-se distribuído nas diferentes partes do texto, em especial na discussão sobre as entrevistas.

Na segunda parte desdobra-se a revisão de literatura acompanhada de apresentação sobre a história do Karate que se divide em 4 (quatro) capítulos, a saber: "2.1 KARATE: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA", com apontamentos acerca da história do Karate em Okinawa e sua transição para o Japão Continental; "2.2 CONFUCIONISMO, BUDISMO E XINTOÍSMO: CÓDIGOS E CONDUTAS NO KARATE", apresentando aproximações entre o Karate e os sistemas filosóficos e religiões encontradas no Japão; "2.3 O BUSHIDO: O CÓDIGO DE ÉTICA DOS SAMURAIS", no qual discute-se o Karate juntamente com o código de ética do Bushido; e "2.4 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE BUDO E BUSHIDO", explorando questões de diálogo entre Budo[3] e Bushido.

A terceira parte da dissertação sob o título "3. O KARATE SEGUNDO SEUS PRATICANTES" contempla as descrições dos entrevistados, organizadas em nove subtítulos, a saber: "3.1 A TRADIÇÃO NO KARATE: ROTINAS E RITUAIS", explorando as percepções acerca dos rituais encontrados no Karate; "3.2 O TREINO: REPETIÇÃO E PERMANÊNCIA", com questões temporais sobre a prática; "3.3 OS SIGNIFICADOS DO DOGI E DO DOJO", com entendimentos sobre a vestimenta e o local de treino do praticante; "3.4 OS LEMAS NO KARATE", ressaltando a compreensão acerca do dojo-kun[4]; "3.5 KARATE TRADICIONAL E KARATE ESPORTIVO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS", com reflexões acerca do antigo e moderno no Karate; "3.6 RELAÇÃO MESTRE-DISCÍPULO", apresentando questões sobre relações de poder; "3.7 KARATE E O AUTOCONHECIMENTO", discutindo a questão da prática associada ao autoconhecimento; "3.8 O QUE É SER KARATECA?", tematizando o significado de ser praticante de Karate; "3.9 MOTIVAÇÕES PARA O TREINAMENTO E CONSELHOS PARA UM INICIANTE", desenvolvendo reflexões sobre o significado de treinar e conselhos para iniciantes.

---

[3] Segundo Molle (2010), a palavra nativa para chamar artes marciais japonesas é Budo ou Bujutsu. Budo é um composto da palavra *Bu*, que significa guerra, e *Do*, que significa caminho ou maneira. Similarmente ao budo, o Bujutsu é um composto das palavras *Bu* e *Jutsu*, que significa ciência, artesanato ou arte. Budo é frequentemente traduzido como "o caminho da guerra" ou "caminho marcial", enquanto o bujutsu é traduzido como "ciência da guerra" ou "arte marcial". De fato, é muito difícil delinear com precisão as diferenças entre Budo e Bujutsu. Às vezes, as diferenças são consideradas históricas; outros citam diferenças nos métodos de treinamento, filosofia de treinamento ou ênfase no desenvolvimento espiritual.

[4] "[道場訓] – Instruções do local do Caminho" (LOPES-FILHO, 2013b, p. 32).

Por fim, na quarta parte do texto são expostas as considerações finais da pesquisa, seguida das referências e anexos. O estudo do Karate a partir da percepção de mestres e alunos permite uma aproximação enriquecedora ao tema, sugerindo diferentes perspectivas para a compreensão deste fenômeno e novas possibilidades de pesquisa.

1.1 JUSTIFICATIVA PESSOAL – MEMORIAL

Na sequência, abordarei a justificativa pessoal que possui como função ilustrar a minha escolha pelo tema. A minha motivação para fazer o curso de Educação Física está atrelada ao Karate, na medida em que há 18 anos essa arte marcial faz parte de minha vida, e começou após me formar no Ensino Médio – talvez influenciado por professores dessa área, mas principalmente pelas palavras de incentivo de meu mestre de Karate, Luis Ivan, que era formado em Educação Física na Universidade Federal do Paraná (UFPR), a qual me formei posteriormente.

Fui criado em Curitiba desde 01 (um) ano de idade e residi em vários bairros da periferia dessa cidade, principalmente, no bairro Cidade Industrial de Curitiba (CIC), o qual é uma região de baixa renda. Em decorrência estudei em várias escolas públicas com certo grau de violência e criminalidade local, mas, apesar disso, desde pequeno fui muito ativo, visto que ao passar as férias, quando criança, com meus avós na cidade de Guapirama, interior do Estado do Paraná, aproveitava com meus primos a natureza ofertada, isto é, subia em árvores para pegar frutas, jogava futebol em pastos junto aos bois, vacas e outros animais.

Outrossim, comecei a trabalhar cedo e com 15 anos de idade tive meu primeiro emprego, trabalhando como auxiliar de estoque e empacotador em um supermercado. Em seguida experimentei o trabalho em escritório e na sequência como auxiliar de informática, em outras ocasiões como *office boy* e estoquista em shoppings. Além disso, o último emprego de carteira assinada ocorreu em uma fábrica de computadores perto de minha casa no bairro Cidade Industrial de Curitiba (CIC), e naquele momento eu tinha mentalizado a meta a atingir: passar no vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A meta teve como influência as palavras de incentivo dos professores de cursinhos preparatórios que frequentei para fazer a prova da UFPR. Foram 4 anos tentando entrar nessa universidade, contudo, o primeiro vestibular foi para o curso de Ciência da Computação, no qual não fui aprovado, o que apesar de doloroso foi bom,

visto que provavelmente não seria tão feliz. Assim, passado o tempo, fui aprovado não só em Educação Física na UFPR, mas também em outras duas universidades públicas e uma particular. Não obstante, meus pais não tinham condições para pagar uma faculdade particular e o fato de culturalmente terem um posicionamento de vida visando primeiro o trabalho e depois o estudo me condicionou a andar na contramão por certo tempo. Eles tinham bons argumentos, porém eu estava disposto a modificar minha realidade, o que ocasionou alguns atritos familiares naquele período.

Desse modo, a preparação para o último vestibular que prestei foi difícil, pois eu trabalhava na fábrica de computadores, das 22 h às 06 h da manhã e saia do trabalho direto para o cursinho enfrentando uma hora de ônibus até o centro da cidade. Assim, chegava em casa às 14 h e dormia a tarde toda para voltar a fábrica e trabalhar de segunda a sábado. Desse modo, nos intervalos do trabalho e aos finais de semana eu estudava as disciplinas do cursinho, porém, no segundo semestre, apostei todas as minhas fichas no vestibular, pedi demissão e usei a quantia proveniente da rescisão contratual trabalhista para me dedicar somente aos estudos, além disso, passei a frequentar um cursinho mais barato.

Dessa maneira, estudando no curso de educação física fiquei deslumbrado pela oferta de conhecimento e estrutura oferecida pela universidade, assim logo na primeira semana de aula procurei um grupo de pesquisa para participar e esta foi a gênese da minha vida acadêmica. Durante a formação acadêmica fiquei envolvido não somente com as disciplinas da graduação, mas também com as pesquisas científicas e em decorrência frequentei 04 (quatro) grupos de pesquisa, trabalhando nas temáticas: Gênero e Sexualidade (PIBID)[5], Nutrição Esportiva, Talento Esportivo (PIBIC)[6] e Sociologia e História das Artes Marciais (PIBIC).

Neste contexto, iniciei minha jornada em campos que me mostraram oportunidades e abriram portas até chegar ao mestrado, isto é, foram diversas viagens a

---

[5]Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Fonte: http://portal.mec.gov.br/pibid.

[6]O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de (IC) é concedida diretamente às instituições, estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do Programa. Os estudantes tornam-se bolsistas a partir da indicação dos orientadores. Fonte: http://cnpq.br/pibic.

congressos, cursos de verão e apresentações de trabalho, sempre envolvendo o Karate como tema elementar e por intermédio dele desenvolvi trabalhos abordando gênero e sexualidade, estudando casos como, por exemplo, por que o gênero feminino prefere esportes como vôlei e danças, enquanto que o gênero masculino prefere outros esportes como futebol e lutas? Por outro lado, na nutrição esportiva observei como o organismo humano funciona para atletas lutadores (MMA, Judô, Karate etc.), enquanto que no Talento Esportivo fiz pesquisas que detectaram jovens lutadores como potenciais atletas olímpicos, e criei, em consequência, metodologias de treinamento e seleção. Por sua vez, no campo das Ciências Humanas, estudei artigos que ajudaram a refletir sobre as artes marciais abordando a história de determinadas modalidades de lutas e seus desdobramentos socioculturais.

Neste sentido, no campo das Ciências Humanas e em especial a sociologia do esporte, percebemos através de artigos e obras de renomados sociólogos, tais como Pierre Bourdieu e Norbert Elias, como compreender o desenvolvimento das diversas culturas corporais do movimento, tanto em lutas do Oriente quanto do Ocidente, através das temáticas: o processo de esportivização, os campos existentes entre uma organização (federações) e seus agentes (presidentes, técnicos, atletas).

Por fim, tive breve experiência no campo das Políticas Públicas para o Esporte de Alto Rendimento fazendo parte de um grupo de pesquisa que fornecia trabalho para o Ministério do Esporte na catalogação e classificação de atletas do Programa de Bolsa Atleta, no qual estudamos como são gerenciados os diversos programas de desenvolvimento do esporte no Brasil.

Ademais, tanto meu trabalho de monografia quanto uma iniciação científica abordaram o Karate, respectivamente: *A introdução do Karate Shotokan em Curitiba: memórias e processos* e *A introdução do Karate Shotokan no Estado do Paraná*. Estes estudos foram resultado de 02 (dois) anos de trabalho em campo, viajando pelo Estado do Paraná, especialmente nas cidades de Londrina, Maringá, Apucarana, Paranavaí, realizando entrevistas, transcrevendo as falas dos depoentes, para depois dialogar com a literatura e tentar compreender os fenômenos sociológicos e históricos intrínsecos, gerando participações em congressos, tanto com apresentações orais quanto de pôsteres[7].

---

[7] OLIVEIRA, M. A. **A introdução e difusão do karate shotokan em Curitiba: memórias e processos**. Monografia de Graduação em Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Paraná - UFPR, [s. l.], 2015.; OLIVEIRA, M. A. **A introdução do Karate Shotokan no Estado do Paraná**. Trabalho de

Como Conheci o Karate

Como já mencionado, o Karate faz parte de mim como *habitus*, isto é, como algo que conheci, e em decurso aprendi elementos e incorporei condutas éticas, morais, filosóficas, motivacionais, bem como maneiras de reagir em situações difíceis. Além disso, a fim de contextualizar as motivações para esta pesquisa, parto para um breve relato de como conheci essa modalidade e, posteriormente, tento explicar como a percebo e o que ela significa para mim.

O Karate já fazia parte de meu cotidiano mesmo antes de eu saber o que ele era, na medida em que a década de 1990 foi marcada por fortes emoções tanto boas como ruins, visto que entre os 7 a 15 anos de idade acompanhei muitos animes na televisão, como *Power Rangers*, *Jaspion*, *Cavaleiros do Zodíaco*, *Giraya*, *Fleximans*, entre outros, até os novos heróis em desenhos animados dos anos 2000, como *Dragon Ball*, nos quais haviam inúmeros elementos marciais, condutas morais, bem como a ideia de hierarquia (mestre e discípulo) entre outros que me intrigavam e fomentavam o desejo de querer ser um deles. Além destes, havia filmes que me empolgavam, em especial com os atores Bruce Lee, Van Dame, Chuck Norris, Jet Li, os quais enriquecendo minha experiência acerca das lutas marciais.

Certo dia, do ano de 2000, enxerguei pela porta aberta de uma casa no Bairro Cidade Industrial, cidade de Curitiba, um rapaz de cerca de 45 anos, treinando dentro de sua residência. Não me aproximei naquele momento, todavia, em outra ocasião perguntei o que ele estava praticando, e assim, na companhia de meus irmãos, comecei a treinar Karate com ele. A partir dessa iniciação frequentei outras academias, tive contato com outros estilos de Karate e até tentei praticar outras lutas, todavia, o Karate era a arte marcial que mais me preenchia ao trazer motivação para continuar treinando.

Motivações para Treinar e Estudar

Inicialmente o que despertava minha curiosidade pelo Karate era a ideia de hierarquia, a qual se materializava com o respeito entre mestre e discípulo através de

---

Iniciação Científica. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2016. (Disponíveis no Currículo Lattes no endereço: http://lattes.cnpq.br/2978158335651339).

normas de conduta para entrar no Dojo[8], bem como aqueles rituais orientais de inclinar o tronco abaixando a cabeça. Tais elementos orientais, por serem ímpares à cultura brasileira despertavam meu interesse, o qual era sincronicamente intensificado com os desenhos e filmes.

Além destes, a atmosfera militar do Karate também despertava minha imaginação, visto que ela se consubstanciava por intermédio da padronização do uniforme (quimono branco) e a hierarquia das faixas (níveis de habilidade), bem como outros elementos acerca da noção de determinação, na medida em que os treinos eram destinados para tentar realizar o movimento perfeito (golpe/técnica) e para querer vencer um oponente imaginário (possível adversário que enfrentaria quando aperfeiçoasse minhas técnicas, frequentasse campeonatos e encontros de Karate).

Assim, os treinamentos exigiam "disciplina" para o aperfeiçoamento das técnicas, na medida em que o Karate possui inúmeros movimentos complexos, os quais requisitam alta carga horária nos treinos e paciência para "interiorizá-los", de modo a deixá-los parecendo naturais quando executados. Além disso, a execução de qualquer tipo de técnica exigia muita força de vontade para sua realização em alto nível.

Outrossim, a ideia de ser aguerrido também chamava minha atenção na medida em que ela se concretizava na vontade de vencer um adversário, ou de subir no pódio. Essa ideia é comum a outras modalidades, as quais exigem do praticante determinação e repetição de movimentos que lhe garantirão melhor performance quando estiverem lutando ou competindo. Esta disciplina se aproxima a noção do guerreiro, bem como do samurai japonês, imbuído de conceitos morais, silêncio e muito trabalho. O Karate também possui a ideia de economia de energia, na medida em que os próprios socos e chutes foram desenhados antigamente seguindo essa noção, isto é, os golpes devem ser contundentes, rápidos, explosivos, com o intuito de nocautear o adversário rapidamente. Atualmente, em virtude da proximidade do Karate com o esporte, é buscado pontuar com movimentos rápidos e precisos, mas sem ferir o adversário.

Por sua vez, a plasticidade dos movimentos, seja nos *katas* (formas) ou no *kumite* (lutas) me motivaram a observar o praticante mais exímio. Além disso, o *kime* (firmeza dos movimentos) também chamou a minha atenção. Assim, os movimentos bruscos, secos, que ressoam, com deslocamentos rápidos, ágeis, inesperados – sem

---

[8] Optamos por utilizar a palavra Dojo em inglês, sem o acento.

dúvida alguma é uma das coisas mais fantásticas que já vi na vida e que me apaixonou, ainda mais quando pude executá-los[9].

Essa possibilidade do praticante imaginar vários adversários ao seu redor e, assim, executar vários golpes no ar mantendo o olhar fixo no horizonte (uma espécie de teatro) me desperta o interesse. O diálogo com mestres de minha cidade e até fora do meu estado também me aproximou mais do Karate. A partir do momento que um mestre antigo olha e corrige, o karateca experiente principalmente, percebe que está sendo privilegiado (ainda mais quando o mestre tem traços orientais). Essa imagem é muito forte nos filmes: o mestre japonês ensinando seu discípulo totalmente aberto ao conhecimento. Essa experiência de fato reflete na academia. Acredito que isso está associado à cultura japonesa, a ideia de respeitar o mais velho, o mais graduado, o imperador.

No Karate, por exemplo, seguimos a "cultura do Oss" – o mestre falou então temos que fazer! Sem questionar! De forma mais simples: a cultura do Oss (palavra utilizada quando querendo afirmar algo, por exemplo, respondendo "sim") é bastante usada seguindo o exemplo da hierarquia militar – como se um comandante do exército desse uma ordem.

Por fim, o que me instiga também é conhecer o passado, saber como foi a introdução do Karate num local específico, bem como relacionar com o contexto histórico da época (o que estava acontecendo, revoluções, crises, embates políticos) e estabelecer o diálogo entre história e sociologia ao buscar como interagem os agentes (mestres, professores, alunos, técnicos, presidentes) com as estruturas (escolas, academias, federações, instituições governamentais).

Ouvir os mestres antigos não é somente buscar saber o passado, mas aprender com eles experiências enriquecedoras. As histórias de vida contadas para pessoas que ainda estão se descobrindo, como eu, possuem valor incalculável. Ouvir pessoas de idade já avançada sobre aquilo que você pratica no dia-a-dia é ter um outro panorama sobre o mesmo objeto. Enfim, trabalhar com seres humanos, perceber em suas falas suas motivações, suas inquietações, seus saberes, desilusões, frustrações, nos ajuda a nos conhecermos também por meio de histórias que se assemelham ou se distanciam das nossas.

---

[9] Ver vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=SVcyQyn2gNA.

Assim, é possível identificar ao longo de minha história, alguns elementos que mobilizam meu interesse pelo Karate: os rituais durante o treinamento, o respeito aluno-mestre, a tradição e cultura japonesa intrínseca, alguns elementos religiosos (associados ao budismo e taoísmo) presentes nos rituais; o rigor no treinamento, o estar presente (estar inteiro durante o treino, no sentido de ignorar os problemas mundanos), o apelo estético tanto buscado para melhorar a performance dentro do dojo quanto fora dele, motivações vindas da sociedade (como filmes contendo lutas, atores famosos, games e *cartoons*), e até mesmo a exaltação de tal sentimento de pertencimento ou identidade personificada em tatuagens com símbolos referentes a estilos de Karate, movimentos, ou lemas correlacionados. Isso tudo faz-nos refletir sobre as diversas esferas e a proporção que uma arte marcial originada no Japão adquiriu na sociedade ocidental.

Quando entrei para a Educação Física pensava em seguir uma carreira de bacharel voltada ao treinamento. Assim, tinha uma visão restrita sobre esse curso – provavelmente devido ao que via na escola ou na mídia. Depois que fui conhecendo o curso e as diversas áreas que poderiam ser exploradas, principalmente com a pesquisa, percebi que tenho mais afinidade com o referencial das humanidades (sociologia, história, filosofia, pedagogia). A experiência na graduação orientou minhas escolhas de pesquisa para a pós-graduação, aonde busco ampliar meus conhecimentos acerca do Karate sob a perspectiva das humanidades. Meu gosto pela área ganha seus primeiros passos no Ensino Fundamental e Médio, quando me interessava muito pelas aulas de história, geografia, filosofia. Paralelamente, a Educação Física, estava no meu gosto pelos esportes oportunizados na infância e mais tarde pela aproximação com as lutas. Unindo os dois, Educação Física e Ciências Humanas, encontro mais motivação para continuar na vida acadêmica, pois sempre gostei de ensinar, compartilhar conhecimento e conhecer pessoas num campo que cada vez mais cresce em nossa área.

1.1 Objetivo Geral

Tem-se que este estudo possui como objetivo geral compreender os rituais, as tradições e os significados no Karate a partir da percepção de mestres e alunos. O trabalho servirá para a elucidar como se manifestam os vários elementos que compõem o Karate – dogi, dojo, relações, representações dentre outros. A pesquisa também tem como função demonstrar que através de narrativas pode-se revelar ricas discussões.

Espera-se que o estudo tenha como resultado uma abundante descrição do fenômeno a partir do diálogo da literatura com os relatos dos entrevistados.

1.1.1 Objetivos específicos

- Descrever os rituais, identificando intencionalidades que são próprias do Karate, bem como possíveis diálogos entre os karatecas e o ambiente de prática;
- Apontar tradições e analisar esforços dos praticantes de resgatar e/ou preservar elementos do passado;
- Descrever significados de elementos materiais e simbólicos do Karate.

1.2 METODOLOGIA

O presente estudo possui a finalidade de pesquisa básica, pois foi projetado para aprofundar o conhecimento científico sobre o tema: “O karate: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos”. Outrossim, também é uma pesquisa descritiva e exploratória, combinando a consulta a livros e trabalhos acadêmicos (artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado), com pesquisa de campo. A pesquisa de campo contou com observação de aulas, registro em diário de campo, bem como realização de entrevistas.

Destarte, a pesquisa visa descrever um fenômeno existente e almeja explorar novos elementos destacados das falas dos entrevistados, em diálogo com o referencial teórico, especialmente de teor histórico e filosófico. De mais a mais, o procedimento da pesquisa é bibliográfico, pois foram analisados livros e trabalhos acadêmicos, para fundamentar a discussão.

Em síntese, a pesquisa foi realiza a partir de revisão bibliográfica, estudo teórico e análise de entrevistas com praticantes experientes de Karate, tratando-se, de uma pesquisa qualitativa. Segundo Neves (1996, p. 1), este tipo de pesquisa “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”. Inicialmente foi buscado aprofundamento teórico com estudo histórico acerca do Karate, bem como foram

exploradas publicações específicas sobre essa arte marcial com o referencial teórico da fenomenologia[10].

Posteriormente, foi buscado ampliar o entendimento da dinâmica do fenômeno com a realização de uma entrevista a mestres e praticantes de karate. Optou-se pela utilização de entrevista como um instrumento de pesquisa, uma vez que "proporciona a(o) pesquisador(a) maior possibilidade de explorar e aprofundar uma questão específica de modo individualizado, qual seja" (TELLES, 2018, p. 52). Percebe-se, por exemplo, nos estudos de Rubio (2013, 2015, 2018) fundamentos para interrogar atletas, professores, mestres e assim buscar compreender o presente a partir da análise sobre o passado dessas pessoas. Ao registrar as experiências dos depoentes o método também dá a quem expõe sua história oportunidades, isto é, "ele a reconstrói, fazendo da imaginação o elemento necessário para a verdadeira recordação" (RUBIO, 2013, p. 5).

Nesta conjuntura, foram realizadas entrevistas com mestres e alunos de Karate que forneceram elementos para posterior análise, as quais foram registradas por meio de gravador de som e transcritas de forma literal (GÜNTHER, 2006) para garantir a acurácia do registro e facilitar a análise (GODOY, 1995). Os professores e alunos de Karate selecionados para a entrevista atenderam aos seguintes requisitos:

- Ao menos uma das escolas de Karate visitadas deve ser considerada pioneira no Brasil;
- Uma das escolas de Karate visitadas deve ter vínculo com organizações esportivas, portanto, promovendo o Karate esportivo;
- Os alunos de Karate deveriam ser indicados pelos mestres e selecionados pela sua experiência com a prática – justifica-se essa abordagem pela complexidade de encontrar alunos dispostos e comunicativos para as entrevistas;
- Os praticantes de Karate devem estar disponíveis para entrevista e de acordo com os direitos de imagem e divulgação do trabalho, atendendo

[10] A fenomenologia é um referencial teórico que tem como expoentes desta perspectiva o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) e o francês Merleau-Ponty (1908-1961). Segundo Carmo (2011, p. 17), "caracteriza-se a fenomenologia como uma corrente da filosofia que não faz distinção entre o papel atuante do sujeito que conhece – como ocorre no racionalismo – e a influência do objeto conhecido – como ocorre no empirismo. A consciência é sempre consciência *de* alguma coisa e o objeto é sempre objeto *para* uma consciência. Para a fenomenologia não existe o objeto *em si* destacado de uma consciência que o conhece. O objeto é um fenômeno".

as recomendações do Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP).

Com vistas a atender o requisito de encontrar uma academia de Karate pioneira no Brasil, foram analisadas fontes documentais (revistas, jornais, reportagens, imagens, fotografias, artigos, livros) e, assim, foram levantadas diversas academias, em que optou-se pela Escola de Karate Butoku-Kan (São Paulo-SP). Assim, optou-se por entrevistar os praticantes dessa academia por ser mais acessível em termos de deslocamento para o pesquisador[11].

Por sua vez, na busca pela escola de Karate com envolvimento técnico esportivo, buscamos no site da Confederação Brasileira de Karate (CBK, 2018) – organização que representará o Brasil nos Jogos Olímpicos de 2020[12], em Tóquio, Japão – e, assim, optou-se por entrevistar os praticantes do Instituto Ricardo Aguiar[13].

A identificação, bem como a precisão do contato desses professores são de responsabilidade do autor desta dissertação de mestrado. Ademais, um fator importante para a concretização desta pesquisa é a proximidade do autor para com o fenômeno tratado, pois está no meio do Karate a mais de 15 anos.

É importante destacar que os nomes e sobrenomes verdadeiros dos entrevistados deste trabalho foram substituídos com vistas a omitir a identidade dos mesmos, no entanto preservou-se a identidade de gênero de cada entrevistado.

Desta forma, foram entrevistados 8 (oito) praticantes de Karate, sendo 4 (quatro) participantes provenientes da Escola de Karate Butoku-Kan, localizada na cidade de São Paulo, Capital; e 4 (quatro) oriundos do Instituto Ricardo Aguiar, escola localizada em Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP), assim, foram tomados todos os cuidados éticos para pesquisa com seres humanos, bem como em acordo com os direitos de imagem e divulgação do trabalho.

---

[11] Essa escola de Karate está localizada na rua Cunha Gago 798, Pinheiros, São Paulo Capital.

[12] Devido a pandemia desencadeada pelo coronavírus (COVID-19), provocada na segunda metade do ano de 2019, ocorreu o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio do ano de 2020 para o ano de ano de 2021 (até o momento da publicação desta dissertação).

[13] Essa escola de Karate está localizada na avenida Wlademir Meirelles Ferreira 1660, Jardim Botânico, Ribeirão Preto, São Paulo.

A partir das observações no contexto e das entrevistas fornecidas, a pesquisa buscou explorar os principais elementos presentes na experiência do karateca. Portanto, não se trata de uma comparação entre as duas escolas, mas de buscar percepções distintas sobre um mesmo fenômeno a fim de descrevê-lo com maior riqueza.

Assim, as entrevistas pautaram-se em quesitos acerca da experiência no Karate, elaboradas a partir de estudo bibliográfico inicial e organizadas em questionário semiestruturado (ANEXO 1). Deste modo, as questões eram apresentadas e o participante descrevia sua experiência. Salienta-se que o método proposto permitiu aos entrevistados expressar sua experiência com espontaneidade, descrevendo o que sentem, como interpretam, ou mesmo como vivem o Karate[14].

É importante ressaltar que as percepções dos entrevistados, assim como os estudos que englobam histórias de vida de atletas e professores "interessa ao pesquisador por captar valores que transcendem o caráter individual do que é transmitido e que se insere na cultura do grupo social ao qual o ator social que narra pertence" (RUBIO, 2013, p. 2).

Este trabalho também fundamentou-se na experiência metodológica de trabalhos já realizados em estudos de Barreira (2013) e Telles (2018), os quais, a partir da fenomenologia, discorrem análises sobre o Karate, explorando diferentes aspectos desta prática.

Nos relatos dos praticantes foram identificados pontos convergentes, bem como visões particulares de determinados elementos. Nesse sentido, a leitura das entrevistas, de modo reiterado, trouxe à tona elementos aqui selecionados para pensarmos a experiência corporal a partir do Karate. Outrossim, o referencial teórico auxiliou nos momentos seguintes da pesquisa, isto é, na análise das narrativas associados à literatura.

---

[14] Entendemos que a percepção pode ser compreendida em diferentes camadas, sejam elas discursivas, narrativas, simbólicas, experienciais ou de outra natureza. Assim, na busca por explorá-las é possível lançar mão de ímpares possibilidades de metodologia (que podem estar alinhadas, ou não, com a abordagem fenomenológica). Existem metodologias como, por exemplo, de análise do sujeito coletivo que comenta acerca de uma ou várias análises do discurso, de modo que as narrativas biográficas exploram a memória (RUBIO, 2018). De outro giro, em campos mais simbólicos, podemos trabalhar significados e representações. Por outro lado, do ponto de vista experiencial, não raro, mais próximo da percepção podemos problematizar junto aos estudos teóricos de Merleau-Ponty acerca da vivência empírica como uma análise mais reduzida, no sentido de uma redução fenomenológica, que alcança a vivência intencional como elementos sem os quais o fenômeno não se realiza. Neste contexto, o presente trabalho está próximo dos níveis simbólico e representativo, visto que o discursivo é obtido a partir da experiência como espontaneidade. Salienta-se que é preciso considerar que as entrevistas não são exaustivas a ponto de explorar todas experiências vividas pelos entrevistados, todavia, vão ao encontro da compreensão daquilo que os praticantes pensam, bem como de suas opiniões e qual a representação daquilo que fazem.

Assim, buscou-se interpretar o fenômeno apresentado descrevendo-o a partir do olhar dos entrevistados em diálogo com a literatura da área (NEVES, 1996). Segundo Rubio (2013), o relato do depoente carrega consigo elementos importantes para pensar sua trajetória, na medida em que apresenta sua vida, enxergando-se no presente momento. Essa ação ou atitude reflexiva dá vazão à re-experimentação de situações passadas do entrevistado, ao mesmo tempo em que ajuda o pesquisador com a contextualização do tema discutido. Deste modo, episódios pontuais, oriundos de tempos remotos, são resgatados, fazendo com que a compreensão do tema desdobrado acabe sendo mais fluído.

Com efeito, o estudo abrangeu associações com a fenomenologia, na medida em que, é a partir de tal referencial, que a busca da compreensão do fenômeno do Karate, bem como a descrição do mesmo, é desenvolvida.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Ao iniciar a revisão de literatura buscamos identificar os estudos acerca do Karate no cenário acadêmico científico. Segundo estudo de Correia & Franchini (2010) até a primeira década do século XX, havia poucos estudos envolvendo lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) nas principais revistas acadêmicas/periódicos de Educação Física e Esporte. Constatou-se também o predomínio de estudos na Biodinâmica (40%), seguidos pelos Estudos Socioculturais do Movimento Humano (32%) e Comportamento Motor (8%). Franchini & Vecchio (2011) também apresentam uma relação de eventos científicos e instituições que buscam promover a pesquisa nesa área, tais como a *Internacional Association of Judo Researchers* (IAJR), a *International Network of Wrestling Researchers* (INWR), *International Martial Arts and Combat Sports Scientific Society*. Os autores ainda destacam a existência de vários periódicos específicos tais como a *Journal of Wrestling Science*, a *Jounées de Recherches et de Réflexions sur les Sports de Combat et les Arts Martiaux* (Jorrescam), a *Archives of Budo*, o *Journal of Martial Arts and Combat Sports*, *Journal of Asian Martial Arts*, Ido – *Jornals of Martial Arts Anthropology*; *Eletronic Journals of Martial Arts Anthropology*; *Eletronic Journals of Martial Arts and Sciences*; e números temáticos em outros periódicos, tais como o *Journal of Sport Sciences and Medicine* (FRANCHINI; VECCHIO, 2011).

Com relação a grupos de pesquisas no Brasil, em análise realizada em abril de 2018 no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq contatamos a existência de vinte e um (21) registros contendo a temática L/AM/MEC, distribuídos em diferentes universidades e estados.

Considerando o referencial da área sociocultural, encontram-se na literatura nacional, mesmo que em pouca quantidade, estudos abordando artes marciais em geral, bem como publicações específicas sobre o Karate. Pimenta & Marchi Jr. (2007; 2009) usam a perspectiva sociológica de Bourdieu para analisar o Taekwondo, Frosi & Mazo (2011; 2012), Bartolo (2014) e Oliveira (2015, 2016b), realizam estudos históricos acerca do Karate no Brasil. No artigo de Frosi & Mazo (2011) constata-se uma crítica sobre diversas fontes que tratam do desenvolvimento e introdução do Karate no Brasil. Em sua dissertação de mestrado Frosi (2012), desenvolve uma análise histórica acerca da introdução do Karate no Brasil com ênfase no estado do Rio Grande do Sul. Bartolo (2014) discorre sobre a disseminação do Karate do Japão para o mundo. Na sequência,

em seu livro, aborda a introdução do Karate a nível nacional apontando os principais professores introdutores no Brasil, suas primeiras escolas de Karate e como se configuraram as primeiras federações e confederações da modalidade no país. O terceiro autor, Oliveira (2015 e 2016), discorre sobre a introdução do Karate estilo Shotokan em Curitiba e analisa historicamente como foi a introdução do Karate Shotokan em outras quatro cidades do estado do Paraná: Apucarana, Londrina, Maringá e Paranavaí.

No contexto das pesquisas com referencial das humanidades, autores como Cristiano Barreira (2013), Lage & Gonçalves Júnior (2007) e Thabata Telles (2018) se sobressaem com trabalhos acerca do Karate no âmbito da fenomenologia, considerando entrevistas com vários professores de Karate de renome no Brasil. O primeiro autor mencionado publicou um livro intitulado "*O sentido do Karate-Do – faces históricas, psicológicas e fenomenológicas*" (BARREIRA, 2013) fruto de sua tese de doutorado. O segundo autor, publicou o artigo "*Karatê-Do como própria vida*" (LAGE e GONÇALVES JÚNIOR, 2007). Já a tese de doutorado "*Corpo a corpo: um estudo fenomenológico no karate, na capoeira e no MMA*" (TELLES, 2018) é da terceira autora. Dentre os estudos selecionados por meio de uma etapa de revisão de literatura, tendo em vista o escopo desta pesquisa, destacam-se as contribuições das referidas obras.

Há, também, contribuições importantes provenientes da literatura internacional elaborados por Oliveira e Zimmermann (2018). Esse estudo teve como objetivo expor artigos científicos internacionais encontrados na literatura que estabelecem relações entre filosofia, fenomenologia, artes marciais e o Karate. A revisão bibliográfica foi a metodologia utilizada para a realização do trabalho que se desdobrou a partir do Portal de Periódicos CAPES/MEC (Sucupira) e websites específicos de alguns periódicos. O recorte temporal se estendeu de 1993 à 2017 dado os resultados coletados. As palavras-chaves utilizadas foram: *philosophy, phenomenology, martial arts, karate*. A pesquisa encontrou na literatura treze artigos. Desta forma, o estudo demonstrou o estado da arte de pesquisas em artes marciais sob a perspectiva da fenomenologia.

A revisão de literatura irá apresentar os tópicos que consideramos importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Iniciaremos com uma introdução histórica do Karate, aprofundando em algumas questões que poderão auxiliar na compreensão dos elementos considerados tradicionais nesta arte marcial. Em seguida serão apresentados os principais tópicos desenvolvidos em pesquisas de cunho fenomenológico acerca do Karate, que posteriormente auxiliarão no desenvolvimento da discussão.

2.1 KARATE: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA

A partir deste e nos próximos capítulos – "Confucionismo, Budismo, e Xintoísmo: códigos e condutas no Karate"; "O Bushido: o código de ética dos samurais; e "Aproximações e distanciamentos entre Budo e Bushido" – apresentaremos a introdução do processo histórico do Karate no Japão, desde a Era Edo (1603-1867) até os dias atuais. Nesta perspectiva, o capítulo tem por escopo a compreensão dos rituais, as tradições e os significados no Karate a partir da percepção de mestres e alunos, na medida em que colabora ressaltando tensões, rupturas e conceitos que envolvem a prática, a saber: contextualização do espaço-tempo onde o Karate se desenvolveu na Era Edo, especialmente em Okinawa; introdução no Japão Continental a partir do século XX; influências confucianas, budistas e xintoístas da prática marcial; conceitos de Budo e Bushido e sua relação com o Karate; dentre outras discussões.

Dito isto, nos dias atuais, de acordo com informações da Web Japão, site patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês, existem 50 milhões de praticantes de Karate em todo o mundo, enquanto que para a Federação Mundial de Karate o número salta para 100 milhões de praticantes (BRASIL, 2018, s/p.). O Karate ou Karate-Dō como conhecemos hoje, apresentado como uma arte marcial e a *posteriori* também como esporte, passou por inúmeras transformações absorvendo diversos elementos culturais do Japão e da China, devido a sua história ligada a Ilha de Okinawa, localizada entre esses dois países.

Como mencionado por Kanashiro (2008), não se sabe com exatidão quando o Karate foi criado. Por outro lado, há um consenso entre pesquisadores de que essa modalidade foi desenvolvida no arquipélago Ryukyu, na Ilha de Okinawa[15]. Em meio a esse processo, a nomeação de estilos (*Shuri-tê*, *Naha-tê* e *Tomari-tê*), surgem a partir de uma visita de Jigoro Kano (1860-1938) a essa ilha, em 1927 (FIGUEIREDO, 2006; MCCARTHY; UCHINADI, 1999). Okinawa foi por muito tempo um estado vassalo, assim dependente do Império Chinês, desde o século XIII ou XIV (FROSI; MAZO, 2011).

---

[15]A província de Okinawa é constituído por mais de 160 ilhas dispostas em forma de cadeia, que basicamente podem ainda ser divididos em três arquipélagos principais, os arquipélagos de Miyako, Yaeyama e Okinawa, totalizando uma área de 2266 quilômetros quadrados. Banhado pelo Oceano Pacífico e pelo Mar da China Oriental, a Província possui uma população de aproximadamente 1.222.500 habitantes e uma densidade demográfica de 500 habitantes por km² (FOCO, 2011, s/p.).

As características do Karate daquela época eram bem diferentes das que conhecemos hoje. Essa modalidade foi batizada de *Te* inicialmente – a terminologia como Karate-Do viria somente no século XX. Suas técnicas, ainda que primitivas, serviram de autodefesa para uma classe de camponeses (*Heimin*), depois acabaram sendo incorporadas pelos guerreiros de Okinawa (*Peichin*) e, na sequência, exportadas por vários mestres para o Japão Continental (FROSI; MAZO, 2011).

Durante o século XVII as ilhas Ryukyu foram integradas ao Japão, assim, mantendo laços comerciais com o clã japonês de Satsuma que povoou a Ilha de Kyushu, a grande ilha mais ao sul do Japão Continental (HENSHALL, 2016). Segundo Ricardo Pires (2011) até 1609 as ilhas Ryukyu formavam um reino independente. Por outro lado, ao serem invadidas pelo clã de Satsuma tornaram-se um estado tributário semi-independente até 1879.

Na sequência, são incorporadas ao Japão, durante a Era Meiji, quando Okinawa passa a ter *status* de prefeitura.

> Okinawa era uma porta de entrada para o comércio com a China. Apesar de fechado, o Japão tinha interesses em manter relações com aquele país, da mesma forma que, sob controle japonês, o local era uma barreira para a entrada de estrangeiros portugueses e holandeses no Japão (SAKURAI, 2011, p. 132).

Segundo Kerr (2000), outra das razões históricas que aproximava o Japão Continental das ilhas Ryukyu eram o comércio por meio da pirataria que existia na região – originada no século XIV. Os *wako*, piratas japoneses, atacavam os navios que circulavam entre Japão, China e Coreia. Os samurais que haviam perdido seus senhores (os *ronin*), contrabandistas, samurais de baixo escalão e até senhores feudais, tinham relações com esses piratas. Posteriormente, as atividades dos *wako* começaram a decair a partir de uma lei chamada "selo vermelho[16]", promulgada pela xogum Toyotomi Hideyoshi, que foi desencadeada devido à pressão dos portugueses e chineses que faziam comércio com o Japão naquela época (SAKURAI, 2011).

Culturalmente o povo de Okinawa possui influências diversas devido a sua rica e miscigenada população, sobretudo da China, Coréia, Filipinas, Indonésia, dentre outros países. Acabaram tendo múltiplas particularidades em relação à cultura nipônica

---

[16] Era uma licença oficial que tinha como objetivo legalizar o comércio marítimo do Japão. Neste contexto, eram condenados como piratas os navios que não possuíam tal selo (SAKURAI, 2011).

dado a sua distância geográfica e história (ARAKAKI; OLIVEIRA; RUBIO, 2018). Neste contexto, emerge o preconceito histórico dos japoneses sobre os okinawanos, sobretudo com mais intensidade no século XIX quando houve a anexação do arquipélago Ryukyu. Os okinawanos eram consideravam como "*achinesados*", retrógados, uma raça inferior e de pouca inteligência (PIRES, 2011).

Para obter o *status* que possui hoje o Karate passou por um processo de *esportivização* (OLIVEIRA et al., 2019), entretanto sua tradição, conforme mencionado, remonta a tempos remotos, em particular, ao Período Tokugawa ou Edo[17] (1603-1867), recorte histórico marcado por um Japão fechado comercialmente para o mundo (com exceção do comércio com os chineses e holandeses). Segundo Kerr (2000), foi durante esse tempo que o clã de Shimazu, da suserania de Satsuma, invade o reino Ryukyu a partir de 1609, que passa a ser objeto de disputa de ambições japonesas e chinesas (GUEDES et al., 2019, p. 339).

> É importante ressaltar que durante certo período, por volta do século XVI, Okinawa era frequentemente atacada e invadida por clãs que proibiam o porte e a utilização de armas no território okinawano, o que impulsionou o desenvolvimento de uma forma eficaz de combate sem a utilização de armas (KANASHIRO, 2008, p. 11).

Guttmann e Thompson (2001), a ligação que o Karate possui com este período histórico no Japão está associado ao fato da acentuação de seu desenvolvimento enquanto arte marcial "secreta". Historicamente o Japão ficou isolado do mundo por mais de duzentos e cinquenta anos (1603-1867), no entanto Okinawa serviu como uma alternativa para alguns representantes do Japão comercializarem produtos e saberes. Tal período é posterior a chegada dos portugueses em terras japonesas (1543), considerados na história os primeiros ocidentais a aportarem por lá.

Essa aproximação, segundo Kenneth Henshall (2016), trouxe uma consciência nacional reforçada pelo processo de unificação e anexação que houve posteriormente durante o século XVII do arquipélago ao sul (Ryukyu) e ao norte (Hokkaido). Nesse período, a influência japonesa nessas áreas aumentou e o xogunato passou a exercer

---

[17] O Período Tokugawa que compreende-se de 1603 a 1867 recebe este nome derivado do sobrenome do xogum Tokugawa Ieyasu. Ele conseguiu unificar o Japão (processo iniciado por Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi) perdurando seu governo, passado de geração para geração, até 1867. Tokugawa *bakufu* significa xogunato Tokugawa, um sistema de governo militar orientada pelo xogum da família Tokugawa. Esse recorte histórico também recebe o nome de "Período Edo" ou "Era Edo", pois a capital do xogunato ficava na cidade de Edo, atual Tóquio (JANSEN, 1989).

pressão sobre os ocidentais de modo a expulsá-los com o tempo. Desta forma, a partir de 1639, qualquer estrangeiro, não autorizado, que tentasse entrar no Japão seria executado e as religiões permitidas foram somente a budista e a xintoísta (SAKURAI, 2011).

Por outro lado, se observou um florescimento, sobretudo, cultural desse país. Percebeu-se manifestações cada vez mais arrojadas e diversificadas do teatro, música, dança, pintura e o desenvolvimento do código de ética dos samurais – o Bushido – com o transcorrer desse período. Este código ou caminho do samurai teve grande repercussão e originou clássicos como *Hagakure* e *O Livro dos Cinco Anéis* de Yamamoto Tsunetomo e Miyamoto Musashi, respectivamente. Sua inspiração obviamente foi oriunda dos samurais, classe guerreira extinta no início da Era Meiji (1868-1912) (MARTON, 2013).

Segundo Jansen (1989), a elaboração desse código deu-se em concomitância com um período de paz no Japão – tal como foi o Período Tokugawa – espaço de tempo em que se viu construírem um imaginário rico de normas e condutas, crenças e tradições sobre a figura do samurai perante a sociedade japonesa. Assim, o Bushido floresce nesse período na tentativa de justificar a importância dessa classe guerreira, já que as batalhas, duelos, guerras, foram cessando em decorrência da dura política centralizada que os representantes máximos do poder adotaram durante mais de 250 anos do período Tokugawa (1603-1867). O Karate, de certa forma, se inspira neste legado samurai, em especial a partir da primeira metade do século XX (ZUCCHI, 2019).

Conforme mencionado, os samurais, mesmo com um *status* de classe guerreira, acabaram por ter poucas oportunidades de utilizar o ofício a qual estavam predestinados – servir um senhor. “Como o país entrava numa fase de estabilidade e de paz e até sem qualquer ameaça estrangeira real, os guerreiros passaram a ser supérfluos” (HENSHALL, 2016, p. 87). Neste contexto, “a vida dos samurais se resumia a manter o seu *status* vivendo à custa dos estipêndios recebidos e à espera de qualquer requisição de seus serviços” (SAKURAI, 2011, p. 116). Martins & Kanashiro (2010), comentam que, neste período, um dos prestígios que causava temor e ao mesmo tempo trazia respeito aos samurais, era a exclusividade no porte de armas.

> O auge do prestígio dos samurais se deu na Era Tokugawa. Eles eram a única casta social que podia portar armas no território japonês. As castas sociais se tornaram bem definidas durante essa Era e por ordem

> de importância eram: os daimiôs, os samurais, os lavradores, artesãos e comerciantes (MARTINS; KANASHIRO, 2010, p. 642).

Segundo Jansen (1989), no decorrer do Período Tokugawa a maioria dos samurais foi ficando ociosa, pois diminuiu-se drasticamente as guerras, ocasionando no final deste período situações paupérrimas para esta classe. “Estes homens, que constituíram a classe superior da ordem social, estavam, na realidade, muito embaraçados com a sua vida quase parasítica” (HENSHALL, 2016, p. 87). Alguns foram dedicar-se ao comércio ou ao ensino – estes de categorias inferiores (SAKURAI, 2011). Na ânsia de provar sua importância, travavam-se duelos muitas vezes desnecessários chegando a extremos absurdos. Neste contexto, emergiram expressões, modos de conduta, etiqueta, saberes e deveres articulados a formar a figura do samurai. Assim, nasce nesse período a imagem do ideal samurai, o Bushido (ou o caminho do guerreiro) (HENSHALL, 2016).

Outros fatores importantes, resultado do poder reinante naquele período, foram a expansão comercial e a centralização política. Houve um desenvolvimento econômico expressivo nesse período dado pelo “incremento da urbanização, da circulação de mercadorias, da difusão das atividades artesanais e do florescimento do negócio bancário e das companhias de comércio” (SAKURAI, 2011, p. 118).

Manifestações culturais foram amadurecendo no interior de um país que permanecia fechado para o mundo. Multiplicaram-se os espetáculos culturais, feitos em lugares fechados e abertos, o teatro *kabuki* evoluiu, juntamente com as marionetes, músicos, o *bunraku* – que ajudava a contar a história do Japão – os poetas, gueixas e contadores de história em geral tiveram um ambiente propício para se desenvolverem (SAKURAI, 2011).

Segundo Jansen (1989), os mercadores foram ganhando autonomia, enriquecendo, desenvolvendo uma cultura particular e assim criando maneiras para sobreviver frente a um governo que inicialmente não os valorizava. Um período que quase não teve focos de guerras, rebeliões ou revoltas acabou sendo propício para que movimentos culturais amadurecessem.

Assim, o xogunato dos Tokugawa teve sua aceitação, mas foi preciso muito sangue derramado e muita capacidade estratégica. “A unificação do país demandara anos de lutas até se consolidar, passando por intrigas, traições, arranjos e rearranjos de forças entre os senhores de terras, entre províncias e regiões” (SAKURAI, 2011, p.

122). A estratégia foi o fechamento do Japão para o mundo, afastando-se de ameaças comerciais e religiosas para a soberania numa tentativa de “manter a casa arrumada”.

Segundo Jansen (1989), como observamos, durante este período em que o Japão ficou “fechado” para o mundo, Okinawa serviu de “janela”, uma vez que possibilitou pequenas trocas comerciais através do vínculo tributário feito entre o Reino Ryukyu e a suserania de Satsuma. Neste contexto, o que pode ter colabora para o desenvolvimento do Karate foram as várias idas e vindas de embarcações que atracavam no porto de Okinawa, trazendo consigo mestres de artes marciais de diversos lugares (FROSI; OLIVEIRA, 2019).

Cabe apontar que um fator que pode ter colaborado de maneira substancial para o surgimento do Karate neste lugar corresponde aos decretos de proibição do porte de armas ao longo da história de Okinawa (KERR, 2000). É interessante levar em consideração que a ilha foi palco de inúmeras transformações históricas de cunho político-cultural, uma vez que sua posição geográfica propiciou diversos intercâmbios com outras culturas (JANSEN, 1989).

O uso de manuais de defesa pessoal como foi o Bubishi também foi uma alternativa para se sobressair frente aos ataques (MCCARTHY, 1995). Segundo Figueiredo (2006), o Bubishi – um emaranhado de registros de técnicas marciais chinesas – representa uma das principais referências que mestres de Karate de Okinawa emprestaram da China para nortear seus estilos de Karate na ilha.

Com exceção da hipótese mais antiga da introdução do Karate, segundo Figueiredo (2006), datada de 1393 através do estabelecimento de emigrantes conhecida como as “36 Famílias de Fukien”, o que se tem como registro sobre a introdução do Karate na ilha de Okinawa atravessa o período Tokugawa. Sabe-se da visita de um enviado chinês chamado Wang Chi a região de Shuri, onde ficou hospedado durante 6 (seis) meses e acabou por ensinar alguns residentes de Okinawa, em 1683.

Outro episódio ocorrido durante o período Tokugawa se refere a teoria Oshima Hikki, que remete a história de um navio que navegava de Okinawa para Satsuma, com relatos que traziam em seu enredo feitos de um chinês, em 1762, chamado Kushanku que sabia lutar (o Incidente de Oshima ou Oshima Hikki). Esse sujeito também é mencionado pelos mestres de Karate – Chojun Miyagi e Gichin Funakoshi – do século XX. Kanga Sakugawa (1782-1862) é conhecido como um dos mestres mais antigos com existência atestada, ao mesmo tempo em que apresentou uma grande influência das escolas chinesas de defesa pessoal (FIGUEIREDO, 2006).

Outras comitivas estiveram presentes em Okinawa, segundo Figueiredo (2006), é o caso de cinco ou seis militares chineses que lá passaram que provavelmente estiveram em visita de 1838 e 1866, vindos de Fuchou (China). Outro fato importante que marcou a história de Okinawa, em fins do período Tokugawa, foi um festival feito no jardim do Castelo de Shuri, em 24 de março de 1867, estando presente Zhao Xin, último Sapposhi (representante do governo chinês) e no qual houve apresentações de artes marciais.

Segundo Oliveira, Telles e Barreira (2019), com o término do período Tokugawa, o Karate deixou de ser paulatinamente uma modalidade de luta "secreta" para ser incorporado por instituições escolares em Okinawa[18]. Na sequência, com o transcorrer da Era Meiji (1868-1912) – período onde o Japão se abriu para o comércio internacional – houve grandes transformações como, por exemplo, a industrialização que acabou por ajudar o país a se tornar uma nação imperialista no continente asiático. Desta forma, o império japonês anexa a Ilha de Okinawa em 1879, que de um reino "autônomo" passa ao *status* de uma prefeitura (ou *ken*, em japonês) ligada ao Japão.

Ao longo de sua história o Karate carrega consigo várias transformações, na medida em que sua transição da ilha de Okinawa para o Japão Continental trouxe a necessidade de várias mudanças estruturais (terminológicas e técnicas). Neste contexto, motivado por atores sociais interessados em promover um Karate "moderno" (OLIVEIRA et al., 2018), Gichin Funakoshi protagonizou tais mudanças, ao mesmo tempo em que vivenciou durante a Era Meiji um período de constante abertura e crescimento do Japão em diversos setores (industrial, tecnológico, entre outros) (MCCARTHY; UCHINADI, 2011).

Uma série de fatores corroboraram para iniciar-se a Restauração Meiji (1868-1912), período em que o Japão se abriu para o mundo comercialmente se transformando e se fortalecendo enquanto um emergente império na Ásia. O xogunato foi derrubado e o controle do Estado voltou para as mãos imperiais em Kyoto. Dentre os principais fatores estavam os conflitos nacionais que "incluíam revoltas camponesas, disparidades entre a pobreza dos samurais e a riqueza dos comerciantes, bizarros exemplos de

---

[18] Com o transcorrer do tempo o Karate foi sendo disseminado no território japonês, na medida em que diversos agentes, especialmente mestres e alunos oriundos da ilha de Okinawa, migraram para o Japão Continental[18]. Ademais, durante a Era Meiji (1868-1912) adveio a abertura do comércio internacional japonês, contribuindo com o avanço de diversos setores (indústria, transporte, economia, educação dentre outros), bem como foram sistematizados elementos culturais estrangeiros, acompanhando o exponencial sentimento de nacionalismo da época (FROSI; OLIVEIRA, 2019).

milenarismo urbano e desafios ideológicos que exigiam a volta do governo imperial" (WALKER, 2017, p. 173).

Com o poder político transferido do xogum para o imperador o Japão acabou por se inclinar para uma crescente modernização. Assim, abriu-se espaço para um constante esforço no desenvolvimento de diversos setores (industrial, tecnológico, político, educacional, social dentre outros). Concomitantemente, no decorrer da Era Meiji houve o fortalecimento da honra confucionista. Por outro lado, uma das características da Era Meiji foi a ideologia da "cultura da vergonha", devido ao grande atraso tecnológico japonês perante o restante do mundo (NUNES, 2013, p. 25).

Segundo Jansen (1989), outro fator que reforçou a mudança política no Japão foi que o período histórico de transição da Era Tokugawa para Meiji coincidiu com a "Era de ouro do imperialismo" que estava ocorrendo no mundo, com a expansão de grandes potências mundiais tais como Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e Rússia. Considerando a situação geopolítica mundial, foi um tempo de cobiça e muitas pressões das grandes potências mundiais para a abertura dos portos ao comércio (ARAKAKI; OLIVEIRA; RUBIO, 2018).

A restauração que acaba ocorrendo com a volta do imperador japonês ao poder central e político do Japão, simbolicamente, é o corolário do processo. Percebeu-se a necessidade de uma mudança urgente do Japão passando, então, as rédeas do poder geopolítico do xogum para o imperador, este último orientado pelos seus conselheiros (JANSEN, 1989).

Nesta conjuntura, existiu um personagem importante no cenário de transição histórica do Japão. Segundo Walker (2017), Sakuma Shôzan (1811-1864) foi um político japonês que usava o *slogan* de "ética oriental como fundamento, tecnologia ocidental como meio" (WALKER, 2017, p. 178). Shôzan não queria que o Japão tivesse a mesma experiência que os chineses na Guerra do Ópio, a partir de um possível enfrentamento contra os estrangeiros. Percebendo a fragilidade bélica e econômica do Japão resolveu reunir uma série de conhecimentos que ajudaram o Japão a se armar e evoluir enquanto país emergente na Ásia para depois expulsar os estrangeiros (JANSEN, 1989).

Segundo Jansen (1989), com o enfraquecimento do poder do xogum acarretando na transferência de poder para o imperador, houve uma crescente pressão vinda de dois lados: uma dos estrangeiros querendo maior abertura nos negócios; e outra da sociedade japonesa querendo ações convincentes do imperador em prol da soberania nacional

frente a essa pressão estrangeira.

Assim, houve esforços para fortalecer a imagem do imperador. Este, juntamente com seus conselheiros, trazia para o Japão conhecimentos de fora, assim, alavancando vários setores que nem existiam ou estavam em estado primário de desenvolvimento (industrias, transportes, rodovias, hospitais, escolas etc.). Essa estratégia objetivaria transferir para o Japão mais tecnologia, o que serviria para futuramente expulsar os estrangeiros – frutos que irão colher somente durante a primeira metade do século XX (JANSEN, 1989).

Com a Era Meiji (1868-1912) floresceram ideologias voltadas a acentuar a xenofobia dos japoneses, grande parte influenciada pela ideia de nação como a única e grande família abrangendo todo o território japonês. Assim, reforçou-se a premissa de que todos os japoneses tinham ligação com a linhagem imperial, com ligação com a deusa do sol, Amaterasu (OLIVEIRA, 2017; SAKURAI, 2011). Segundo Henshall (2016), também houve influências de padrões de pensamento neste período.

A forte influência norte-americana fascinou muitos japoneses, principalmente aqueles que quiseram ousar em diversas manifestações como aponta Sakurai (2011) ao mencionar a música, a vestimenta, o cinema, a literatura, a ciência entre outros aspectos. Usufruir dessas influências tornou o Japão um país mais bem visto perante o comércio internacional – um mercado promissor para estrangeiros no começo do século XX.

Por outro lado, embalados pela abertura para o comércio internacional e adotando várias ações para desenvolver os diversos setores do Japão (indústria, transporte, educação, infraestrutura, estradas, mecanização agrícola, infraestrutura urbana) também cresceu fervorosamente o nacionalismo (WALKER, 2017).

Neste contexto, o nacionalismo se potencializa e acaba por criar para o Japão estruturas e legitimidade para, em seguida, iniciar suas invasões a países vizinhos. Desta forma, acabou por demonstrar a partir de seu arsenal tecnológico e comercial sua influência substancial geopolítica na Ásia (JANSEN, 1989).

Talvez um dos melhores investimentos que possivelmente trouxe substanciais transformações no Japão como um todo foi a valorização da educação. “Em 1872, foi decretada a educação compulsória. Em 1889, foi promulgada a Constituição do Império do Grande Japão e, no ano seguinte, o Edito da Educação” (SAKURAI, 2011, p. 141). Na medida em que avançava a Era Meiji (1868-1912), instituições como a *Dai Nippon Butoku Kai* foram surgindo, o que fez abrir espaço para que artes marciais pudessem entrar em instituições educacionais – escolas e universidades (FROSI; OLIVEIRA,

2019).

Segundo Sakurai (2011), os investimentos que o Japão fez neste período trouxeram incontáveis benefícios para seu povo. No entanto, devido aos interesses imperialistas de expansão territorial o país deixou de ser um parceiro comercial para ser considerado inimigo frente as grandes potências que ousassem interferir seus objetivos (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Rússia). Assim, o nacionalismo cresce concomitantemente com os investimentos iniciados em finais do século XIX.

Conforme mencionado, Okinawa sempre recebeu diversas influências culturais, políticas e comerciais devido a sua localização estratégica, entre a China e o Japão. Assim, consequentemente o Karate têm em seu arsenal influências significativa também desses países (LOPES-FILHO, 2013a).

Com o passar do tempo, "de 1890 a 1921 o Karate em Okinawa foi demonstrado publicamente [...] (e) em 1912 uma tripulação da frota imperial foi enviada para aprender em Okinawa" (BARTOLO, 2014, p. 67). Esses episódios colaboraram consideravelmente para a disseminação inicial do Karate, com muito mais intensidade, no século XX por diversos mestres, em especial pelo okinawano Gichin Funakoshi (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019).

Outros acontecimentos nos ajudam a compreender esse contexto, em especial durante a Era Taisho (1912-1926) – caracterizada por ser um "período turbulento, correspondendo a importantes mudanças no contexto interno e na consolidação da política de expansão iniciada no período anterior" (SAKURAI, 2011, p. 169) – o que se configura como um contexto em que Funakoshi começa a consolidar o Karate no Japão Continental, tendo em vista que o apresenta em 1917, em Kyoto, e posteriormente em Tóquio, em 1922, iniciando assim um grande esforço para que o Karate fosse reconhecido como uma luta japonesa (BARTOLO, 2014). Neste contexto, Funakoshi faz um grande esforço para tornar o Karate uma arte marcial legitimamente japonesa e, assim, afastá-la de terminologias chinesas.

Neste período, o Japão passava por diversas transformações, ao mesmo tempo em que o nacionalismo e o xenofobismo aumentavam, o que pode ter influenciado as escolhas deste mestre. "Funakoshi trocou não só o nome da arte marcial e seu significado, mas também o de muitos katas *[formas]*. Ele queria muito que o Karate fosse aceito pela organização japonesa de Budo, '*Dai Nippon Butoku Kai*'" (BARTOLO, 2014, p. 88, grifo nosso).

Na sequência, o Japão passou pela Segunda Guerra Mundial, quando inicialmente teve um significativo aumento de suas fronteiras, instaurando assim seu poder imperialista. Com o transcorrer da guerra sua hegemonia foi perdendo força, na medida em que os Estados Unidos passaram a ser seu principal inimigo. Nesse período Funakoshi sofreu duas grandes perdas: seu dojo (local de treinamento), destruído devido a bombardeios aéreos pelos inimigos; e seu filho, Gigo Funakoshi, que morre em 1945 devido a guerra (BARTOLO, 2014).

Segundo Frosi e Mazo (2011), passado esse período da Segunda Guerra Mundial com a derrota do Japão, e um fim trágico com os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, percebeu-se a necessidade de reerguer um Japão destruído, uma vez que muitos traços de miséria e falta de subsistência à população foram evidenciados. Constatou-se então nas décadas posteriores uma recessão radical em diversos setores (econômicos, financeiros, transportes, matérias-primas entre outros).

Neste período, houve um significativo êxodo de japoneses para fora do país, buscando melhores condições de vida. Assim, durante as décadas de 1950 e 1960, vários japoneses desembarcam no Brasil, dentre eles mestres de Karate como Mitsusuke Harada, Seiichi Akamine, Juichi Sagara, Yasutaka Tanaka, Tetsuma Higashino, Sadamu Uriu, Eisuke Oishi, Yoshihide Shinzato (FROSI; MAZO, 2011).

Nos anos subsequentes, o Japão cresceu substancialmente graças aos investimentos na educação, tecnologia e no comércio exterior, em especial orientado pelos Estados Unidos. “Outro acontecimento que acabou favorecendo o Japão foi a Guerra da Coreia no início dos anos 1950. O Japão deu apoio logístico aos norte-americanos, fazendo empréstimos e vendendo produtos durante a guerra” (SAKURAI, 2011, p. 203). Isso e outros fatores corroboraram para que o Japão conseguisse alcançar o patamar de uma das maiores economias do mundo. Neste contexto, foram três principais períodos de grande crescimento econômico do Japão: Jimmi *boom* (1954-57), Iwato *boom* (1958-1961) e Izanagi *boom* (1965-70) (SAKURAI, 2011).

Segundo Sakurai (2011), atualmente percebe-se a projeção comercial e cultural do Japão personificada em animes[19], mangás[20], *fast-foods* (culinária), séries

---

[19] “O animê é atualmente o principal representante da cultura pop nipônica pelo mundo. Mais do que os mangás, os games, a música ou mesmo o cinema tradicional, hoje são as animações japonesas o principal suporte da ponte simbólica Japão-Ocidente, a qual facilita que, aos poucos, outros aspectos da cultura japonesa penetrem no cotidiano dos sujeitos além mar” (BRITO; GUSHIKEN, 2011, p. 1).

[20] “De acordo com Osamu Tezuka, considerado um dos principais criadores e autores de mangá e de animação nipônica, os quadrinhos japoneses têm como precursoras as pinturas conhecidas como *E*-

cinematográficas e *vídeo games*. O *status* com o potencial tecnológico, a indústria e produção automobilística (representada por empresas como Honda, Suzuki, Toyota, Mitsubishi), telecomunicação (representada por empresas como Motorola, Sony, Toshiba) são exemplos do alcance deste país a nível mundial. No âmbito do esporte percebemos reflexos comerciais em empresas de artigos esportivos (Mizuno e Asics) e uma promoção de modalidades que acabaram por se tornar identidade nacional.

São exemplos desse fenômeno as artes marciais ou esportes de combate (Judô, Kendô, Sumô, Karate dentre outros), mas também o futebol e o basebol que se tornaram parte da cultura japonesa. O Karate, em especial, alcançou projeções significativas nos últimos tempos, conquistando sua aprovação junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI), durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Assim, estreará nos Jogos Olímpicos na cidade de Tóquio, Japão (PUCINELI, 2017).

Com o intuito de complementar a parte introdutória dos processos históricos do Japão, na busca de compreender a construção das tradições, rituais e significados do Karate (o que será debatido mais a frente), adentraremos, a seguir, em temas que ilustram os sistemas filosóficos e religiosos, bem como o Bushido e o Budo.

2.2 CONFUCIONISMO, BUDISMO E XINTOÍSMO: CÓDIGOS E CONDUTAS NO KARATE

Observando a cultura japonesa encontramos vários elementos presentes no Karate que conversam de alguma forma com questões relacionadas a religiões ou sistemas filosóficos, apresentados através de códigos de comportamento como, por exemplo, o respeito ao imperador, a figura do professor-mestre ou mesmo ao mais velho em uma geração familiar, o que também é encontrado no confucionismo.

O culto aos antepassados encontrado no xintoísmo, praticado em locais específicos, também se observa em salas de treinamento de artes marciais japonesas. Vejamos, por exemplo, a constatação de quadros com imagens de mestres já falecidos, geralmente ao centro do dojo, os quais são referenciados no começo e no fim dos

---

Maquimono, rolos de papéis sobre cuja superfície eram desenhadas histórias, que apareciam na medida em que os pergaminhos eram desenrolados. Vários desses rolos foram confeccionados no século XII, sendo o conjunto conhecido como *Chojugiga* o mais conhecido dentre os demais *e-maquimono*" (HIRATA, 2012, p. 16).

treinamentos marciais. Essas e outras manifestações presentes no Karate, revelam sua trajetória na história do Japão.

Compreende-se que no período Tokugawa houve certa influência de religiões, em especial a cristã, sobretudo na ilha mais ao sul do Japão, Kyushu. Com o passar do tempo o xogunato percebeu que essa influência ocidental começou a interferir nos interesses do xogum, tendo em vista que por uma série de razões, dentre as quais a promoção do individualismo proposto pelos cristãos, ela começou a desinteressar ao governo local (JANSEN, 1989). Neste período, numa tentativa de enfraquecer as influências cristãs trazidas pelos portugueses o xogum somente autorizou o Confucionismo, o Budismo e o Xintoísmo – pensamentos que combinavam com os objetivos do xogunato.

Segundo Vergara (1997), o confucionismo que se pregava no Período Tokugawa, orientava que se a pessoa não produzisse nada, ela nada valia na sociedade. A observância dos relacionamentos sociais numa sociedade hierarquizada também fazia parte das orientações deste sistema filosófico, bem como a pregação da harmonia entre o céu e a terra e entre governantes e governados.

Para Yao (2000), a visão do confucionismo é um tanto humanista, pois acredita-se que na vida se deve servir sem resistência, e quando a morte chegar, estará em paz. Já Ortiz (2002), em sua obra *Anotações sobre religião e globalização*, ajuda-nos a compreender esse sistema traduzindo como o confucionismo foi elaborado até chegar no século XX:

> A tradição confucionista distingue claramente entre duas noções opostas: *oyake* e *watakushi*. A primeira define um conjunto de qualidades pertinentes ao homem sábio: frugalidade, conduta equilibrada, aperfeiçoamento pessoal, dedicação ao trabalho, obediência aos mais velhos, ao chefe da família, aos governantes. *Oyake* representa o equilíbrio entre o homem e as leis da natureza, a dosagem correta entre sua volição e a vontade divina. *Watakushi* é o seu contrário. A vida é uma luta incessante contra seus apelos insidiosos interpondo-se entre o indivíduo e a senda de sua perfeição. Ele é pois desequilíbrio, gasto inconsequente de energia. O mundo do consumo ilustra a tirania dos desejos egoístas, do passageiro em relação ao duradouro (ORTIZ, 2002, p. 98–99).

Segundo Yao (2000), as lições do confucionismo aplicáveis ao dia a dia ajudaram a garantir uma ordem social, sendo o patriarca considerado o senhor absoluto. Com o tempo o confucionismo foi se moldando a sociedade japonesa que recebia

influências da China. No entanto, como todo processo histórico, houve tensões que, em certa medida, tiveram que enfrentar os interesses do xogunato e este, não raro, precisou se adaptar internamente as novas influências vindas do país vizinho.

> O confucionismo nem sempre foi benéfico para o xogunato. Uma das suas ironias era que encorajava ideias de mérito e aprendizagem. Estes eram permitidos pelos conceitos de hierarquia e de estatuto em vigor na China, que tornavam possível alguma mobilidade com base neles, e em séculos posteriores também foram parcialmente aceitos no Japão" (HENSHALL, 2016, p. 89).

De certa forma, o confucionismo ou *neoconfucionismo* foi se incorporando a sociedade japonesa que, ao mesmo tempo, guiada pelo xogunato, necessitava de parâmetros para seguir "obedecendo". Assim, é possível justificar seu favoritismo junto ao xogunato como ferramenta de instrução, já que possuía diversos atributos que orientavam seus seguidores a se manterem fiéis ao xogum, disciplinados e motivados em seus afazeres de acordo com as especificidades de sua casta ou função na sociedade (JANSEN, 1989). Segundo Yao (2000), o neoconfucionismo explora o mundo em termos metafísicos e físicos, uma vez que sua visão do mundo é congruente com a das ciências naturais.

> *The object of Neo-Confucian investigation is 'principle' (li) or 'Way' (dao), a conception with implications similar to those of Natural Law in the West, governing the whole universe, i.e. Heaven, Earth and humans*[21] (YAO, 2000, p. 272).

É importante lembrar que o confucionismo passou por uma série de releituras desde que entrou no Japão em meados de 404 d.C. pela Coréia. Desta forma, originou-se o *neoconfucionismo* ajudando na consolidação da figura do imperador com seus cinco princípios básicos de obrigações universais (deveres entre: soberano e ministro; pai e filho; marido e mulher; irmão mais velho e mais novo; e unidos por relação de amizade), juntamente com as virtudes morais praticadas (sabedoria, compaixão e coragem), a lealdade passou a ser a parte central (WARREN, 1973 apud SAKURAI, 2011).

---

[21] O objeto da investigação neoconfucionista é 'princípio' (*li*) ou 'Caminho' (*dao*), uma concepção com implicações semelhantes às da Lei Natural no Ocidente, que governam todo o universo, como Céu, Terra e seres humanos (tradução nossa).

O sistema filosófico chamado Confucionismo (ou *neoconfucionista*) também ganhou força nesse período e passou a exercer papel importante para manter a ordem social (SAKURAI, 2011). Por outro lado, outra grande influência que podemos levar em consideração dada sua relevância na construção histórico-cultural, em especial no Japão Continental, é o Budismo. Segundo Sasaki (2011), o Budismo trouxe consigo para a sociedade japonesa a leitura para interpretar sentimentos:

> O Budismo trouxe também um modo de pensar especulativo, metafísico com ideias de transmigração, carma, a lei da causa e efeito válida para o passado, presente e futuro. O outro elemento é a negação do mundo – deste mundo terreno marcado por sofrimento – um valor transcendental que deu ao povo japonês um senso de transitoriedade, efemeridade, fragilidade da vida humana (SASAKI, 2011, p. 13–14).

No budismo há o conceito de reencarnação e isso está diretamente ligado com a postura ou forma com a qual o samurai lida com a morte. Deste modo, a morte seria uma etapa que o guerreiro passará – alcançando sua iluminação. Neste pensamento, o samurai cria uma interpretação do sentido da vida que o orientará a não temer a morte ao lado de sua missão enquanto guerreiro (SAKURAI, 2011).

Nesta esteira, o xintoísmo, por sua vez, também é participante do processo histórico-cultural da sociedade japonesa, por essa razão é importante compreendê-lo, já que sua influência está intimamente associada a família imperial do Japão. Neste pensamento, segundo a tradição oral, o primeiro imperador japonês teria sido descendente direto do deus Xinto (o caminho das divindades e da deusa Amaterasu, sua filha) (HIRANO, 2015).

Entre suas crenças está a de cultuar seus antepassados oferecendo alimentos simbólicos e rezas a fim de obter a purificação dos espíritos daqueles que já se foram e para aqueles que ainda estão vivos. O xintoísmo faz referência a ancestralidade que é comum de todos os japoneses nascidos da deusa-mãe (Amaterasu), sendo que dela se originaram os deuses do Japão (OLIVEIRA, 2017).

A honra é um fator importante nesta religião, pois está ligada ao fruto do trabalho presente e da dedicação aos ancestrais. Assim, deve-se honrar tudo que se recebe com conduta sábia e reta. A lealdade ganha sentido, pois pauta-se na ideia de fidelidade aos deuses da comunidade que a protege, e ao senhor que administra os cultos à divindade local (ao chefe). O samurai empresta do xintoísmo essa ideia de

lealdade e a conduz de modo a usá-la na defesa do imperador (o descendente direto da deusa-mãe), do senhor (daimiô) e da comunidade a qual pertence (SAKURAI, 2011).

Segundo Nunes (2012), deste modo, o guerreiro deve ser capaz de matar e de se submeter a morte se necessário. É com seu trabalho e principalmente em batalhas que ele dá seu testemunho de lealdade até o fim – buscando honrar seus ancestrais, os descendentes, para não se envergonhar diante de si e dos outros. "O autocontrole do samurai talvez seja um dos pontos mais difundidos no mundo, juntamente com a virtude da honra e do dever de lealdade" (NUNES, 2012, p. 97).

Um dos rituais praticados pelo samurai quando cometia alguma desonra significativa era o *haraquiri* ou *seppuku*, caracterizado pelo suicídio por meio de uma lâmina cortando o próprio ventre, considerada a morada da alma (SAKURAI, 2011) – o que será discutido com mais detalhes no próximo capítulo.

Segundo Sakurai (2011), o Bushido (código de ética dos samurais) recebeu influências do confucionismo, do budismo e do xintoísmo. O confucionismo se relaciona com o Bushido no sentido da responsabilidade para com o mais humilde e na obediência ao superior. Há a ideia de reciprocidade, ajudando-se e ajudando os outros, o samurai ao cumprir com suas responsabilidades aprimora dentro de si a compreensão das fraquezas humanas e procura superá-las – princípio da benevolência. Entretanto, o guerreiro para incorporar esses ensinamentos, antes precisa se conhecer. O *zen*-budismo o auxilia nessa busca do autoconhecimento por meio da prática da meditação, sem livros e sutras. Deste modo, a procura o conduzirá para a purificação da mente, ajudando-o em sua sabedoria, e guiando-o em sua experiência enquanto guerreiro.

2.3 O BUSHIDO: O CÓDIGO DE ÉTICA DOS SAMURAIS

O Bushido é conhecido como o código de ética dos samurais que vai influenciar o Karate posteriormente, dado sua importância militar e histórica. Muito citado entre os mestres, traz consigo valores e condutas que valorizam a disciplina, respeito, hierarquia dentre outros elementos. Sua influência se apresenta nas artes marciais japonesas, sobretudo naquelas que bebem do Budo – caminho marcial (FROSI; OLIVEIRA, 2019).

Segundo Nunes (2012), no Período Tokugawa, apesar de não haver nenhum registro específico que poderia ser denominado como Bushido (um aglomerado de máximas sobre os costumes dos samurais), haviam leis chamadas *Buke Shohatto* impostas pelo governo da época, bem como normas de condutas chamadas de *kakun* dos

clãs (ou famílias aristocráticas). Por outro lado, Yamaka Soko (1622-1685) se refere em algumas de suas obras a um código de conduta específico dos samurais. Passado a Era Meiji (1868-1912), as releituras sobre esse código de conduta tiveram diferentes abordagens.

Para compreender como esse código persistiu na história do Japão, é preciso conhecer quem foram os samurais. Neste pensamento, "o surgimento dos samurais remonta à Era Heian (794 a 1192), para suprir uma necessidade dos daimiôs, que eram os proprietários das terras, muitas vezes comparados com os senhores feudais europeus" (MARTINS; KANASHIRO, 2010, p. 641). Assim, os samurais eram cavaleiros que serviam os proprietários das terras – *daimiôs*. Segundo Hirano (2015), este código de ética recebeu influências de diferentes crenças.

> Era um código de conduta não escrito, passado de pai para filho ao longo da História. Apenas no final do período Sengoku *[1500-1600]* e o começo do regime Tokugawa, houve uma tentativa de formalizar o Bushido como um código samurai universal. Esse código foi formado e influenciado pelo Budismo, pelo Xintoísmo e Confucionismo. (HIRANO, 2015, p. 9, grifo nosso).

Segundo Martins e Kanashiro (2010), esse modelo de conduta não escrito é o que dava orientação para os hábitos diários, bem como condição ética, honra, disciplina, respeito e lealdade. Foi também um modo de encorajar os guerreiros frente a morte, pois traria o renascimento (ou reencarnação). Neste contexto, surge um mecanismo de defesa moral e ética, considerado autopunitivo e chamado *seppuku* (morte voluntária). Desta forma o samurai salvaria sua honra, ao invés de manifestar culpa e vergonha pelo resto de sua vida, o que seria considerado covarde. Segundo Hirano (2015):

> O *Seppuku* apareceu pela primeira vez no século XII e se transformou em tradição na classe dos guerreiros do século XIII ao XVIII. Os jovens samurais eram instruídos sobre como praticá-lo honrosamente quando fosse chegada a hora. Ele deixou de ser legal a partir de 1868, sendo praticado após este período com caráter não-obrigatório. Para os samurais, o cultivo dos movimentos neste ritual é muito importante, pois fazem do suicídio a última obra de Arte na VIDA. A morte, aqui, aparece como "ARTE FINAL". Dessa maneira, o suicídio é uma escolha deliberada de uma solução entre outras, como um gesto ético, referido a princípios e valores (HIRANO, 2015, p. 10).

Uma referência a esta prática em sua essência enquanto fim para salvar a honra mesmo que não seguindo o ritual propriamente dito do *seppuku*, foi executada durante

os últimos anos da Segunda Guerra Mundial pelos pilotos de caça japoneses *kamikazes*, ao se atirarem com seus aviões em cima dos navios de guerra dos Estados Unidos – evento que ficou conhecido como *O ataque a Pearl Harbor*, no Havaí (SAKURAI, 2011). Neste esteira, no século XX, houve uma retomada com relação ao uso dos conhecimentos oriundos do Bushido. Assim:

> Os movimentos nacionalistas japoneses do início do século XX fizeram o uso de uma leitura particular da noção de honra que concordasse com os anseios imperialistas as quais, indiretamente, ajudaram na composição do *bushidô* moderno (NUNES, 2013, p. 33).

No contexto oitocentista, o intelectual japonês Inazo Nitobe[22], escreveu sobre o Bushido no seu livro *Bushido: The soul of Japan*, publicado em 1900. Esta obra tornou-se uma referência sobre o tema. Segundo Nunes (2012), a obra de Inazo Nitobe se baseia na filosofia ocidental. Tem aproximações com obras de Edmund Burke (1729-1797) de caráter conservador, repleto de saudosismo com relação as extintas classes de cavaleiros de regimes feudais. O conservadorismo intrínseco a essa conjuntura objetivava manter uma instituição que perdurasse sem a necessidade de mudanças nos valores.

A ideia repassada por Nitobe em seu livro foi uma combinação da doutrina confucionista (figura do homem superior)[23] com o conservadorismo de Burke. Outra grande influência no pensamento de Nitobe veio de Herbert Spencer[24]. Retomar os valores e virtudes da classe dos guerreiros que seria posta como sinônimo da evolução da sociedade, acarretaria na permanência desse pensamento em uma sociedade que se encontrava em ascensão industrial – ponto de vista este que teve forte presença do darwinismo social (NUNES, 2012).

---

[22] Dentre os primeiros japoneses escritores que vieram a divulgar o Bushido para os países ocidentais, um deles se chamou Inazo Nitobe que por meio de sua obra *Bushido – The Soul of Japan* ficou muito famoso. Deste modo, Nitobe se tornou influente através dessa obra que tinha como objetivo "divulgar a moral japonesa ao ocidente para que houvesse um aproximação cultural, além de contribuir para a formação de uma identidade nacional japonesa, a exemplo do que as nações europeias fizeram ao longo do século XIX. Por meio desta obra, o autor mostrou aos olhos ocidentais que aquilo entendido como moral e honra no Japão era similar ao que se desenvolveu na Europa" (NUNES, 2013, p. 25–26).

[23] Nunes (2012) apresenta o conceito de homem superior da doutrina confucionista entendido da seguinte forma: "no pensamento confucionista as relações humanas devem ser boas para evitar o colapso da sociedade e aniquilação de tudo o que é conhecido. Surge dentro do pensamento confucionista o conceito de homem superior, aquele considerado ideal por obedecer a todas as relações morais e se esforçar pelo avanço da sociedade em que vive" (NUNES, 2012, p. 70).

[24] Hebert Spencer (1820-1903) é considerado um dos representantes do liberalismo clássico. Foi um filósofo, biólogo e antropólogo inglês. Admirava as obras de Charles Darwin. Também foi um opositor de governos militares, imperialistas e das guerras.

Constatou-se, portanto, que o Bushido foi refinado no Período Tokugawa e sofreu uma releitura posteriormente (NUNES, 2012), na sequência serviu como ferramenta ideológica de governo reforçando o exacerbado nacionalismo e imperialismo japonês (Era Meiji e Segunda Guerra Mundial). Atualmente, esse código de ética é usado como referência por empresários, líderes em geral, bem como orienta trabalhos que compactuam com os valores e virtudes do Bushido – lealdade, respeito, disciplina, entre outros (NAKAMAKI, 1992).

2.4 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE BUDO E BUSHIDO

Segundo Frosi e Oliveira (2019), compreende-se que com o advento do conceito de Budo, institucionalizado pela *Dai Nippon Butoku Kai*, houve de certa forma a tentativa de resgatar elementos do Bushido, isto é, valores intrínsecos a esse código de conduta do guerreiro feudal japonês. Martins & Kanashiro (2010), complementam que o Budo seria uma filosofia das artes marciais japonesas que possui o caminho marcial como via de ascese e educação. Podemos encontrar exemplos de artes marciais *budocas* ou do Budo tal como o próprio Karate-Do, Kendo, Kyudo, Iaido, Judo, Aikido, entre outras. Sua filosofia se baseia em alguns dos princípios do antigo Bushido, no entanto, atenuando seu caráter letal.

> O Budô grafado pelos caracteres 武道 significa caminho ou via marcial. Trata-se das artes ou caminhos marciais de origem japonesa considerados como a versão moderna do antigo Bujutsu 武術 (técnica marcial), denominadas artes marciais clássicas, ou, tradicionais (MARTINS; KANASHIRO, 2010, p. 643).

Segundo Gomes (2008, p. 48–49), “a diferenciação dos termos *budô*, como caminho marcial, e *bujutsu*, como arte marcial/de guerra, é uma tentativa de sistematização mais recente, da era Meiji, por não possuir uso diferenciado em sua gênese”. O Bujutsu foi um conjunto de disciplinas marciais utilizadas pelos samurais em possíveis batalhas. Contudo, no decorrer do período Tokugawa – período de unificação, estabilização e pacificação do Japão – o Bujutsu sofre uma transfiguração passando a ter uma conotação mais de ascese corporal e espiritual, também de formação educacional. Neste contexto, com o fim do Período Tokugawa e o transcorrer da Era Meiji, o Bujutsu também começa a ter conotação esportiva a partir de sua essência

como arte de guerra (MARTINS; KANASHIRO, 2010).

Segundo Donn Draeger (2007), essas mudanças no Bujutsu foram também acompanhadas pelo imperialismo e nacionalismo que passa a ter seu ápice alcançado na primeira metade do século XX. Houve várias releituras sobre o *ethos* japonês, ou seja, separaram o que era japonês do que não era, o que poderia ser do que não poderia. O Karate, imerso neste contexto, também sofreu mudanças. Deste modo, foi criada a *Dai Nippon Butoku Kai* (ou *Butoku-Kai*) para dar sentido as artes marciais japonesas que são as consideradas *artes marciais budocas* ou do Budô (Kendô, Iaidô, Kyudô, Naguinata-dô, Aikidô, Karate-dô, Sumô). A *Butoku-Kai* "surgiu em 1895, com a sanção do Imperador Meiji, com o propósito de padronizar, promover e preservar as várias artes marciais japonesas" (BARTOLO, 2014, p. 88).

Segundo a Butoku Kai (2018), a razão para a origem da instituição é devido a urgência da necessidade de resgatar a tradição da cultura marcial japonesa. Em primeiro momento foi o esforço de interesses privados – o imperador, a polícia, as forças armadas, representantes xintoístas e o governo local e nacional acabaram cooperando com os líderes marciais – mestres interessados em dar novo sentido as artes marciais japonesas – para criar uma poderosa sociedade do Budo no mundo.

Tiveram vários objetivos que dentre eles foram: restaurar a tradição do Budo clássico; licenciar o profissional instrutor; elaborar prêmios e reconhecimentos; incentivar a pesquisa nesse campo; formar líderes; e promover a formação humana através de uma educação que provinha das artes marciais japonesas, isto, é, orientada sobre os preceitos do Budo (THE DAI NIPPON BUTOKU KAI, 2018).

Essas lutas que tinham ainda características de artes de guerra – Bujutsu – passam por uma transformação de modo a atender interesses de agentes que desejavam utilizar o conhecimento prático das artes marciais para a formação humana da sociedade. Portanto, o resgate e a releitura do Bushido era essencial para se atingir esse objetivo, pois a ética, condutas, valores morais eram cultuados pelos samurais aliado em suas práticas marciais (FROSI; OLIVEIRA, 2019).

Segundo Nunes (2012), a doutrina do Bushido se adapta aos novos tempos a partir da releitura de valores confucionistas. O patriotismo se fundamenta a essa releitura gerando um produto que servirá de instrumento de divulgação nacionalista. Tal movimento é caracterizado como *japonização*. Desta forma, fez aproximar os japoneses de modo a enfatizar que são descendentes de uma única família e que compartilham de um mesmo passado (NAGAI; URRUTIA, 1985, apud NUNES, 2012).

> O espírito samurai renasceu também no desenvolvimento das artes marciais cujo cerne é o do (caminho). Esportes como judo, kendo, aikido ("caminho suave", "caminho da espada" e "caminho da energia vital", respectivamente) têm as suas regras oficialmente estabelecidas na década de 1920, no início da fase mais aguda do militarismo japonês. Essas artes marciais completavam os ensinamentos das aulas de Moral e Cívica nas escolas, orientando os jovens sobre "o caminho" e a disciplina com nítida inspiração samurai (SAKURAI, 2011, p. 330).

Ao longo desse processo, foram retiradas e, até mesmo, excluídas terminologias do Karate levado por Gichin Funakoshi. Neste caso, Funakoshi, considerado o fundador do Karate moderno, fez diversas modificações como, por exemplo, o acréscimo da palavra "Do", o que deu origem ao nome "Karate-Do" ou "caminho das mãos vazias" (BARREIRA; MASSIMI, 2002). A disseminação do Karate no Japão Continental, sobretudo, durante a Era Meiji, foi um recorte histórico importante, pois essa arte marcial passa a deixar de ser secreta (MARTINS; KANASHIRO, 2010).

Acompanhando as reflexões de Norbert Elias (1897-1990) e Eric Dunning (1936-2019) sobre o processo de "*desportivização*" ou "*esportivização*", é possível perceber na Era Meiji "uma transformação e esportivização das artes marciais" (KANASHIRO, 2008, p. 8). É neste contexto, com a orientação da *Dai Nippon Butoku Kai*[25], que vamos observar a entrada de diversas modalidades de artes marciais em escolas, universidades, organizações militares do Japão com mais efervescência na primeira metade do século XX (OLIVEIRA et al., 2018).

> O Karate-Dō foi muito influenciado pelo *espírito samurai*, um fenômeno tipicamente japonês, pois, como dito anteriormente, nasce a partir do ingresso no sistema *Butokukai [*ou *Dai Nippon Butoku Kai]*. Portanto, é uma arte que pretende estar ligada aos mesmos preceitos de outras formas de Budō japonês, onde o principal objetivo é construir um indivíduo útil para a sociedade (FROSI; MAZO, 2011, p. 305, grifo nosso).

Segundo Figueiredo (2006), o mestre Gichin Funakoshi, quando já imerso no Japão Continental e já decidido a disseminar o Karate, sistematizou essa modalidade para seguir os princípios do Budo. Dessa forma direcionava sua arte para um fim que

---

[25] Um outro fenômeno que acabamos por detectar decorrente desse período de sistematização e entrada do Karate na *Dai Nippon Butoku Kai* é o fato dessa modalidade ter recebido influências do Bushido – dado a proximidade marcial que possuem. Dessa forma, o Karate vai acabar por receber do Bushido valores, normas e condutas que serão apresentadas em seu Dojo Kun (lemas) elaborado.

buscava o desenvolvimento equilibrado do ser humano, na medida em que seguia os dizeres da *Dai Nippon Butoku Kai*. Esse fenômeno também ocorreu com o Aikidô de Morihei Ueshiba e o Judô de Jigoro Kano (FROSI; MAZO, 2011).

Guttmann & Thompson (2001), sugerem que o processo pelo qual passou o Karate, estaria associado a noção de uma tradição inventada, pois "*many of the ritual elements that transformed karate from a combat sport into a "transformative experience evolved during the 1920s and 1930s"*[26] (GUTTMANN; THOMPSON, 2001, p. 147).

As motivações para esse movimento se originaram da necessidade do Estado japonês incentivar a prática de modalidades marciais em escolas e universidades devido ao seu caráter "disciplinador" – isso em meio a um contexto de busca de uma identidade nacional, ascensão do imperialismo japonês na Ásia e de significativo crescimento industrial e tecnológico. Neste período de transformações, a interpretação do esporte estava ligada ao espírito das artes marciais no Japão, concomitantemente, quando florescem os esportes modernos – Judô, Karate-Dô, Kendô dentre outros (GUTTMANN & THOMPSON, 2001).

O conceito de "*tradição inventada*", proposto por Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1997), refere-se a noções que "visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado" (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 9). Assim, é possível sugerir que o Karate segue a mesma lógica do Bushido como *tradição inventada* (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Barreira e Massimi (2002), nos fornecem mais argumentos para compreender a relação entre o Karate e o Bushido através da história do mestre Gichin Funakoshi, "criador" do Karate moderno:

> Funakoshi aparentou maleabilidade em lidar com a adaptação aos novos tempos. Sem se desfazer dos valores advindos de sua descendência de samurais, com o rígido código de honra dessa classe, o Bushidô, possibilitou a inclusão de sua arte nos tempos modernos (BARREIRA; MASSIMI, 2002, p. 40).

Neste contexto, segundo Frosi e Oliveira (2019), percebemos que o Karate sofreu mudanças – bebendo de ideias do antigo código de conduta samurai. Nesta

---

[26] "Muitos dos elementos rituais que transformaram o Karate de um esporte de combate em uma "experiência transformadora" evoluíram durante as décadas de 1920 e 1930" (Tradução nossa).

esteira, foi um período, em que o Bushido revelou ser um dos produtos, de certa forma resgatados, para servir aos interesses da propaganda nacionalista a partir da Era Meiji – baseado na concepção de Inazo Nitobe que buscava uma identidade japonesa ocidentalizada e compartilhada por meio da educação (NUNES, 2012).

3. O KARATE SEGUNDO SEUS PRATICANTES

A partir deste capítulo, o trabalho discorrerá acerca de fenômenos presentes no Karate, selecionados a partir das entrevistas e bibliografia. O texto está organizado em subtítulos de acordo com os elementos em destaque e apresenta excertos dos relatos dos praticantes em diálogo com a literatura, em especial com o referencial da filosofia. Buscamos assim apresentar uma descrição ampliada do Karate.

Uma das questões que chama atenção de praticantes e mesmo admiradores são os diferentes rituais, ou modos de comportamento, observados durante a prática. Este é o tema apresentado no capítulo "A tradição no Karate: rotinas e rituais".

Em "O treino: repetição e permanência", explora-se as percepções dos karatecas acerca do momento que antecede o treinamento propriamente dito – o vestir o dogi, bem como amarrar a faixa e subir no tatame do dojo. Na sequência, registra os sentidos e significados sobre o período de treinamento, o momento que acontece a execução dos exercícios do Karate. Surge também a questão da atenção para com o outro, na medida em que é redobrada a percepção sobre o movimentar-se do outro, pois durante a prática podem haver choques físicos, o que pode ocasionar "acidentes" quando não sintonizados os corpos. Após o treino, ressalta-se a sensação de bem-estar ocasionada pelo término do treinamento – percepção dos karatecas que converge para o sentido de "dever-cumprido". Neste contexto também serão abordados os efeitos do Karate em um longo período de treinamento.

No subtítulo "Os significados do dogi e do dojo", salienta-se que o "dogi" ou "quimono" possui diversos significados, em especial o de "armadura". Essa comparação se faz presente pelo fato de o antigo guerreiro feudal japonês utilizar como indumentária tradicional uma armadura, carregando consigo um imaginário de aguerrido e pureza. Entende-se que o dojo, local de treinamento de diversas artes marciais japonesas e, inclusive, de práticas meditativas, possui características de "templo". Os entrevistados relataram alguns significados deste local que convergem para a ideia de "sagrado".

Em "Os lemas no Karate", explora-se o conhecimento dos entrevistados acerca dos lemas que orientam a postura do karateca, tanto durante seus treinos quanto em seu dia a dia. Há discussões sobre sua história, o contexto que foram elaborados e comparações com outros lemas encontrados fora do campo do Karate.

O texto "Karate Tradicional e Karate Esportivo: aproximações e distanciamentos" abarca uma discussão do que é entendido como tradicional e esportivo

no Karate pelos karatecas. Neste contexto, sobressaem-se questões históricas, valores seguidos pela escola de Karate, a presença da competição, entre outras questões.

Já no capítulo "Relação mestre-discípulo", verifica-se alguns elementos para se pensar a relação docente-discente que é construída entre o mestre de Karate e seu discípulo. O desdobramento vai na direção da construção do conhecimento a partir da prática do Karate em consonância com a relação entre esses personagens.

Em "Karate e o autoconhecimento", preocupa-se com os efeitos da prática na direção do autoconhecimento, na medida em que, com o passar do tempo, o praticante vai se conhecendo mais, testando seus limites e explorando suas fraquezas, ao mesmo tempo em que aprende com a prática juntamente com a série de rituais que a compõem.

No capítulo "O que é ser karateca?", procura-se analisar a partir do relato dos depoentes, variáveis que contribuem para o entendimento do que seria um karateca. Deste modo, as descrições apontam para o *ethos* deste personagem do Karate, isto é, características e códigos de comportamento foram ressaltados, especialmente inclinados para uma figura mítica de guerreiro.

Em "Motivações para o treinamento e conselhos para um iniciante", apresenta conselhos dos entrevistados e alguns deles convergiram para a ideia de estimular o iniciante a não desistir do treinamento, pois entende-se que somente com a prática o karateca descobrirá realmente os benefícios do Karate. Pontua-se que o karateca vive de diferentes formas o Karate e pode ser experienciado em distintos lugares – tanto no dojo (antes, durante e depois do treinamento) quanto fora dele (em sua relação familiar, no trabalho, na rua). Considera-se várias motivações para se treinar Karate, tais como o "desafio de acordar cedo", "a possibilidade do fracasso por não treinar", bem como a sensação, descrita pelos entrevistados, de "paz de espírito".

3.1 A TRADIÇÃO NO KARATE: ROTINAS E RITUAIS

O processo de *niponização* ou *japonização* que o Karate sofreu no século XX, protagonizado pelo mestre Gichin Funakoshi (1868-1957) (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; JOHNSON, 2012), fortaleceu a herança budista, mas não a confuciana – essa derivada da China[27]. Assim, este processo culminou numa transformação profunda da prática, distanciando-se da rusticidade com que o Karate de

[27] Embora Funakoshi bebesse de clássicos confucianos (chineses) na posição de professor em Okinawa, o processo de niponização agiu como uma força que repeliu influências chinesas sobre o Karate.

Okinawa apresentava-se no período anterior de sua introdução no Japão Continental, para se configurar em uma prática de valores do Budô norteado pela organização *Dai Nippon Butokukai* (FROSI, 2012; GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Nesta conjuntura, aspectos da conduta dos antigos guerreiros feudais japoneses, samurais, são identificados nas práticas budocas, na medida em que o autodesenvolvimento e o estilo de vida desses guerreiros se faz presente.

> É sobretudo na moralidade e na ritualização que se pode reconhecer a influência confuciana no Karate de Funakoshi. Considere-se, por exemplo, a importância dada à cordialidade e às práticas rituais no dojo como é evidente também a ritualização de cada prática de transmissão do saber onde o kata é a maior ilustração. Saliente-se a orientação do mestre para que o dojo não se restrinja à sala de treinamento, mas que se estenda ao mundo. O gesto, o rito é a manifestação da intenção e o meio por onde se pode verificá-la (BARREIRA, 2013, p. 153).

Nesta perspectiva, é através dos rituais que a essência do Karate exsurge. Segundo Paulo Henrique (entrevistado)[28], "*os rituais já começam ao entrar na academia*", tendo em vista que ao estar no Dojo devem ser obedecidas uma série de rotinas para se alinhar com os valores do Karate. Segundo Paulo Henrique, algumas condutas se apresentam o tempo todo e fazem a manutenção do que seriam as tradições do Karate.

> *Na verdade desde a hora que você entra na academia já existem rituais para você cumprimentar as pessoas. Tem coisas simples, por exemplo, que as pessoas não percebem, mas aqui a gente vai aprendendo... Se tem duas pessoas conversando você nunca passa no meio, você dá a volta. Você sempre se levanta para cumprimentar. Se a pessoa vem te cumprimentar você não dá a mão sentado. São detalhes pequenos, mas que muda completamente a forma de respeito que você tem com as pessoas. E que você leva para o dia a dia, isso também chama atenção* (entrevista oral, Paulo Henrique).

O ato da saudação inicial de uma aula, em que se faz a reverência à imagem do mestre personificada no quadro pendurado em uma das paredes do Dojo, "é um costume devido ao *Ko* aos antepassados, principalmente aqueles que nos deixaram algum legado como um pai, uma mãe, um mestre, um professor, um tutor" (FROSI, 2012, p. 14).

---

[28] Paulo Henrique tem 43 (quarenta e três) anos de idade, é instrutor de Karate, faixa preta 5º (quinto) Dan e pratica Karate há 25 (vinte e cinco) anos. A partir da segunda menção a "Paulo Henrique (entrevistado)", optamos por apenas citar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistado)".

Ademais, esta reverência é um dos mais importantes rituais do Karate.

Para Pedro Andrade (entrevistado)[29], a saudação significa o respeito para com o outro. Nessa conjuntura, Pedro acrescenta que "*esse tradicionalismo da arte marcial japonesa é muito forte nisso e a gente é muito carente disso. Ocidental é muito carente disso. Eu vejo que essa tradição que as pessoas precisam. As pessoas precisam de tradições, modernas, mas não deixam de ser tradições*". Assim, o Karate "repleto de significantes, rituais, normas de conduta, etiquetas e tradições" (OLIVEIRA, 2019, p. 1), possui agentes que reforçam condutas na busca de um ordenamento para que o treino aconteça de maneira "tradicional".

No livro de Gichin Funakoshi *Os vinte princípios fundamentais do Karate: o legado espiritual do mestre*, há aproximações com o sentido apontado por Pedro, na medida em que Funakoshi, em um dos princípios citados em sua obra, discorre sobre a ideia do respeito na saudação, isto é "não se esqueça de que o Karate-do começa e termina com *Rei*" (AIRES, 2015, p. 38), o que significa que o karateca deve ter respeito com o próximo, e em sentido profundo, consigo mesmo.

Neste contexto, a entrevistada, Marta Silva (entrevistada)[30], adiciona que a palavra "Oss" ou "Osu" possui o mesmo significado, isto é, pode ser uma saudação, uma afirmação, um sinal de respeito mútuo entre os praticantes. Assim, por esse ângulo, segundo Frosi (2012, p. 18), esta palavra "remete à ideia de que nos esforçaremos a cada instante mesmo sob o pesado treinamento e o 'clima' de luta que paira no Dojo". Segundo este autor, o uso do "Osu" como saudação foi muito utilizado pelos militares japoneses, especialmente da Marinha, com vistas a honrarem seus compromissos com o "espírito guerreiro", bem como para se manterem concentrados no objetivo delineado. Para mais, outros grupos sociais, sobretudo de meninos japoneses, utilizavam a palavra com o intuito de reforçar a "masculinidade". A palavra "Oss" é pronunciada comumente para responder afirmativamente às orientações do sensei de Karate e esta conduta converge para o pensamento de que não se deve julgar ou questionar as orientações do mestre, e em corolário o discípulo acaba tendo a postura de completa subserviência

---

[29] Pedro Andrade tem 44 anos de idade, é faixa preta 5º Dan, possui 34 anos de prática, é professor e técnico de Karate. A partir da segunda menção a "Pedro Andrade (entrevistado)", optamos por apenas mencionar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistado)".

[30] Marta Silva trabalha com financeiro, faixa preta, 30 (trinta) anos de idade, 14 (quatorze) anos de prática. A partir da segunda menção a "Marta Silva (entrevistada)", optamos por apenas mencionar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistada)".

perante a figura do sensei[31].

Adriano Costa (entrevistado)[32], um dos alunos mais antigos de Taketo Okuda, descreve um pouco das rotinas de treinamento e sensações que sentia logo quando começou a treinar Karate, em meados da década de 1970: "*tinha um treino muito fundamentado em cima de um aquecimento e bastante kihon* [fundamentos]", e nesse contexto, Adriano foi lapidando seu Karate:

> *Foi uma fase muito boa de tudo, de camaradagem, de você ser exposto à fadiga de um jeito que você não achava que não iria aguentar. Pô, mas como é isso? Eu estou completamente exausto e terminei o treino? Não pedi penico. Então você via que era o sensei. Era a união que tinha naquele negócio. Que era uma energia que você continuava. Era uma coisa quase surreal* (entrevista oral, Adriano Costa).

Seu relato sobre o treinamento exaustivo também dialoga com a ideia do significado da palavra "Oshi Shinobu", em que sua abreviação "Osu" (ou Oss) que se reproduz comumente nos dojos de artes marciais japonesas: enquanto que "Oshi" possui o sentido de "pressionar" e "Shinobu" de "suportar". Nesta conjuntura, o primeiro caractere tem associações com o espírito de combate, isto é, o esforço e a afronta a todos os obstáculos, no sentido de superá-los e avançar com uma atitude positiva e imutável. Já o segundo caractere, "Shinobu", possui relação com a coragem e o espírito de persistência, assim como suportar e resistir as dores, com paciência e sem desistir (SHOTOKAN, 2019). Segundo Antunes (2019), esses termos fizeram parte das diversas mudanças pelas quais o Karate passou para se tornar uma arte marcial "legitimamente" japonesa. Deste modo, a invenção de uma tradição, ou seja, a invenção linguística seguida de uma reinterpretação devido ao processo de japonização culminou na reelaboração do Karate considerado arcaico e primitivo para um Karate moderno

---

[31] Essa postura de não questionar as ordens de um superior, no caso o sensei, é comum nas artes marciais japonesas. Motoori Norinaga (1730-1801), um estudioso do Xintoísmo, comenta que foram os chineses que inventaram a moralidade, pois era um povo imoral. Por outro lado, no Japão não havia a necessidade de um sistema moral. Ernest Satow (1873), comenta que Motoori "explicava que o dever de um bom japonês consistia em obedecer às ordens do Mikado (ou imperador), sem perguntar se essas ordens eram boas ou más" (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 481). Neste contexto, se observa um efervescente racismo. É preciso levar em consideração que as relações entre China e Japão não foram muito amigáveis historicamente. Se prevalece a manifestação de "racismos" de várias maneiras, na medida em que são diferentes polos que se acusam entre si com o passar dos anos (japoneses e chineses). Inclusive dentro do confucionismo a ideia de "ser humano" e "ser bárbaro" é recorrente, configurando-se que o ser humano é o que tem sentido moral e o bárbaro não

[32] Adriano Costa tem 67 (sessenta e sete) anos de idade, é empresário, faixa preta 6º (sexto) Dan e pratica Karate há 47 (quarenta e sete) anos. A partir da segunda menção a "Adriano Costa (entrevistado)", optamos por apenas citar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistado)".

protagonizado por Funakoshi e seu discípulo Nakayama.

> Green (2010) exemplifica apresentando o caso da palavra *ossu* ou *osu* que na primeira apresentação é uma exclamação e na segunda um verbo que significa empurrar. A diferença se faz pela inflexão da última parte *su*. No ambiente de prática do caratê esse termo foi reinterpretado como 'eu escuto e obedeço', como forma de demonstração de devoção e de obediência ao professor. Somente esse aspecto se configura como uma invenção de tradição que remonta a época de Gichin Funakoshi, fundador do caratê moderno. Expandindo esse exemplo podemos verificar o uso desse termo com diferentes inflexões e sentido, por distintas artes marciais, japonesas ou não, na atualidade. A própria palavra caratê é uma invenção de tradição ideológica confeccionada por Funakoshi, onde o termo original era composto por duas palavras que juntas possuíam sentido diferente do atual (ANTUNES, 2019, p. 202–203).

Considerando estes elementos, percebemos o quão importante é discutir as origens de termos do campo das artes marciais, na medida em que podem trazer melhor compreensão sobre as práticas ritualísticas e as rotinas de treinamento.

Francisco Oliveira (entrevistado)[33] asseverou outros atributos que reforçam a tradição do Karate, por exemplo, o fato de os mesmos rituais estarem presentes em várias academias pelo mundo. Esta presença representa a magnitude que esta prática alcançou, na medida em que além das reverências, a vestimenta, o dogi (ou quimono), os kata e os princípios dão contornos especiais ao Karate: "*Mesmo que não seja explicitamente falado o Karate traz por si só uma linha de princípios tradicionais de honra, de respeito, de esforço, que acabam fazendo esse corpo de tradição forte*", comenta Francisco.

Nesta lógica, os princípios tradicionais comentados por Francisco convergem para a observação da experiência corporal que os estudos de Barreira (2013) apresentam na obra *O sentido do Karate-Do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas*. Para este autor, é com o conjunto moral que provem o respeito, o esforço, bem como as noções de caráter, agressão, retidão, fazendo parte do universo da experiência corporal de controle que o praticante de Karate vivencia. Assim, estas noções, devem ser consideradas como influenciadoras à prática da experiência corporal, visto que: "essas noções são conclusões sobre a experiência, ou seja, baseiam-se na experiência e em uma

---

[33] Francisco Oliveira tem 34 (trinta e quatro) anos de idade, é programador, faixa preta 1º (primeiro) Dan e pratica Karate há 6 (seis) anos. A partir da segunda menção a "Francisco Oliveira (entrevistado)", optamos por apenas citar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistado)".

tradição que paira na atmosfera do dojo" (BARREIRA, 2013, p. 117). Deste modo, no processo de ensino-aprendizagem o karateca, ao mesmo tempo que absorve o conhecimento repassado pelo mestre, esculpe seus próprios movimentos. Em analogia, acaba sendo como um pincel, que absorve a tinta para poder pintar o quadro.

O conjunto moral ou noções morais ressaltadas por Barreira (2013) ajudam-nos a compreender o sentido do ordenamento observado durante uma aula de Karate no dojo, uma vez que a experiência corporal do sujeito está ligada com o modo pelo qual o karateca interage com seu meio: suas relações interpessoais; seu modo de vestir; seu modo de se portar no dojo; os significados que atribui aos seus acessórios e materiais que o cerca ou o veste. Neste sentido, para Silvia Martins (entrevistada)[34], os atos de amarrar a faixa e vestir o dogi já se configuram como rituais do Karate. "*Acho que isso de você se preparar para o treino já começa o ritual, já começa aí. A tradição já começa quando você bota o quimono*". Assim, ao analisar a ação apresentada por Silvia compreendemos que existe um senso profundo sobre o simples ato de pôr um dogi e amarrar sua faixa, posto que o estado psíquico retratado significa uma preparação para o treino, visto que para imergir no treinamento é imprescindível a "preparação", assim como uma pessoa justificar, por exemplo, que precisa tomar o café para "começar" seu dia.

Tal preparação também pode ser caracterizada como um momento de transição, tal como o alongamento, que segundo Silvia constitui-se como "*um momento de transição – do alongamento para o treino propriamente dito [...] tentar sair um pouco do que você chegou pensando e entrar mesmo na hora*". Nesta perspectiva, o período que antecede ao treino propriamente dito – com todos os seus rituais (vestir o dogi, amarrar a faixa, dentre outros) – fornece-nos elementos para se pensar a importância dos rituais nas rotinas de treinamento do Karate.

Adriano Costa comenta sobre outro ritual desta arte que envolve o ato de meditar – o mokusô. Segundo Santos *et al.* (2019), o mokusô é uma prática de origem japonesa que é executada geralmente ao final da aula, em que todos os praticantes sentam sobre seus calcanhares, fecham os olhos e refletem sobre seu dia e treinamento como um todo – este procedimento busca proporcionar ao sujeito uma autoavaliação e relaxamento físico depois de um treino intenso. Assim, segundo Mori (2017), o ritual de meditar

---

[34] Silvia Martins tem 25 (vinte e cinco) anos de idade, é arquiteta, faixa marrom e pratica Karate há 5 (cinco) anos. A partir da segunda menção a "Silvia Martins (entrevistada)", optamos por apenas citar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistada)".

pode trazer ao praticante autoconhecimento e o autodomínio. Paulo Henrique comenta em sua entrevista que embora tenha feito diversas práticas meditativas foi somente com o Karate que se encontrou. Por sua vez, Francisco Oliveira, ressalta que "*o Karate te ajuda a te trazer para o agora. Por isso eu acho que ele é uma arte muito meditativa*". Segundo Ratti & Westbrook (2006), a influência meditativa no Karate está relacionada ao Zen que foi retirado das rotinas de treinamento dos guerreiros samurais (ou *bushi*), visto que:

> O Zen foi a base das artes marciais do Japão Feudal, que deu à doutrina do *bujutsu* [ou conjunto de artes marciais japonesas] uma teoria e uma filosofia para explicar e justificar a prática das artes marciais, e que isso deu ao *bujin* [homem japonês lutador] disciplinas apropriadas para desenvolver um forte caráter e personalidade (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 482, grifo nosso).

Nessa acepção, os samurais entravam em salas para meditar, denominadas de dojo, todavia com o objetivo especial de se prepararem para a vocação militar. Assim, o dojo é considerado um lugar sagrado, vez que deriva do termo oriundo do sânscrito chamado *bodhimandala* (ou assento do despertar). Assim, este local foi escolhido pelos *bujin* para identificar as salas onde praticavam o *bujutsu*, já mencionado, e deram origem aos dojo de várias artes marciais (Judo, Karate, Aikido, Kendo, dentre outras) (RATTI; WESTBROOK, 2006).

Ademais, para Paulo Henrique, o dojo também é um lugar sagrado com vários rituais, mas, segundo ele, não devemos separá-lo do mundo, dado que "*mesmo que a pessoa não seja profissional do Karate, as pessoas devem romper com isso: dojo e mundo é uma coisa só – o mundo é um grande dojo*". Assim, o universo do Karate rompe o ambiente, a sala de treinamento, extravasa suas portas e paredes (em um capítulo mais a frente, "*Os significados do dogi e do dojo*", discorreremos com mais detalhes sobre os significados do dojo). Deste modo, a analogia que Paulo fez sobre o dojo denota uma forma de compreender a relação acerca do ser no mundo, podendo aproximar-se também da noção de *intercorporeidade* (SILVA; NÓBREGA, 2019), presente na filosofia de Merleau-Ponty: "Assim, sob este olhar a constituição do karateca pode ser investigada a partir da forma como este corpo interage com o outro, com o mundo, e consigo mesmo" (OLIVEIRA, 2019, p. 1). Neste universo, a atitude fenomenológica pode nos ajudar a compreender melhor o que Paulo comentou, na medida em que ao buscar compreender o mundo e não explicá-lo – no caso o dojo e

seus rituais – descobrimos que a partir das experiências, colhidas do relato de Paulo, encontramos os elementos que se estabelecem como modo de ser do karateca – no seu dia a dia, dentro e fora do dojo.

Nota-se que vários elementos encontrados no Karate possuem, em um certo grau, proximidades com outras práticas culturalmente cristalizadas na sociedade japonesa. O fato, por exemplo, de tirar o calçado para caminhar pelo tatame, é culturalmente reproduzido em estabelecimentos residenciais e comerciais no Japão atualmente. A posição do *Seiza* (ajoelhar-se e sentar sobre os pés), é muito utilizada perante a comunidade japonesa principalmente para fazer orações ou mesmo se alimentar próximo a mesas baixas. Outro exemplo mencionado, o mokusô (prática meditativa, no começo e no fim dos treinamentos), se assemelha a prática do *Zazen*[35] (outra prática meditativa japonesa) – comumente praticado em templos budistas.

Neste caso, Arakaki (2017) elucida com mais detalhes as rotinas ritualísticas encontradas no Karate:

> Tirar o calçado para entrar no dojo não se trata de uma condição meramente física de não sujar o ambiente, em nível sutil, significa não trazer impurezas de fora, que se apresentam em forma de negatividade por meio de sentimentos e pensamentos. Daí a importância do ritual de início e final de aula feito em seiza em que, diante das fotos do mestre ou dos mestres, realizamos o mokuso. Esse momento breve de preparação mental no início do treino tem como objetivo esvaziar a nossa mente de preocupações e outros estados emocionais que possam afetar a prática, promover a sintonia harmoniosa entre todos os presentes através da uniformidade na tonalidade de voz nas saudações e na recitação do dojo kun, no movimento de reverência e no treinamento como um todo. Já com o mokuso do encerramento do treino procuramos por meio do estado de abertura da mente apreender ao máximo o que foi praticado. O fato de nos curvarmos diante dos mestres na saudação shomen ni, não apresenta nenhum conteúdo religioso ou forma de veneração, trata-se da expressão de nossa gratidão pelo trabalho que fizeram e que, como qualquer ser humano, enfrentando dificuldades se propuseram ao estudo e à divulgação da arte que praticamos hoje. (...) Da mesma forma é importante que se oriente sobre as condutas corretas durante o treinamento, tais como: evitar conversas, colocar as mãos na cintura ou cruzar os braços enquanto o sensei explica algo ou sentar-se com as pernas esticadas, fazer reverência todas as vezes que entrar ou sair do recinto, ao chegar

---

[35] Segundo Lopes-Filho (2013b, p. 50), o "*Zazen* é um método de meditação com origem na prática zen budista, sem nenhum vínculo com a prática do Karate-Dō. Através dele o indivíduo deixa seus pensamentos livres, sem apego algum, observando os sentimentos e sensações que surgem, sem reprimi-los ou julgá-los. Até aqui é muito similar ao Mokuso, mas há muito mais por trás disso. Enquanto Mokuso é apenas um exercício para a concentração, *Zazen* é uma prática religiosa que busca a Iluminação (ou Satori)".

> atrasado, sentar-se em um canto do dojo, fazer o mokuso e solicitar a permissão para treinar. Todos esses procedimentos têm um só objetivo, manter a aura sagrada do dojo, sem a qual não há o estado de conexão adequado seja no plano físico, mental e espiritual para absorver o que realmente o Karate apresenta para a nossa jornada espiritual, o "do" (ARAKAKI, 2017, p. 38–40).

Percebemos que existem vários rituais do Karate no dojo e que muitos demandam certa duração de tempo para serem incorporados e memorizados, haja visto os diversos detalhes encontrados nos procedimentos. Para Paulo Henrique são nos pequenos detalhes que estão o respeito, visto que são através dos hábitos que se constitui o ser karateca, na medida em que na repetição se vivencia o tempo que leva a incorporação de movimentos e condutas.

Neste âmbito, os hábitos de etiqueta podem ser comparados as rotinas do kata – os movimentos sincronizados, a busca da excelência, o melhor jeito para fazer determinado movimento. Paulo ilustra tal conhecimento aproximando os rituais do Karate com a cerimônia do chá japonês. Segundo ele, nos duelos entre samurais, por exemplo, a cerimônia servia para detectar o grau de excelência que o adversário tinha – se ele era cuidadoso, sensível, se estava presente, concentrado, dentre outras coisas. Silvia Martinsacrescenta que a questão da hierarquia acaba sendo parte dos rituais, segundo ela, existe uma ordem de graduação, uma ordem na hora do alinhamento dos praticantes, por exemplo, para sair do tatame existe um sistema padrão: primeiro os faixas graduados e depois os iniciantes. O respeito quando o sensei está falando também foi comentado por Silvia, assim como não ficar distraído ou conversando, rindo ou mesmo de maneira "desleixada".

Adriano Costa também faz menção ao Bushido (código de ética dos samurais) como uma referência para praticantes de Karate, no qual o karateca bebe de uma fonte diversa – normas, condutas, etiqueta, lealdade, perseverança, caráter japonês. O praticante menciona a reverência ao dojo, o respeito aos companheiros e a concentração necessária durante o treino e, para finalizar, o ritual meditativo do mokusô, bem como o conceito de "Oss".

> *Depois você tem meditação no final do treino. Quando você já está com a adrenalina, cansado e tudo e você tem que dar aquela reenquadrada, falar assim: "que bom que". Eu nem busco calma, mas eu busco assim que gratificação que foi, como eu estou crescido aqui dentro. Como é gostoso isso. Como eu quero irradiar isso. Isso que eu acho que é legal no nosso Karate tradicional. E também esse*

> *negócio de você usar o "Oss". O "Oss" é esse lado que é nosso cumprimento, que é o nosso agradecimento, é a nossa saudação... Se você pega o Kanji do "Oss" ele quer dizer perseverança, suportar a pressão com perseverança, isso se aplica para a vida* (entrevista oral, Adriano Costa).

Constata-se na narrativa de Adriano Costa um emaranhado de informações que corroboram num diálogo com os outros entrevistados, na medida em que aponta questões norteadoras como a concentração total sobre os rituais padronizados e o pensamento de seriedade que o praticante deve imprimir sobre sua própria prática. Neste universo, todas as condutas podem ter uma essência em comum: a busca da perfeição ou de refinamento. Para compreender esse processo de refinamento é preciso olhar para o passado do Japão.

Segundo Frosi (2012), o recorte histórico da Era Meiji (1868-1912) fez emergir no Japão uma série de mudanças estruturais. Várias práticas, que haviam sito reinventadas neste período tiveram de passar por processos de reconstrução ocasionada principalmente pela entrada da cultura estadunidense promovida pelo imperador japonês da época, Mutsuhito (1852-1912). Neste contexto, o conceito de "*miyabi*" (ou refinamento) ganha sentido, pois ressalta a necessidade temporal e espacial de aperfeiçoar o que se tinha e livrar-se do que não funcionava mais. A lógica do refinamento foi muito importante nas práticas culturais japonesas ou "waza" (ou forma, técnica).

> Os waza sempre são procedimentos gestuais, que além da sua utilidade prática possuem significados para além do imanente. (...) Todo Caminho Dō é estruturado em uma série de waza que devem ser constantemente aperfeiçoadas, refinadas, assim levando o praticante ao conhecimento de princípios espirituais universais. A busca desses princípios, a transformação da técnica artificial (Ji) em uma técnica natural (Ri), onde o praticante e o Universo estão unidos (toitsu) é a base e o objetivo comum de tudo que é dotado de procedimentos formais na cultura japonesa (KUSHNER, 1988). Assim, o Karate-Dō, como um Budō (Caminho para deter a violência), é dotado de suas técnicas waza. Essas práticas são conhecidas como Te-waza (técnicas de mão), Keri-waza (técnicas de chute) e Renzoku-waza (técnicas consecutivas, ou combinadas) e devem ser refinadas ao extremo, atingindo através dessa "alquimia" a compreensão dos princípios universais, como nas demais formas de Dō. O processo do rústico ou artificial, até o natural e unificado com o Todo é, portanto, expresso pela ideia de miyabi[36] (FROSI, 2012, p. 20–21).

---

[36] "Outro conceito popular nos Caminhos Guerreiros que descreve esse processo de transformação chama-se Shuhari. Shu (守) e remete à ideia de "obedecer", ou apropriar-se do padrão, ou ainda

Neste sentido, os “waza” que compõem o Karate se subtraem em várias rotinas de treinamento (técnicas de mãos, de chutes, consecutivas/combinadas) acabando por serem atributos motrizes para o desenvolvimento e evolução do karateca. Nesse meio, constituem-se também como rituais, dado que fazem parte da estrutura do Karate. Deste modo, estariam neles de modo oculto, as essências do Karate, na medida em que os waza agem de maneira inseparável da essência do *ethos* carateca. Nesta linha de pensamento, Pedro Andrade acrescenta que a saudação, tão comum dentro como fora do dojo principalmente na sociedade japonesa (através da reverência, ilustrada por uma leve inclinação do tronco), carregaria consigo ensinamentos associados ao respeito, independente de hierarquia.

Francisco Oliveira sugere que os rituais do Karate refletem uma tradição que, mesmo emprestada do Japão, perdura no tempo em diferentes lugares como uma linha que une diferentes culturas a partir da prática.

> *Então, mesmo no Brasil ou em qualquer outro país você vê as mesmas características, os mesmos rituais, as mesmas técnicas. Então cada uma das escolas acabou trazendo de uma forma a tradição, mas você consegue ver uma linha que une todas elas – para mim isso é a tradição, na verdade é o verdadeiro Karate que acaba perdurando no tempo* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Neste caso, “a formalização e ritualização de certas práticas sociais que necessariamente se repetem, acabam por gerar convenções e regras para que essas práticas ou costumes sejam facilmente ensinados” (ANTUNES, 2019, p. 189). Para Marta podemos identificar rituais no Karate observando as normas do dojo ao qual pertença. Por outro lado, existem normas que são universais como, por exemplo, a autoridade máxima do sensei.

> *Dentro da prática, para começar, quando você entra na sala, você não abre a porta e entra. Você depende da permissão do sensei, então isso é um ritual que, independente da academia que você pratica, independente do país que você está, do dojo que você está, sempre*

“formatar”; é o estágio onde se absorve e se copia os waza. Ha (破) e significa “romper” ou “modificar”, constituindo-se na fase onde se naturaliza, ou se adapta cada waza às suas características próprias. Ou seja, etapa na qual o lutador modifica a técnica para que se adapte ao seu biótipo e habilidades. Ri (離) significa “transcender”, ou “ir além”, e é a fase onde o guerreiro supera através da criatividade os padrões anteriores, levando sua arte a um novo patamar, não antes alcançado, através da criatividade” (FROSI, 2012, p. 21).

> *você depende da autorização do sensei para entrar. Então desde entrar no local, de preferência pontualmente, porque isso significa respeito com as outras pessoas, esperar permissão para entrar, cumprimentar para entrar, você não simplesmente faz aula da maneira como você quer, se você tá bravo triste, chateado, aborrecido, ali é o momento de você mergulhar 100% na prática e ouvir o que o seu sensei fala, o que o outro mais graduado fala. Isso é um ritual que poucos exercícios, poucos esportes, poucas práticas têm. Então você tem a hora certa de falar, a maneira certa de reagir, pode acontecer alguma coisa que você não concorda, você tem que lidar com aquilo daquele jeito. Isso é um ritual que a arte marcial proporciona* (entrevista oral, Marta Silva).

Nota-se que Marta elucida principalmente o momento inicial de contato com o dojo – o período de entrada e permissão para pisar no tatame – apontando como fundamental a autorização do sensei para entrar na sala de treinamento. Rodrigo Silveira (entrevistado)[37] também menciona que percebe os rituais "*no cumprimento para entrar no dojo, para cumprimentar os mais graduados antes de começar a treinar, sempre escutar os mais velhos, os mais graduados*". Nesta circunstância, quando se pensa sobre rituais no Karate imediatamente vem a memória os cumprimentos, visto que "*remetem à cultura japonesa, o respeito que eles tem, a visão que eles tem do mundo, que é diferente da ocidental*", complementa Martina Escobar (entrevistada)[38]. Assim, os rituais comumente executados nas rotinas de treinamento do Karate contribuem com o reforço da tradição, muito embora essa tradição tenha sido construída por uma necessidade ímpar, oriunda de um contexto histórico particular.

Nesse contexto de condutas e rituais o praticante de Karate é moldado, ao mesmo tempo em que participa da constituição de seus companheiros de treino, pois torna-se também referência.

3.2 O TREINO: REPETIÇÃO E PERMANÊNCIA

De acordo com os entrevistados é possível descrever o treinamento sob duas perspectivas temporais: os momentos diários de treino, e o conjunto destes treinos ao longo do tempo. O treino, de modo geral, configura-se em três momentos

---

[37] Rodrigo Silveira é ortopedista, faixa preta, 39 (trinta e nove) anos de idade, 5 (cinco) anos de prática. A partir da segunda menção a "Rodrigo Silveira (entrevistado)", optamos por apenas mencionar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistado)".

[38] Martina Escobar é advogada, faixa preta, 31 (trinta e um) anos de idade, 13 (treze) anos de prática. A partir da segunda menção a "Martina Escobar (entrevistada)", optamos por apenas mencionar o seu nome, isto é, sem o complemento "(entrevistada)".

complementares – antes, durante e depois do momento de treinamento – que provocam no praticante, através de suas percepções, vários sentidos e significados. A preparação para o treino é um momento importante que antecede a entrada do karateca ao Dojo. Para Adriano Costa o período que antecede o treinamento, mais precisamente quando o karateca tira a roupa casual e veste o dogi de Karate no vestiário, é um instante único, na medida em que ele imagina a passagem para outra dimensão, bem como retira todos os problemas mundanos.

> *Tem esse lado de você sair do mundo e entrar no outro, o dogi ajuda muito isso. Você vai e tira sua roupa e também está despindo também os problemas que você trouxe. Quando está pondo o dogi você está quase pondo um paramento – então isso é muito bom! Ele dá uma quebra de dimensão você tem que ir para outra dimensão* (entrevista oral, Adriano Costa).

Neste âmbito, o dojo de Karate é um local onde os karatecas "desvestem-se de suas identidades sociais, profissionais, raciais e religiosas, para estarem todos em um mesmo plano, somente diferenciado pela hierarquia interna simbolizada pelas cores das faixas que cada karateca usa" (BARREIRA, 2013, p. 239). Nesta conjuntura, a figura do karateca aparece, ao mesmo tempo em que o dogi serve como um instrumento que dá abertura a um estado psíquico que se completará ao entrar no dojo – é como se surgisse um novo Adriano Costa, agora guerreiro, livre de problemas, voltado somente para a prática, os exercícios, os rituais em seu dojo.

Também para Adriano Costa entrar no dojo é como se fosse um portal japonês, o Tori[39], visto que os problemas são esquecidos quando está lá e "*seus colegas são amigos de aprendizado e não inimigos",* argumenta Adriano. Nessa perspectiva, Arakaki (2017) complementa que "um ambiente de dojo deve ser preservado da negatividade que o mundo exterior apresenta" (p. 38). Nota-se que o dojo pode parecer semelhante a um hipotético universo paralelo, onde a negatividade e os problemas mundanos são deixados fora dele, ao mesmo tempo em que é um espaço de educação, pois seus praticantes estão em constante aprendizado – perspectiva que é semelhante aos estudos de Gondim (2017) sobre o judô[40].

---

[39] O Tori (ou Torii, em japonês 鳥居) "é o portal xintoísta que indica a entrada ou a proximidade de um santuário" (SASAKI, 2011, p. 6).

[40] O judô é uma arte marcial japonesa, portanto, assim como o Karate, também bebe dos fundamentos do Budo (caminho marcial). O fundador dessa modalidade foi Jigoro Kano (1860-1938).

> Podemos afirmar que o dojo, enquanto "espaço de educação", independente do local em que esteja instalado, é um ambiente sem muros e fronteiras no que corresponde à sua fertilidade em propor educação daqueles que neles praticam o judô com fins para a formação humana e cidadã (GONDIM, 2017, p. 99–100).

Dito isto, no encadeamento dos treinos diários para a percepção do treinamento a longo prazo, podemos identificar alguns elementos importantes para o praticante de Karate, tais como a persistência no ato da repetição das técnicas para alcançar a excelência. Neste processo o praticante testa seus limites, inspira o autoconhecimento norteado pelos valores tradicionais do Karate, muitas vezes, guiado pelos seus lemas – o Dojo Kun (OLIVEIRA; ZIMMERMANN, 2019). Paulo Henrique ressalta que a repetição no Karate deve ser pensada como foco principal. Nessa circunstância, segundo ele, a prática, a repetição, também ajuda a desenvolver no karateca o "espírito de luta". Este termo também pode ser conhecido por *Zanshin*, muitas vezes reproduzido nas academias de Karate pelo Brasil, "tradução que, embora não seja inteiramente incorreta, não evidencia o significa do mais sutil de seu conteúdo" (BARREIRA, 2013, p. 95–96). Este "espírito de luta" acaba se caracterizando no não recuo perante ao cansaço, a exaustão, ou seja, continuar insistindo mesmo cansado, complementa Paulo. Deste modo, "a qualidade do espírito é essa potencialidade e a atividade intencional que movimenta corpo e mente, força e técnica" (BARREIRA, 2013, p. 241). Sobre os critérios para se compreender melhor a questão do espírito ressaltado, Barreira (2013) discorre que:

> Trata-se de uma dedicação não egocentrada, pois no limite não há fatores identitários em questão. Há, ao contrário, a diluição desses fatores, desconsideração dos elementos do eu, a minha imaginação, o meu pensamento, a minha história, o meu passado e o meu futuro, as minhas posses diversas, os meus medos e outras emoções, a minha vida, a minha morte. Tudo isso sendo subtraído da equação vivencial ideal do combate de vida ou morte, faz restar o momento, o acontecimento presente que será norteado e movido pela variação tensional do ki (energia vital/energia universal) invocando a ação, o que resultará no kime. A invocação do ki, nesse sentido, é uma atividade noética apenas enquanto capacidade de subtração das várias possibilidades de intenção do espírito que não, exclusivamente, a de ser comandada pela componente hilética, seja ela a sensibilidade treinada para reagir de acordo com distância e tempo de golpear e o dado instintivo de salvar a vida. Portanto, em última instância, o espírito presta obediência ao corpo, não com o anulamento de toda a sua produção que se inscreve na carne através dos treinamentos possibilitando a emergência do kime, este próprio um produto fabricado espiritualmente, mas com a subjugação de suas múltiplas

> capacidades intencionais à intencionalidade quase elementar da corporeidade (BARREIRA, 2013, p. 241–242).

A diluição de fatores apontados por Barreira (2013) como de elementos relacionados – do "Eu", a minha imaginação, as minhas posses e não ter medo da morte – pode ter associações com o budismo, pois esta religião está fundamentada no desapego à bens materiais e a esperança de uma possível reencarnação (RATTI; WESTBROOK, 2006), fator que pode ter relação com a ausência do medo da morte nas histórias de samurais.

> Segundo a crença tradicional nos textos dos guerreiros japoneses, prevalecerá em um duelo de vida ou morte aquele que, indiferenciando menos a vida da morte, dispondo-se a morrer lutando, será capaz de combater até as últimas consequências, depositando todas as suas forças e espírito naquele momento, sem que mais nada exista em seu mundo, sem que exista outro tempo e outro espaço além daquele. Isso não significa uma entrega à morte, mas uma entrega da vida àquele único momento, desapegada de todo o resto (BARREIRA, 2013, p. 241).

Neste contexto, o desapego com a vida foi uma das características da filosofia dos samurais – como apontado no texto sobre budismo, confucionismo e xintoísmo. Para Adriano Costa:

> *O espírito de luta é assim: você pode matar. Você pode entrar numa luta para matar ou morrer. Não tem problema e não tem problema matar ou morrer. Se você morrer não tem problema e se você matar, não tem problema. Você tem que estar preparado para isso. Você tem que estar preparado pra isso. Se não, não adianta lutar. E não lutar é muito bom também. Então se você consegue evitar sem ter que lutar é muito melhor. Por que ter um revolver não tem jeito, qualquer idiota pode te matar. Não é isso para que serve o Karate. O Karate serve para você todo dia ir deitar num travesseiro, sem ter peso na consciência* (entrevista oral, Adriano Costa).

Nesta esteira, podemos relacionar ao "espírito de luta" apontado por Adriano Costa com o conceito de Kime, proposto por Barreira (2013). O Kime pode ser considerado uma das essências técnicas do Karate e caracteriza-se por ser: "a noção de concentrar a potência de todo o corpo naquele único ponto de impacto atingido pelo golpe [...] é a expressão física da catalisação e do direcionamento da energia e, sucessivamente, da vontade" (BARREIRA, 2013, p. 13). Assim, o Kime, converge para a necessidade de matar com um único golpe, consequentemente, remete-se à morte.

Por outro lado, paradoxalmente, nos relatos dos depoentes observou-se a menção da busca de "paz de espírito", isto é, ao mesmo tempo que o praticante busca "espírito de luta" – talvez influenciado por um pensamento de não ter medo da morte, como apresentado anteriormente – também busca uma "paz" que transcenderia a própria prática. Sobre "paz de espírito", Adriano Costa cita uma passagem do livro *Zen e a arte da manutenção de motocicletas: uma investigação sobre valores* de Robert Pirsig (1991), do qual apresenta-se que:

> A paz de espírito produz valores corretos, e estes produzem pensamentos corretos, que, por sua vez, produzem ações corretas, as quais produzem um trabalho que mostra concretamente aos outros a serenidade que existe no centro de tudo (PIRSIG, 1991, p. 298).

Dito isto, percebemos associações com os estudos de Merleau-Ponty (1999), acerca da percepção do mundo vivido, estabelecida não somente consigo e com o mundo, mas também em consonância com o outro.

Em relação ao treino, o entendimento tanto de Pedro quanto de Marta convergem para a lapidação de um corpo que é esculpido a partir do exercício aliado aos lemas do Dojo Kun – uma espécie de combinação que estabelece um paralelo com a experiência trabalhada historicamente no Brasil por meio da "imitação" de movimentos, isto é, técnicas de Karate passadas de geração em geração pelos mestres que aqui chegaram. "De toda forma, pode-se avaliar que a imitação foi a principal referência ao longo da história do Karate no Brasil e teve a capacidade de manter o espírito de luta associado à resolução, determinação e tranquilidade, ou serenidade, para o combate[41]" (BARREIRA, 2013, p. 96). Era quase natural que imigrantes japoneses, sobretudo mestres de Karate, ao se estabelecerem no Brasil tivessem dificuldades com a língua portuguesa. Adriano Costa comenta que quando seu mestre Taketo Okuda, recém-chegado do Japão, lecionava aulas de Karate na década de 1970, os treinos eram praticamente não verbais, pois, como o sensei não falava português, a aula acontecia muito na reprodução visual – copiando as formas, os movimentos, acompanhando com o olhar.

Paulo acrescenta que é preciso que o praticante sinta a transmissão dos

---

[41] Segundo Barreira (2013, p. 96), "pode-se supor com segurança que a compreensão limitada de *zanshin* junto às peculiaridades culturais dos praticantes instou a produção de um espírito de luta à brasileira no Karate, algo ainda não pesquisado que poderia revelar os modos de apreensão, assimilação e transformação da arte no universo cultural brasileiro".

ensinamentos durante os treinos, ensinamentos que um livro não dá conta de ensinar. Segundo ele "*estar presente e estar acordado é quase um superpoder"*. Deste modo, o estado psíquico imerso na prática favorece um deslumbramento da própria prática, na medida em que o praticante percebe que aquilo é mais do que uma prática, pois não consegue descrevê-lo inteiramente, é um universo de saberes saboreado pelos diversos sentidos do seu corpo.

Para Silvia Martinso momento do treino, isto é, durante as sessões de Karate, é o período de seu dia no qual está mais concentrada: "*na verdade eu acho que talvez seja o único momento do meu dia em que eu estou 100% concentrada no que eu estou fazendo porque se a gente se distrai a gente erra*". Segundo Andraus (2012, p. 153), "concentração, atenção e percepção coadunam-se em uma rede de percepções físicas que leva a um determinado conhecimento". A concentração comentada por Silvia dá vazão para um entendimento mais profundo sobre o momento do treinamento. O diálogo com a prática através do corpo em movimento, colaboraria para uma "cristalização" ou "incorporação" da técnica, na medida em que o "*ethos*" do karateca aparece com seus elementos que o caracterizam: dogi, faixa, cumprimentos, símbolos, gestos, elementos tanto físicos quanto simbólicos tradicionais do Karate (OLIVEIRA; ZIMMERMANN, 2019).

Para Marta Silva, o momento que se configura como treino, possui duas fronteiras bem definidas: o primeiro seria quando põe o dogi para ir treinar e o segundo seria quando o retira para voltar para casa: "*quando você está de quimono, quando você amarra a sua faixa na cintura, independente de que cor seja, ele termina de fechar o ciclo da aula, do treinamento – começar e terminar*", comenta Marta Silva. Esse tempo do treino pode ser compreendido pelo karateca como "tempo rápido, em virtude do tempo próprio da luta – que não foi feito para durar" (ANDRAUS, 2012, p. 157). É neste momento que o praticante de Karate toma consciência de si mesmo no espaço, ao mesmo tempo em que se relaciona com o outro durante o treinamento, em meio a chutes, socos, bloqueios, lutas. "Lutar não é apenas reagir instintivamente com socos e chutes desprovidos de técnica: envolve uma elaboração requintada dos movimentos, realizada como se fosse reação instintiva" (ANDRAUS, 2012, p. 157).

Isso também se configura como exercícios de percepção e atenção como apresentado nos estudos de Andraus (2012) sobre o Wushu (ou Kung-Fu, G*ongfu*). O praticante, da mesma forma que deve estar atento numa luta para não ser prejudicado por algum golpe também deve estar atento aos gestos e rituais, as oportunidades de

cumprimento assertivos, como bem apresentou Paulo Henrique. O artista marcial acaba por transitar o tempo todo entre:

> 1) percepção de si; 2) atenção ao outro; e 3) estar "em guarda", em estado de prontidão – que seria uma atenção ao todo. Existe uma diferença sutil entre as duas últimas: enquanto estar atento ao outro pressupõe o direcionamento da atenção a um adversário real, estar em guarda implica estar atento a um número amplo de possibilidades (ANDRAUS, 2012, p. 161).

O momento de término do treinamento, isto é, o período logo após a saudação final, pode nos fazer enxergar particularidades do Karate. Para Silvia Martinseste é um momento repleto de bem-estar, fato que a motiva. Outra observação que pode nos remeter a questão da temporalidade é referente ao longo período de treinamento necessário para que alguns praticantes percebam uma série de transformações provenientes da prática. Para Pedro Andrade a paciência é um elemento tradicional importante, pois o:

> *Karate é muito lento, a evolução é lenta inicialmente, é uma evolução um pouco rápida, mas depois de um determinado tempo para quem pratica parece que não sai do lugar. E aí, de um dia para outro vira a chavinha e parece que tem uma evolução agressiva e, você volta. Um dia que parece que está bem e não consegue fazer direito e, dia que você acha que está muito mal você se supera. Eu acho que o principal é a paciência com a evolução de tudo* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Martina Escobar comenta que os efeitos causados pelo longo período de treinamento trouxeram a ela novas possibilidades para interagir com o mundo, isto é, passou a utilizar os valores do Karate em seu dia a dia.

> *Depois de um tempo de treinamento você começa a fazer isso. No comecinho eu acho que não tinha muita maturidade – comecei com 14 anos. Então agora que é muito claro para mim as situações que eu consigo trazer lá de dentro para fora, digo, para a minha vida* (entrevista oral, Martina Escobar).

Podemos interpretar que o relato de Martina nos apresenta interessantes revelações, na medida em que mostra, a partir de sua experiência com o Karate e também de vida (experienciada fora do dojo), razões para valorizar a modalidade, dado que, com o passar do tempo, adquiriu certa "maturidade", o que quando mais nova não

enxergava.

Neste contexto, os dois praticantes, Pedro Andrade e Martina Escobar, sintetizam a partir de suas experiências duas questões: como o Karate transforma o corpo? E, como um longo período de treinamento interfere na relação interpessoal e maturidade pessoal? Neste cenário, é observável que às vivências, vitórias e transformações – experienciadas pelos karatecas – com o tempo vão tomando outras formas, isto é, passarão por processos de modificação sobre seus corpos.

Nessa perspectiva, a noção de espaço retratado no dojo e tempo, particularizado na noção do antes, durante e depois do treinamento, apresentam-se fundamentais na construção do que seria o Karate reverberado em seus rituais e tradições. Sobre o tempo Merleau-Ponty (1999) nos esclarece que o presente conserva o passado imediato, na medida em que "o tempo escoado é inteiramente retomado e apreendido no presente. O mesmo acontece com o futuro iminente que terá, ele também, seu horizonte de iminência" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 106). Desta forma, podemos compreender melhor a atuação do tempo-espaço na formação do karateca.

3.3 OS SIGNIFICADOS DO DOGI E DO DOJO

Considerando os relatos dos entrevistados, outro aspecto importante para ser observado no contexto do Karate seria a compreensão do que significa o dogi (ou quimono) e o dojo (local de treinamento) para o karateca – serão apresentados discussões sobre eles respectivamente.

Os praticantes vestem uma roupa branca, isto é, o dogi (ou Karate-gui) comumente chamado de quimono (ou *quimono*) e cujo tecido geralmente é de algodão. Há também uma faixa que define a graduação do praticante por meio da hierarquia de cores pré-definidas pela organização de origem. Neste contexto, a faixa preta surge como uma tradição inventada historicamente.

> A invenção da faixa preta foi criada pela categorização da hierarquia de praticantes dentro da Kodokan inspirado pelo modelo ocidental de organização modular de conteúdos muito utilizados pelos americanos na época. Esse tipo de organização foi copiado por diferentes modalidades pelo mundo, como exemplos, o caratê, o taekwondo, entre outras. Em consequência da criação das faixas, os exames de faixa foram inventados. Eles se constituíram como tradições inventadas para hierarquizar as relações do grupo, inculcar

> comportamentos subalternos e legitimar o poder de seus idealizadores e promotores (ANTUNES, 2019, p. 203).

Deste modo, percebemos que alguns acessórios, tais como a faixa, comumente usados durante a prática de artes marciais japonesas, estão associados a tradições recentes, enraizadas, sobretudo, em fins do século XIX e começo do século XX. Simbolicamente o dogi juntamente com a faixa, são considerados elementos que constroem a identidade do karateca, carregando consigo vários significados. O dogi também ajudaria na visualização em situações de referência em frente ao espelho, onde o praticante percebe se seu movimento está correto junto aos demais karatecas. Sobre o significado do dogi e seu processo histórico, Barreira (2013) comenta:

> Diz-se que num dojo de Karate, a cor branca do Karate-gui (uniforme usado para a prática) representa a pureza de intenção e a igualdade entre os praticantes [...] De fato, a escolha do uniforme para o treinamento obedeceu a um critério prático de institucionalização da arte no Japão dos anos 1920, baseando-se na vestimenta do judô. A atribuição de um significado de pureza de intenção para a cor do Karate-gui provavelmente não está em suas origens. Entretanto, manifesta um valor ideal, de uma maneira ou outra, presente no Karate. Já a questão da indiferenciação entre os praticantes é um fato arraigado na natureza do combate (BARREIRA, 2013, p. 239).

Dito isto, Paulo Henrique ressalta que o dogi é imbuído de um valor. E qual seria este valor? Silvia Martinsao ser interpelada sobre o sentido do dogi responde que essa vestimenta iguala os corpos, como mencionado anteriormente. Sua interpretação também leva em consideração a questão estética do dogi, a roupa marcial deixaria os praticantes mais formais.

> *Eu acho muito importante ter o quimono e pensando até numa questão de gênero. O quimono quase que iguala os corpos dentro do treino e acho isso eu gosto disso. Eu acho importante porque querendo ou não acho que tem muito mais homens. Acho essa uma questão importante de falar. Tem muito mais homem do que mulher. (...) E o quimono iguala assim ele também. Acho que tem muitas práticas esportivas. Enfim, eu acho que as pessoas praticam com muita pouca roupa. E aí o corpo, a questão estética fica muito em evidência e quando você bota o quimono eu acho que você acaba neutralizando isso e prestando atenção mais você com seu corpo do que como você está no espelho. Enfim, não tem uma questão de ficar se olhando. Assim, você se olha para ver se você está fazendo o movimento correto. Se você está parecido com os outros* (entrevista oral, Silvia Martins).

Um fator interessante ressaltado por Silvia seria a questão de gênero mencionada por ela em seu entendimento sobre o significado do dogi. Para ela o fato de haver poucas mulheres treinando ou mesmo dando aulas de Karate chama atenção, é uma realidade que ela gostaria que fosse diferente. Por outro lado, o dogi ajudaria a "mascarar" a diferença de gênero, pois igualaria os praticantes com o uniforme.

A questão de gênero apontada por Silvia aproxima-se do estudo de Telles (2018). Essa autora ao investigar o corpo a corpo no combate – em especial no Karate, capoeira e MMA (*Mixed Martial Arts*) – citou estudos que comentavam sobre a praticante de jiu-jítsu Kyra Gracie. A lutadora "apesar de viver em uma família que possui tradição no meio das lutas, notadamente com o BJJ *[Brazilian Jiu-Jitsu]*, enfrentou preconceito por ser mulher e precisou insistir para conseguir treinar e competir" (TELLES, 2018, p. 194, grifo nosso).

Segundo Oliveira (2011), a mulher vem conquistando ambientes antes dominados por homens, não apenas em questões profissionais, mas também no campo esportivo e nas artes marciais. A busca pela melhora da qualidade de vida está relacionada a essa conquista, uma vez que "representa um dos agentes primordiais que induzem a mulher à procura dos conhecimentos pautados às artes marciais assim como nas outras possibilidades de prática de atividades físicas" (OLIVEIRA, 2011, p. 6)

Francisco Oliveira reforça que o dogi "*é quase um uniforme mesmo. Uma forma de colocar todos como iguais e todos como diferentes, pois de certa forma a gente tem as faixas que nos diferencia em hierarquia. Mas eu acho que ele se caracteriza por ser um uniforme, pois nos caracteriza como grupo*". Para Adriano Costa o dogi deve ser confortável e permite a transição entre diferentes momentos:

> *Depois tem esse lado de você sair do mundo e entrar no outro. E o dogi ajuda muito isso ai. Você vai e tira sua roupa e também está despindo também os problemas que você trouxe. Quando está pondo o dogi você está quase pondo um paramento. Então isso é muito bom. Ele dá uma quebra de dimensão você tem que ir para outra dimensão* (entrevista oral, Adriano Costa).

Conforme mencionado, Silvia também afirma que o momento de vestir o dogi e amarrar a faixa ajuda na preparação para o treino, pois auxilia o sujeito a entrar num entendimento do universo do Karate. Por outro lado, Pedro Andrade descreve o dogi como se fosse uma armadura, no sentido daquela utilizada pelos samurais do Japão

Feudal.

> *Eu brinco que vou colocar a armadura. E quando a gente fala armadura a gente pensa em algo que protege a gente. Meu quimono me protege, ele me deixa melhor, ele me deixa mais confortável, ele me deixa mais forte. Se é no sentido figurado ou não, é essa sensação que eu tenho* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Observa-se no comentário de Pedro Andrade uma valiosa contribuição, tendo em vista sua analogia feita entre o dogi e armadura. Nessa perspectiva, encontramos também nos estudos de Wacquant (2002) sobre o boxe associações com armadura, na medida em que esse autor sugere que o pugilista forja um corpo-arma e armadura em um espaço chamado de *gym*[42]. Pedro Andrade também comenta que:

> *A gente lembra da nossa origem, o quimono lembra a origem de onde tudo começou. É uma roupa que você – eu brinco com os meus alunos mais novos – não é uma roupa que você encontra alguém na rua, não é uma roupa que você encontra no shopping. Então quando você vestir o quimono incorpore aquele momento, que é um momento de respeito* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Marta Silva tem uma resposta parecida com a de Pedro Andrade, pois comenta que o dogi possui um aspecto de armadura, embora reconheça que essa analogia possa ser vista como um "clichê". Neste contexto, também adicionou que o dogi não se deve ser usado em qualquer lugar, assim, complementando Pedro com sua resposta.

> *Eu não saio daqui de quimono, raríssimas foram as vezes em que entrei no carro de quimono. Quimono é para ser usado dentro do tatame, faz parte do contexto, você tá de quimono você tá diferente, não é qualquer pessoa que veste o que a gente veste. É um significado intenso, é um peso estar de quimono, você não pode amarrar uma faixa na cintura e ir ao shopping fazer compras. É muito subjetivo, não é uma coisa comum, normal* (entrevista oral, Marta Silva).

Já para Rodrigo Silveira o dogi tem um significado de "*um uniforme de guerra. Mas acho que aqui no treino, no Karate de hoje, ele é questão de respeito ao Karate. É você estar sempre alinhado, bem vestido*". Para Martina Escobar o dogi (ou quimono, como apresentado por ela) traz consigo um sentido de igualdade, pureza, hierarquia e

---

[42] Segundo Wacquant (2002, p. 31), "um *gym* (segundo o termo consagrado nos países de língua inglesa) é uma instituição complexa e polissêmica, sobrecarregada de funções e de representações que não são apreensíveis de imediato pelo observador, mesmo que ele esteja avisado sobre a natureza do lugar."

uma inclinação a um estado de comportamento padrão de grupo. Segundo ela:

> *Na verdade o quimono, além de ser uma forma de, como eu vejo, igualdade, o quimono branco, todo mundo nas mesmas condições (só a faixa que determina o grau) e acho que é pureza... para mim é mais a questão da igualdade. Tem a questão da hierarquia, mas todo mundo tem que se tratar de forma igual* (entrevista oral, Martina Escobar).

Assim, o dogi é um elemento usado para criar identidade na constituição do Karate, indicando respeito a arte, a prontidão para o treino e o pertencimento a um determinado grupo. Aparece associado tanto a noções de "uniforme" e "igualdade", quanto a elementos bélicos quando comparado a uma "armadura".

Segundo Ratti & Westbrook (2006), a armadura, sobretudo a que remete aos antigos samurais, se constituía historicamente de um material protetor que, ao mesmo tempo, seria um fator determinante na evolução e no uso estratégico das armas empregadas pelos guerreiros feudais japoneses (ou *bushi*). A valorização deste material, chegava ao ponto de atribuir local especial para sua colocação, podendo servir como homenagem a alguma divindade local, o que fazia parte dos costumes de clãs de samurais durante o Período Tokugawa (mencionado anteriormente).

> Os *bushi* do período Tokugawa herdaram uma rica tradição na arte proto-histórica de confeccionar e colocar uma armadura. Os membros de cada clã podiam seguir facilmente a evolução dessa arte, examinando os exemplares antigos e contemporâneos que formavam uma parte do patrimônio e do equipamento de combate de cada clã. A armadura frequentemente ocupava um lugar de honra na residência do clã ou em um templo próximo, segundo o costume de dedicar objetos de valor ou de renome a uma divindade (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 202–203).

Percebemos assim que a valorização de equipamentos e vestimentas encontra ressonâncias na história das artes marciais. Neste cenário, outra questão brota: como foi construída a história do dogi ao longo da trajetória do Karate? Sabe-se que Jigoro Kano, considerado o fundador do Judô e amigo do mestre de Karate, Funakoshi, contribuiu de maneira substancial na promoção do Karate no Japão Continental e em Okinawa. Neste contexto, segundo Figueiredo (2006), a amizade entre os mestres acabou por influenciar escolhas pontuais como, por exemplo, o uso desta vestimenta.

> Essa influência acabou por se *refletir* também em bastantes pormenores *formas* relacionados com a "imagem do *Karate*": O Karategi (*roupa* de treino do Karate) à imagem do Judogi (*roupa* de treino de Judo) já uniformizado progressivamente a partir dos anos 80 do século XIX, foi *adaptado* e uniformizado a partir dos anos 20 do século XX, tendo logo sido necessário na apresentação do *Karate* a Jigoro Kano; no Judô ele atribui pela primeira vez um grau de 1º dan a dois dos seus alunos em 1883 enquanto G. FUNAKOSHI o faz em 1924; etc. (FIGUEIREDO, 2006, p. 343–344, grifo nosso).

Verifica-se que em meio aos diversos elementos que caracterizam o Karate, podemos apontar a possibilidade da vestimenta, o dogi, ser compreendido pelo conceito de tradição inventada. Neste caso, para sustentar tal argumento, os estudos de Antunes (2019), sobre artes marciais, nos ajudam a refletir acerca da aplicação deste conceito apresentado inicialmente por Hobsbawm & Ranger (1997).

Da mesma forma que o dogi, o dojo também é um elemento importante no cenário do Karate e, portanto, pode auxiliar a pensar questões acerca de tradições e rituais, pois, na maioria das vezes, é nele que são reforçados tais elementos. Antes de mais nada, é preciso levar em consideração que qualquer escola ou dojo de artes marciais não segue uma ordem padronizada de desenvolvimento, isto é, "vão estabelecendo-se nos mais diversos espaços e se apropriando culturalmente de acordo com os propósitos com os quais se têm a intenção de desenvolvê-lo" (GONDIM, 2017, p. 81). Mas, afinal, o que é o dojo? O dojo é o local de treinamento de praticantes de artes marciais japonesas ou o "lugar para prática do 'caminho'" (PUCINELI, 2017, p. 11). Assim, o chão comporta geralmente um tatame ou em alguns dojos tradicionais de Karate um tablado de madeira e para a maioria dos praticantes de Karate o Dojo é sagrado.

Como veremos a seguir, muitos praticantes associam o dojo a imagem de um templo, um espaço de força, de silêncio e de presença, que se assemelha a espaços espirituais. Percebemos, por exemplo, na decoração do ambiente, geralmente na parede central, um quadro pendurado com o fundador do estilo de Karate. Há também um ritual para entrar no Dojo, fazendo-se uma leve reverência, inclinando-se o tronco, entrando sempre descalço sobre o tatame.

Nesta conjuntura, os entrevistados ressaltaram vários entendimentos acerca deste local de treinamento. Para Paulo Henrique, por exemplo, estar no dojo é percebido como se estivesse num palco, e seu público – quem o assiste – é o universo, isto é, um lugar que pode gerar medo, pois é lá que o universo inteiro o observa, o questiona.

> *O dojo eu acho que é um espaço sagrado assim. É um lugar onde você vai. Parece um palco. Tipo, onde os deuses vão olhar, sentar e ficar olhando você (nesse momento Paulo faz uma encenação, onde um ser divino olha para o palco imaginado sobre a mesa). Humm vamos ver. Então é como se... Quando eu falo os deuses é como se fosse todo o universo. Todo o universo, toda a energia está ali. Vocês estão como em um palco e o universo inteiro está testemunhando o que você está fazendo ali. Você vai nesse momento ser mole? Não ter postura? (...) Por isso eu tenho medo de entrar. Por que ali eu vou ter que ser muito sincero* (entrevista, Paulo Henrique).

A analogia que Paulo faz sobre o dojo denota um entendimento de que o dojo seria um ambiente peculiar que provocaria um policiamento das próprias ações. Neste pensamento, a auto cobrança é desejável, haja visto que existe uma força que o conduz para um comportamento mais "disciplinar", mais determinado. A persistência no treinamento do praticante, os dias de treinamentos árduos são importantes dentro do dojo, nesse ponto de vista. Desta forma, quanto mais o karateca se dedica mais chama a atenção dos "deuses", ganhando, assim, sua simpatia. E, depois de tanto treinar, Paulo ressalta que certamente virá alguma recompensa, segundo ele:

> *Mas se você está lá todo dia, todo dia, todo dia batalha. Uma hora ele... "Orra esse cara, deixa eu olhar melhor para esse cara, ele está me chamando a atenção. Ele está todo dia lá". E ai é como se você precisasse ganhar a simpatia dos deuses. Uma vez que você ganhar a simpatia deles eles também te ajudam. Mas você só vai ganhar a simpatia se você ralar, ralar, ralar e estiver lá todo dia. Depois de muito tempo eles vão falar: "esse cara é insistente heim". "Esse cara é persistente". "Pô deixa eu olhar"* (entrevista oral, Paulo Henrique).

A compreensão de Paulo sobre "estar no dojo" converge para uma sensação de vigilância que pode servir para outros praticantes como uma motivação para se manter firme, sem esmorecer, principalmente em treinamentos desgastantes. Por outro lado, Silvia Martins, como mencionado anteriormente, descreve o dojo como sendo um ambiente que propicia bem-estar. Entretanto, como estudante de arquitetura, ela ressalta aspectos específicos de um determinado local, pois acredita que tudo isso interfere em um bom treino de Karate, assim, segundo ela:

> *A ventilação muito boa. Apesar que o sensei deixa fechado e quente. É claro, o ambiente, eu acho que, o bairro também é silencioso, dá luz, da ventilação, acho que tudo isso acaba interferindo no treino e a materialidade, a madeira do chão. Eu acho que tudo isso interfere.*

> *Enfim, como arquiteta, eu acho isso fundamental para ter um bom treino também. Gosto muito desse dojo. Eu gostaria que todo mundo tivesse um dojo que nem esse (risos)* (entrevista oral, Silvia Martins).

A descrição de Silvia nos traz detalhes importantes sobre o dojo, uma vez que ressalta particularidades da estrutura física desse local. Para Adriano Costa, o dojo seria um "templo".

> *É um templo. Você tem que entrar como se entra numa igreja. Você tem que ter um respeito. É quase um lugar sagrado. Você tem que tentar se purificar o máximo para entrar lá. Para ter uma atitude que não precisa falar nada. O cara olhou para você e ele tá vendo* (entrevista oral, Adriano Costa).

Adriano Costa apresenta um discurso sobre um estado de consciência em que o praticante deve buscar no dojo a naturalização do movimento, na medida em que os movimentos deixam de ser artificiais ou forçados e passam a ser naturais, ou incorporados. Francisco Oliveira atribui significado similar ao dojo: "*é quase como um templo. Eu acho que ele tem uma força de silêncio e de presença que se assemelha a espaços de templos espirituais*". Para Rodrigo Silveira o dojo também pode ser considerado como um "templo" e se justifica dizendo que este local tem uma correlação com o religioso: "*Para a gente é a nossa religião do dia-a-dia, onde a gente vai aprendendo, a gente vai aprender desde a parte esportiva, parte de convívio e respeito*". Quando questionado sobre o que sente ao estar no dojo, Rodrigo declara que percebe estar estimulado e justifica: "*para poder sempre buscar um passo à frente, algo melhor e, ao mesmo tempo é um lugar que dá conforto para você estar com seus amigos, pessoas que você admira e respeita*". Nessa perspectiva, observamos que o dojo nas artes marciais japonesas acabam por ser um lugar de encontro, ou melhor, de "compartilhamentos de experiências através de ações coletivas com o outro é algo constante e rico, ou seja, não segue os regimentos formais de espaços institucionalizados" (GONDIM, 2017, p. 98).

Para Pedro Andrade o dojo: *"é o local de deixar o ruim para fora e só sair com coisa boa daqui de dentro. Embora às vezes seja desgastante, sacrificante, doloroso, faz bem. Acaba o treino, o sentimento tem que ser de satisfação, de dever cumprido, de saúde, de alegria"*. Verifica-se assim que alguns praticantes compreendem a estrutura física do dojo como um local distinto, isto é, uma espécie de mundo paralelo. De forma um pouco distinta, para Marta Silva o entendimento sobre dojo aproxima-se da noção

de casa, na qual imprime grande zelo.

> *Eu encaro o dojo como a minha casa. (...) porque é um lugar onde você tem um convívio com você mesmo e com outras pessoas às vezes mais intenso do que na sua própria casa, porque o Karate te instiga a isso. O Karate sempre te provoca a ser uma pessoa melhor, pensar melhor, reagir melhor. E eu particularmente tenho um carinho muito grande, se você me falar "olha, você vai precisar limpar o dojo todos os dias, de manhã e de tarde", conta comigo. Vai além da prática do Karate, tem a ver com você zelar, cuidar, ajudar para evoluir, e enfim, para que outras pessoas também usufruam disso. Então eu vejo como uma casa* (entrevista oral, Marta Silva).

O respeito e zelo pelo seu local de treinamento de Karate faz de Marta uma pessoa que acredita no sentido de coletividade e de empatia, pois ao cuidar do dojo estaria, ao mesmo tempo, garantindo que outras pessoas possam usufruir da melhor maneira possível deste espaço.

Para Martina Escobar o dojo é um ambiente que traz muito conforto e desafio.

> *Me sinto bem (ri). Me sinto desafiada, porque às vezes me sinto confortável, às vezes não. E eu acho que essa é a questão no Karate, muitas vezes a gente se sente desconfortável, e é aí que entra a superação, é aí que entra o treino, a repetição, para a gente poder... mas é um lugar... é um lugar de treinamento* (entrevista oral, Martina Escobar).

A superação comentada por Martina, muitas vezes, é associada à busca da excelência no meio esportivo, porém também está sintonizada com a auto superação, no sentido de que não necessariamente o karateca treina para ganhar do outro, mas muitas vezes para "ganhar" de si mesmo, se superando a cada treino.

Evidenciamos que o dojo possui diferentes significados descritos pelos entrevistados – imaginado como um templo, um lugar sagrado, uma espécie de dimensão paralela onde os problemas mundanos devem ser deixados de fora. No entanto, o dojo pode ter outras interpretações. Segundo Arakaki (2017), no Brasil, frequentemente, são utilizados dois termos: academia e centro de treinamento. O primeiro se dirige ao espaço para pessoas que buscam autodefesa, à saúde e ao bem-estar físico e mental, por outro lado, o segundo termo remete a ideia do alto rendimento em competições. O autor afirma que nos dois casos o desenvolvimento interior do ser humano geralmente não é buscado. As questões estética e estrutural do local também influenciam nessa busca para o desenvolvimento interior, na medida em que ambientes

coloridos e barulhentos atrapalham a prática, dispersando com facilidade o praticante.

Segundo Pucineli (2017), o significado de dojo seria “lugar para prática do ‘caminho’” (p. 11). No Japão Feudal a definição de dojo teria uma conotação de sala de entretenimento do *ryu* (ou escola) marcial, deste modo, foi um “nome emprestado da nomenclatura budista para salas destinadas à meditação e outros exercícios espirituais em todos os monastérios e conventos” (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 177), que os estudantes de artes marciais, sobretudo aqueles que viriam a ser guerreiros, frequentavam. Para complementar, “a palavra dojo deriva de um termo budista que faz referência ao ‘local de iluminação’. Como um monastério, o dojo é um local sagrado que as pessoas procuram para aperfeiçoar seu corpo e sua mente” (KANO, 2008, p. 30).

O significado que os praticantes de artes marciais japonesas imprimem sobre suas vestimentas e locais de treinamento nos trazem um emaranhado de simbologias, descrições e entendimentos sobre o universo das lutas. Percebe-se que parte deste conhecimento é oriundo de valores do Budo (em japonês: 武道, ou caminho marcial). Nesta circunstância, segundo Fernandes (2011), há diversas manifestações que os praticantes de artes marciais japonesas expressam e que são associados ao Budo. Por exemplo: o *sensei* ou *shidosha* (responsável pelo treinamento) é tratado com muita gratidão; o zelo pelo Dojo, bem como a atitude de dedicação à limpeza sintonizada com um apreço extra-cotidiano são fortemente trabalhados; há também a exaltação do respeito, quase que absoluto e intenso entre os colegas; a pontualidade para se começar os treinos; a valorização da limpeza do Dogi, dentre outras manifestações.

Neste âmbito, o karateca vai sendo forjado, isto é, “o corpo é moldado. Como é a partir dele que se percebe a intenção de luta, de enfrentamento e de respeito, ele precisa ser treinado e conceitualizado para exprimir tais competências” (LOURENÇÃO, 2009, p. 184). Assim, o karateca se constitui nesta relação entre o corpo que se move no ambiente no qual ele se faz ser reconhecido (dojo), atravessado por modos de conduta, tradições e rituais.

3.4 OS LEMAS NO KARATE

Outra manifestação da tradição do Karate é habitualmente encontrada durante os treinamentos desta prática, no caso o dojo kun (em japonês: 道場訓). Se trata de um conjunto de regras que os karatecas devem seguir teoricamente. Paulo Henrique defende

que foram muito bem escritos e que gosta muito deles. A construção verbal das frases é bem elaborada e Paulo tenta segui-los, aplicando em seu dia a dia.

> *Então eu gosto muito deles. "Respeito acima de tudo" eu acho muito legal. "Controle do instinto de agressão", "desenvolvimento do sentido de esforço" e "fortalecimento do caráter". Todos eles eu acho que fazem muito sentido [...] É. Eu acho muito justo assim. Muito bem escrito. É escolhido muito bem. Mas de todos o que mais me vem à cabeça o tempo todo é "fidelidade para com o verdadeiro caminho da sabedoria"* (entrevista oral, Paulo Henrique).

O conhecimento que Paulo manifestou sobre o dojo kun demonstra seu grau de envolvimento substancial com o Karate, tendo em vista que apresenta de maneira objetiva os lemas e reforçou que procura segui-los. Por outro lado, Silvia Martins, embora tivesse esclarecido em entrevista que sabia pouco sobre o dojo kun, indicou que:

> *Assim como se fosse uma matéria, ele se personifica nos gestos, eu acho que do Karate. [...] a questão do respeito do aluno dentre os colegas e com o sensei, isso ai já está dentro do dojo kun: respeito acima de tudo. [...] Manter o espírito de autocontrole. Enfim, mesmo que você não tenha estudado, mas você acaba vendo no treinamento* (entrevista oral, Silvia Martins).

Silvia registra principalmente em seu depoimento questões relacionadas ao respeito dentre os colegas e com o sensei. Neste sentido, enfatiza que isso é encontrado no dojo kun, isto é, no lema *respeito acima de tudo*. Já Adriano mencionou a importância de alguns lemas do Karate, na medida em que acredita que os lemas *Esforço para a formação de um caráter saudável* e *Criar o intuito de esforço* são de sua academia. Na sequência, ele acrescenta que *o respeito acima de tudo* deve ser reverberado no ambiente familiar, na sociedade, no trabalho.

> *Você tem dois esforços. Esforçar para a formação do caráter e criar o intuito de esforço. É o nosso lema. Então o esforço é muito importante. Depois o que eu mais gosto é: respeito acima de tudo. Isso tem que ter na família, na sociedade, no trabalho. Tudo quanto é lugar. E depois esse lado do... De você conter o espírito de agressão. Hoje se tem uma sociedade que até idolatra um pouco a agressividade dos jovens executivos. "O cara é super agressivo, ele vira o jogo". Isso eu acho péssimo. Eu acho que se você quer aplicar o Karate nos negócios você tem que ter paz de espírito. Se você é um condutor de negócios a tua tropa tem que enxergar que você tá com paz de espírito. Porque ai tudo funciona* (entrevista oral, Adriano Costa).

O depoimento de Adriano Costa retoma uma questão já mencionada anteriormente, a "*paz de espírito"*. Este conceito tem relação com a agressividade, pois segundo Adriano, a principal contribuição do Karate para o trabalho estaria em trazer uma espécie de tranquilidade e não na potência da agressividade, como é erroneamente interpretado. Sua reflexão vai ao encontro da necessidade de saber usar o que é aprendido com o Karate, bem como os seus lemas, por exemplo, nos negócios.

Nesta condição, a recitação de lemas normalmente proferidos antes ou depois das rotinas de treinamento no Karate, também são evidenciados, porém com diferentes propósitos, em empresas tradicionais no Japão através do *Kakun*.

> O *kakun* é um conjunto de preceitos e princípios de conduta, elaborado e deixado por proprietários de casas comerciais e de artesãos a seus descendentes e empregados. É possível afirmar, com certa segurança, que a maioria das empresas japonesas com longa tradição segue esse tipo de código de conduta ou algo semelhante, herdado e mantido por sucessivas gerações ao longo de séculos. Num *kakun* destaca-se, aqui, o lado social, base ética das atividades empresariais e força motriz para a longevidade dos negócios (YAMAMOTO; VERGARA, 2008, p. 3).

Constata-se que há na cultura japonesa diferentes formas de lemas, algumas até direcionadas para empresas. Segundo Pinto *et al*. (2017), o *Kun* ou lema do Karate, não é algo exclusivo do Karate Shotokan nem é exclusivo das artes marciais japonesas. Na contemporaneidade japonesa a maioria das grandes, médias e pequenas empresas possuem seu próprio *Kun*, isto é, seu próprio lema. Geralmente são recitados ao começo dos expedientes ou em reuniões importantes. Isso talvez tenha alguma relação com o Bushido (caminho do guerreiro) oriundo dos guerreiros feudais japoneses, os samurais. Neste âmbito, também é evidente encontrarmos esse "conjunto de preceitos e princípios de conduta" (YAMAMOTO; VERGARA, 2008, p. 3), em outros estilos de Karate (*Goju-Ryu*, *Shito-Ryu* e *Kyokushin*). Neste caso, cada um possui seus próprios lemas.

Pedro Andrade descreve em seu depoimento sobre o dojo kun que procura utilizá-lo em seu dia a dia. Neste caso, procura vigiar-se o tempo todo para não se corromper, citando um dos lemas do Karate: *esforçar-se para a formação de um caráter saudável*.

> *Você se esforçar para ter caráter hoje é muito difícil. Todo mundo quer te corromper em tudo, e corromper não é aquilo que você vê na*

> *TV, é furar fila do banco, é parar em local proibido, é [dirigir] acima da velocidade, isso é corromper. Então, assim, é caráter, você não pode julgar uma pessoa que parou em lugar proibido que ela não tem caráter. Posso sim, ela não tem caráter. Porque alguém vai precisar parar naquele lugar e não vai poder. Tem algumas coisas no Dojo Kun que não tem meio, ou é ou não é* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Evidencia-se na fala de Pedro contribuições para se compreender melhor onde podemos identificar no dia a dia o dojo kun, no caso o lema *Esforçar-se para a formação de um caráter saudável*. Na sequência, Pedro discorre que ensina sobre o dojo kun a seus alunos de uma maneira didática.

> *Dou este exemplo para os meus alunos. O meu pai me chama atenção porque eu preciso ir dormir porque é tarde. Ele tem razão, porque amanhã vou acordar cedo, vou ter sono na escola, se eu tiver sono não vou me concentrar e o aprendizado vai ser prejudicado. Então vai dormir filho. É simplesmente ser fiel a quem tem razão. E isso é uma das coisas mais difíceis no dia a dia. Fidelidade ao verdadeiro caminho da razão* (entrevista oral, Pedro Andrade).

A maneira pela qual Pedro Andrade aborda o dojo kun nos mostra que passar as instruções técnicas da prática do Karate é só uma parte de um todo maior, isto é, o mestre também deve se preocupar como abordar os lemas do Karate, indo além do ensino técnico. Pedro também acrescentou sobre a necessidade de seguir o lema *Criar o intuito de esforço* justificando que: "*pois se não a gente se perde no caminho*". Nota-se sua preocupação em permanecer no *caminho*, porém qual seria este caminho? "*O 'foco, força e fé' que hoje está na moda, todo mundo escreve isso, isso se chama foco, criar a intenção do esforço. O tempo todo se esforçando*", responde Pedro. Com relação ao lema *Conter o espírito de agressão*, Pedro ressalta que transformar a agressividade interna e canalizar com respeito faz com que o praticante de Karate tenha mais controle – não será agressivo com os outros.

> *Conter o espírito de agressão. Conter não é não ter o espírito de agressão. Todo mundo tem o ponto de agressividade. Se você souber usar, se eu pegar uma pessoa agressiva e colocar para treinar, conseguir usar essa agressividade com respeito, ela vai ter controle, e ela não vai ser agressivo com outros. Então eu preciso controlar isso. Se eu pegar tudo isso que falei e levar para dia a dia eu uso muito mais o Dojo Kun fora do que dentro do tatame* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Observa-se na percepção de Pedro sua preocupação com relação a *agressividade*

que deve ser utilizada dentro do Karate como um meio para se chegar ao *controle*. Para Francisco Oliveira na escola de Karate a qual ele pertence não é explicitado o dojo kun, porém justifica que no dia a dia eles estão incluídos na postura de todos os membros, ou seja, em uma postura ética associada ao respeito para com o outro, esforço, tendo na imagem do mestre comportamentos que devem ser seguidos.

> *Aqui na Butoku-Kan a gente não explicita eles no dia a dia. Mas na prática se você olhar para cada um deles, eles estão incluídos sempre presente na postura de todos os membros. Eu acho que acaba sendo, pelo menos aqui para nós, uma postura ética, uma questão cultural, é muito mais entranhado no dia a dia. Até, por exemplo, a questão do esforço, a questão do respeito, a questão do caminho. Todos esses lemas, todos esses caminhos, eles são praticados pelo exemplo* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Neste universo, Francisco aponta que o dojo kun é norteado por meio dos gestos e atitudes do mestre, isto é, de forma visual e sentida pelos alunos, através do "*exemplo*", comentado por Francisco. Por outro lado, Marta Silva disserta que "*o dojo kun é exatamente a reprodução da vida*".

> *Então, ter caráter, seguir a razão, que não é simplesmente a razão versus coração, mas a razão do que é certo; respeito, controlar a sua agressividade... isso faz todo sentido para dentro do tatame e para fora do tatame, com família, amigos, com quem você não conhece, com a sua cidade, enfim... Então, o dojo kun é exatamente a reprodução da vida, se a gente conseguir respeitar os lemas do Karate e transportar isso para a vida... se todo mundo puder fazer isso, todo mundo vai ser uma pessoa melhor* (entrevista oral, Marta Silva).

Marta empenha em apresentar de uma maneira objetiva como o dojo kun deve ser utilizado, na medida em que ressalta a importância de levar os ensinamentos deste código de ética para a vida. Outrossim, mesmo a atitude de acordar cedo todos os dias para ir treinar é interpretada como um desafio associado a condutas do karate: "*parece que você nunca vai alcançar o fim, mas ao mesmo tempo isso te motiva*", ressalta Silvia Martins. Neste sentido, o Karate acaba influenciando-a, uma vez que a karateca exercita a disciplina ao se esforçar para não faltar nos treinos. Silvia afirmou que fora do dojo procura não comentar que pratica Karate, mas que utiliza os saberes do Karate em seu cotidiano, visto que segundo ela, esta prática corporal exige muita concentração e disciplina, e em decorrência deveríamos trazê-lo para o dia a dia (trabalho e estudos)

como desafio – um "*desafio diário*", concluiu a praticante. Neste caso, o desafio mencionado por Silvia remete a ideia de vencer a si mesmo, um dos lemas do Karate propostos por Gichin Funakoshi (1868-1957), pois vencer o sono, o cansaço, procurar-se "despertar" para o dia tornou-se um hábito, assim como escovar os dentes. Percebe-se na narrativa de Silvia, isto é, no ato de sua rotina diária de sair para treinar, uma motivação ancorada em um hábito que acabou se tornando parte de sua rotina.

Na mesma direção Rodrigo Silveira destaca o uso dos lemas do Karate no dia a dia, para o bem de todos, em especial no respeito ao próximo. O olhar que Rodrigo traz ao expor o dojo kun quando associa seu uso ao respeito aos mais velhos remete as reflexões apresentadas acerca do sistema filosófico do confucionismo, bem como a religião do xintoísmo que carregam a ideia do respeito pela hierarquia e pelos mais velhos. Esta relação é encontrada na cultura japonesa, o que se aproxima de questões norteadoras do dojo kun. Por fim, Martina Escobar expõe que tenta seguir o dojo kun, mesmo que tenha dificuldades para lembrá-lo.

> *Eu tento utilizar (ri). Às vezes a gente esquece, mas... o conter o espírito de agressão, o respeito acima de tudo... tem vários que eu tento usar no dia a dia. [...] Acho que no trabalho é um bom exemplo... ah, eu acho que a vida inteira... Porque dá para usar em qualquer situação [...] Sim, o Karate fez muito parte da minha formação moral* (entrevista oral, Martina Escobar).

Martina mostra que o dojo kun pode orientar condutas, porém cabe ao praticante a tarefa de lembrá-lo e praticá-lo, pois seria também um exercício contínuo, tendo em vista que a vida é complexa, o que favorece o esquecimento e o afastamento do hábito de ir ao dojo.

Segundo Pucineli (2017), Anko Itosu (1832-1916), que iniciou o processo de introdução do Karate em Okinawa no campo escolar, também desenvolveu alguns lemas chamados *Itosu Juukun* (糸洲十訓 – "10 Preceitos de Itosu"). Tais registros foram encaminhados a Prefeitura de Okinawa, em meados dos anos 1900, de modo a nortear o ensino do Karate – naquele momento ainda chamado de Tode – para os estudantes de Okinawa. Os lemas tinham em seu enredo apontar os benefícios do Tode que giravam em torno de três ensinamentos: "saúde, defesa (de si e dos próximos) e tornar o corpo forte para o serviço militar" (PUCINELI, 2017, p. 53). Na sequência, apresentando uma nova perspectiva para os lemas do Karate, principalmente apoiados pelo interesse da *Dai Nippon Butoku Kai*, Funakoshi resgata valores de tempos remotos, ancorados no

arquétipo do samurai.

Segundo Lopes (2008), a própria história de vida de Gichin Funakoshi nos traz algumas respostas, na medida em que através de sua interpretação dos valores do Bushido fez constituir ensinamentos que foram transmitidos oralmente até os dias atuais com a terminologia dojo kun, também conhecidos como *Lemas práticos*, deste modo: *Esforçar-se para a formação do caráter; Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão; Criar intuito de esforço; Respeito acima de tudo; Conter o espírito de agressão* (PRADO, 2009). Ou, como encontrado em vários dojos pelo Brasil de uma maneira simplificada: "caráter, respeito, autocontrole, persistência e sinceridade" (OLIVEIRA, 2017, p. 227). Entretanto, para Frosi (2012) esta simplificação contém equívocos provenientes da tradução e simplificação das frases originais.

É importante ressaltar que os lemas do Karate acabam por orientar muitos dojos, pois os mestres costumam citá-los frequentemente com vistas a preservar os valores e condutas do Budo, formando seus discípulos. "A despeito da ocidentalização do Karate, os ensinamentos de Funakoshi norteiam seus praticantes até hoje, principalmente no que se refere ao dojo-kun (5 principais lemas do Karate) e aos princípios por ele pregados" (TELLES, 2014, p. 187). Neste âmbito, "Funakoshi destacava o código de conduta denominado Dojo Kun, que prima pela perfeição do caráter do indivíduo" (SANTOS; MELO; LUNA, 2019, p. 33).

Frosi (2012) apresenta que a criação dos lemas que conhecemos hoje no Karate é muito recente, na medida em que "o Dōjō Kun escrito pela primeira vez no início da década de 1960 por Takagi Masatomo, secretário geral da *Nihon Karate Kyōkai*, veio de uma adaptação das sete virtudes do Bushidō" (FROSI; OLIVEIRA, 2019, p. 124). Por outro lado, Lopes-Filho (2013b), afirma que o dojo-kun mais conhecido é o que foi elaborado pelo mestre Masatoshi Nakayama (1913-1987). Neste contexto, há uma possibilidade da existência de um conjunto de valores do Karate que "teria sido escrito há mais de 200 anos, pelo lendário *peichin* Sakugawa" (LOPES-FILHO, 2013b, p. 32) – um vestígio que também se encontra nos estudos de Camps & Cerezo (2005).

> *Si existió un ser que tuvo el alma de un verdadero artista marcial éste fue Sakugawa, nacido en Shuri, Okinawa el 5 de marzo de 1733 y fallecido el 17 de agosto de 1815. Fue este maestro quien formalizó el kata kushanku y el kata de bo que lleva su nombre (Sukugawa no kon). Pero su tarea más significativa fue la elaboración del Dojo Kun o principios del dojo [...] dedicando toda su vida al Karate y elaborando los célebres Principios: perfeccionar el carácter; tener fe;*

> *ser laborioso; respetar a los demás; refrenar y prevenir la violência*[43] (CAMPS; CEREZO, 2005, p. 344).

Observamos que os lemas do Karate possuem grande importância na formação dos praticantes, uma vez que "muitos dos valores importados do Oriente com essa prática permanecem sendo trabalhados nas aulas, somando cada vez mais possibilidades às formas de pensar e agir na vida de seus praticantes" (LOPES-FILHO, 2013b, p. 97). Nesta esteira, levando em consideração que o Karate "foi construído, constituído sob princípios filosóficos e éticos" (ZUCCHI, 2019, p. 26), passando por rupturas e descontinuidades em seu processo histórico (PUCINELI, 2017), o dojo-kun se comporta como sendo um produto fruto de transformações e que, não raro, precisa passar por releituras de modo a atender as necessidades de seu presente tempo.

3.5 KARATE TRADICIONAL E KARATE ESPORTIVO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Outra questão que surge em meio as entrevistas é a descrição dos entrevistados sobre o "Karate tradicional" e o "Karate esportivo". Paulo Henrique comenta que o esporte retira o foco do Karate: "*Eu acho que o Karate esportivo, Karate de competição, ele perde o foco do que o Karate de fato é!*". Em um outro momento este entrevistado descreve que o perigo faz o praticante ficar presente e na competição a preocupação diminui, pois não há um perigo iminente de lesão.

> *Então a competição nesse sentido perdeu o perigo mesmo. E o perigo faz você ficar presente. Agora se você entra para uma luta que eu não posso quebrar seus dentes nem quebrar suas costelas você não está mais tão preocupado. Você só vai querer ser rápido e querer encostar a mão em mim. Heeeeiii (levantar a mão e sair dizendo que acertou o golpe em mim). Mas se fosse real aí seria um pouco diferente* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Evidencia-se no discurso de Paulo uma preocupação com o estado "tradicional" do Karate, de certa forma ameaçado pelo Karate esportivo. Segundo Pucineli (2017), a

---

[43] "Se havia um ser que tinha a alma de um verdadeiro artista marcial, era Sakugawa, nascido em Shuri, Okinawa em 5 de março de 1733 e morreu em 17 de agosto de 1815. Foi esse professor que formalizou o *Kushanku kata* e o *Bo kata* que leva seu nome (*Sukugawa no kon*). Mas sua tarefa mais significativa foi a elaboração do Dojo Kun ou princípios do dojo [...] dedicando toda a sua vida ao Karate e elaborando os famosos princípios: aperfeiçoar o caráter; ter fé; ser esforçado; respeitar os demais; restringir e prevenir a violência" (tradução nossa).

partir de uma análise sobre os estudos de Tokitsu (2006), o fenômeno do processo de esportivização evidenciado no Karate contribuiu em certa medida para uma suposta perda do "ferrão". Essa questão, em certa medida, pode ter relação com o pensamento de Paulo.

> *Practicar la lucha con casco y guantes implica choques; la experiencia de este tipo de combate da lugar a una anticipación difícil. Ante ella he observado dos actitudes: o bien huir o bien hacer frente a la realidad anticipada. En el sistema sin contacto muchos de los que creen haber adquirido una experiencia del combate no han superado esta actitud de huida: mientras la lucha no comporte choques, construyen un bello edificio de dominio y de control de sí mismos. Recibir golpes en la cara derriba esta especie de orgullo que se apoyaba en una ficción, lo cual hace que se desmorone una cierta autoimagen. Para muchos, esto es tan penoso que rechazan la nueva forma de lucha o abandonan. Otros se aferran a la práctica de la lucha y el miedo se traduce en agresividad y crispación, siéndoles difícil controlar sus golpes. Finalmente, están los que se enfrentan a la anticipación de los golpes y logran superar el miedo con la aplicación de técnicas. Así pues, parece que el sistema de combate sin contacto a menudo se basa en un miedo no superado*[44] (TOKITSU, 2006, p. 112).

O contexto do combate propriamente dito, nos traz elementos para pensar a própria condução de mestres de Karate, isto é, a forma pelo qual é transmitido o conhecimento. Nesta conjuntura, a citação de Tokitsu (2006) nos provoca a pensar sobre como o contato, ou melhor, a forma como ele é feito pode ser destrutivo para um praticante, culminando, por exemplo, em sua desistência da prática. A superação apontada pelo autor vai ao encontro ao que Paulo disse sobre não ver sentido naquela luta (Karate esportivo), assim como comenta também Pucineli (2017). Neste contexto, Paulo também enfatiza, durante sua entrevista, o posicionamento de seu mestre de Karate, Taketo Okuda.

---

[44] (Tradução nossa) "Praticar a luta com capacete e luvas implica choques; A experiência desse tipo de combate resulta em uma antecipação difícil. Diante dela, observei duas atitudes: fugir ou enfrentar a realidade antecipada. No sistema sem contato, muitos daqueles que acreditam ter adquirido uma experiência de combate não superaram essa atitude de fuga: enquanto a luta não envolve choques, eles constroem um belo edifício de controle e controle de si mesmos. Receber golpes na cara destrói esse tipo de orgulho que se baseia em uma ficção, o que faz com que uma certa auto-imagem desmorone. Para muitos, isso é tão doloroso que eles rejeitam a nova forma de luta ou abandono. Outros se apegam à prática de luta e o medo se traduz em agressividade e tensão, dificultando o controle de seus golpes. Finalmente, existem aqueles que enfrentam a antecipação de golpes e conseguem superar o medo com a aplicação de técnicas. Assim, parece que o sistema de combate sem contato é frequentemente baseado em um medo não superado".

> *O sensei, por exemplo, ele não gosta muito por causa da questão da pontuação. Essa coisa de você pontuar ilude muito. Então, se tivesse uma luta de Karate que fosse por nocaute mesmo e valesse descer a mão, quebrar os dentes, machucar, quebrar costelas, as coisas assim, provavelmente as pessoas seriam diferentes. Seriam mais karatecas, mais respeitosos, por que se eles não fossem eles iriam sofrer*[45]*. Eles iriam apanhar feio* (entrevista oral, Paulo Henrique).

O discurso de se afastar do Karate esportivo também é evidenciado no site da escola de Karate, Butoku-Kan, onde Paulo treina. A Butoku-Kan (2019), deixa claro em seus dizeres que estão caminhando contra a corrente do Karate atual, isto é, do Karate compreendido como esporte. Assim, desde o falecimento do mestre Masatoshi Nakayama (1913-1987), o mestre Taketo Okuda decidiu se afastar das competições, assumindo um posicionamento "anticompetição", uma vez que também "deixou de lado toda a política que envolvia o esporte (federações, conselhos, etc.)" (BUTOKU-KAN, 2019, p. 1).

Paulo ainda acrescentou que o Karate competitivo acaba por gerar equívocos na utilização e interpretação de termos, por exemplo, o uso do kiai. Segundo ele, em muitas competições observa: "*Nossa aquele monte de kiai não vem de dentro, é uma gritaria. Heeeeiiii, heeeeei!! Você fala gente o que é isso? É feio, é feio para mim*", justifica Paulo. Neste universo, o depoente tentou descrever como seria a definição mais adequada para o kiai.

> *É uma tradução literal, mas em um romance japonês traduzido para o português a melhor definição de kiai que eu encontrei foi "manifestação sonora do espírito". Então o kiai não é um grito. Você traduzir kiai dizendo que é um grito, não é kiai. Agora "manifestação sonora do espírito" é muito forte – transcende. Então eu acho que o kiai está mais para isso* (entrevista oral, Paulo Henrique).

O Karate competitivo ou esportivo possui várias características que chamam atenção de Paulo e de seus colegas de treino, cujos discursos estão apoiados em pensamentos de seu mestre. Para Adriano, utilizando as palavras do sensei Okuda, a luta

---

[45] Sobre a questão levantada por Paulo, embora seu discurso vá em uma direção de legitimar uma determinada forma de se praticar o Karate, isto é, no sentido de "se for perigoso exigirá mais respeito", é observado em nosso tempo claramente através da história de novas práticas – seja o Karate esportivizado, ou mesmo, outras modalidades de esportes de combate – que isso não se sustenta do jeito que se acreditava, uma vez que com a evolução do vale-tudo e do MMA observa-se uma certa mistificação dessa suposta "letalidade" e da consequência dela na direção de que se os praticantes sofressem teriam mais respeito etc. Por exemplo, é equivocado dizer que os lutadores de MMA são mais morais, respeitosos, seguem mais os rituais, os costumes estabelecidos na sociedade porque eles sofrem mais no contexto de sua prática.

da vida é a verdadeira luta que o Karate ensina e não a conquista de vitórias em campeonatos. "*O Karate-Do Butoku-Kan não tem a competição como finalidade. O objetivo não é vencer o adversário e conquistar uma gloria momentânea ou efêmera*", complementa Adriano. Nesse quadro, o conceito de luta compreendido por Adriano joga luz sobre o conceito de vida, de uma maneira profunda sobre sua própria existência equacionada pela morte de seu pai quando mais jovem.

> *A luta é a tua luta da vida. Você tem que estar preparado para sua luta da vida. Eu acho que a luta que eu... A mais importante que eu mais ganhei foi quando eu deixei de ter pena de mim quando meu pai morreu. Parar de ficar com pena. Foi para mim. E ir pra frente! E ir pra frente! Aí eu começo a sentir uma perda não do conforto que eu deixei de ter, mas sim a perda espiritual e é muito melhor. E isso que eu acho que é Karate competição. Ele pode ser muito chamativo para aluno, particularmente interessante. Todo esporte está em cima de provas e de competição. Mas eu acho que a gente não faz esporte eu acho que a gente treina filosofia* (entrevista oral, Adriano Costa).

Neste sentido, ao treinar uma "filosofia", como incrementou Adriano se apoia a defesa de se treinar um Karate "diferenciado", enraizado principalmente nos ensinamentos do mestre Okuda. Silvia imagina que a agressividade é bastante evidenciada em competições, embora nunca tenha treinado o Karate como esporte.

> *E eu acho que isso deve dar uma certa ansiedade assim. [...] Eu imagino que se já dá uma tensão de você competir com você mesmo que nem nos exames de faixa. Imagina competir com outro para ser avaliado. Enfim ganhar alguma coisa. Então eu acho que para pessoas como eu que não gostam de ficar ansiosas, não me faria bem um treino desses. Eu ia estar muito ligada em coisas que eu não gostaria de estar. E num treino desses que você treina mais para você e para sua concentração, enfim, para seu corpo, eu acho que isso pode acrescentar mais. Mas eu acho que isso é de cada um. Não estou falando do que é melhor do que é pior* (entrevista oral, Silvia Martins).

Dito isto, Silvia justifica sua resistência do Karate esportivo talvez mais pelo fato de lhe causar uma possível ansiedade do que pela inexperiência da prática. Neste universo, Francisco Oliveira identifica que ambas as formas de Karate são totalmente diferentes e defende: "*a competição acaba tirando o aspecto introspectivo da prática. Eu acho que quando você tem o objetivo de enfrentar e vencer o outro você perde o contato consigo ou dificilmente você consegue manter esse contato consigo mesmo*". Na entrevista Francisco também abordou temas referentes a percepção de força e

velocidade correlacionando-as, segundo ele, com a essência da técnica real, oriunda no *Tanden*, abdômen[46].

> *Quando você começa a padronizar os katas por força e velocidade, você perde a essência da técnica real que é o tanden, a parte energética, a força real do Karate – eu acho que quando você coloca um objetivo externo você acaba buscando algo que não está em si [...] O objetivo acaba sendo muito mais estético. Eu acho que não descaracteriza, no sentido de que é o mesmo kata, mas transforma em outra prática – eu acho que são objetivos diferentes, são caminhos diferentes* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Colocar um objetivo externo para Francisco seria se aproximar do Karate esportivo, dado que o foco principal de aperfeiçoamento da prática seria inclinado para vencer o outro, indo em oposição ao que ele busca: vencer a si mesmo. Por outro lado, Marta Silva diz que as duas formas de praticar Karate estão se aproximando, pois cada vez mais pessoas estão notando as contribuições do Karate esportivo, em termos de evolução. Basicamente, a movimentação e a explosão do golpe indicam uma diferença física entre o marcial e o esportivo. Marta acrescentou que os golpes do Karate esportivo são executados da mesma forma que o marcial, mas com diferenças na velocidade e explosão, isto é, com mais força. Ou seja, ambas concordam que há diferenças entre as práticas. No entanto, Francisco acredita que o modo como se executa os movimentos técnicos no Karate esportivo, distanciam esta prática do tradicional, transformando-o "em outra prática". Marta descreve com mais detalhes a dicotomia entre Karate tradicional e Karate esportivo:

> *A gente bate o golpe da mesma forma, só que eu acrescentei à minha velocidade a explosão do golpe. Então eu dei mais força ainda. Então, não é "o Karate esportivo não tem contato, não encosta, fica saltitando". Não, aqui não tem contato na luta porque você não vai machucar alguém, mas aqui a gente treina muito forte, como se treina no Karate tradicional. Faz kihon [fundamentos] do mesmo jeito, faz kata [formas] do mesmo jeito, que, aliás, é a base para o competitivo. E assim, o competitivo, óbvio, a finalidade é competir, ganhar do outro. No tradicional você tem que competir com você mesmo. Lógico, existem rounds de luta na aula, mas você tem que se superar e não superar o outro, e o competitivo tem óbvio a parte da competição com outra pessoa, medalha, etc. Mas o marcial e o esportivo tem ficado cada vez mais próximos e se mais pessoas que treinam*

---

[46] Segundo Frosi (2011, p. 310) "[腹] – Abdome ou centro de poder, cujo ponto central, o *saika tanden* [最下丹田], é considerado o local onde as reservas de Energia Vital se acumulam no ser humano".

> *tradicional pensarem dessa forma melhor para o Karate do mundo inteiro* (entrevista oral, Marta Silva).

Neste cenário, percebe-se que Marta possui uma compreensão acerca do Karate tradicional não como oposição ao Karate esportivo, mas como um complemento. Segundo ela, em sua escola de Karate, o modo de treinamento é semelhante ao Karate tradicional, entretanto evidencia que a finalidade do Karate esportivo é ganhar do outro e a do Karate tradicional é competir consigo. Sua resposta finaliza com uma reflexão sobre as contribuições para o Karate mundial de uma aproximação entre ambas as práticas.

Nesta conjuntura, o entendimento de Rodrigo Silveira sobre Karate tradicional estabelece uma associação com o *Ikken hissatsu* apresentado nos estudos de Barreira (2013), isto é, o Karate tradicional visaria "*eliminar o oponente*", ressaltou Rodrigo. Esse termo, *ikken hissatsu*, "que provém das lutas de vida ou morte no Japão feudal" (BARREIRA, 2013, p. 107), está intimamente ligado ao sentido original da arte, pois resgata a origem do Karate, o qual teria sido criado especificamente para a defesa da própria vida. Rodrigo também apontou outras diferenças que enxerga entre o Karate tradicional e o esportivo "*Eu acho que tem diferença. Na parte teórica é o mesmo né! Mas uma está se defendendo com o intuito de eliminar o oponente. No esporte não. No esporte não vai para machucar, você está para ganhar, mas sem causar danos para o adversário*", acrescentou Rodrigo. Neste caso, percebe-se no entendimento de Rodrigo uma lógica encontrada comumente nos esportes olímpicos, o da preservação da integridade física do atleta.

Martina Escobar entende que o "*tradicional é o marcial é o Karate seguindo a sua origem pelo qual ele foi criado*", e por outro lado, o Karate esportivo possui um conjunto de regras e normas próprias, tendo em vista que:

> *O esportivo é cheio de regra, cheio de norma. Não é uma coisa ruim, mas... não que o marcial não tenha normas, mas o esportivo... eu não sei... como posso falar? O que define o esportivo para mim é todo o regramento que existe. O marcial para mim é o dia a dia, sabe? É o treino que a gente faz aqui. O esportivo é só uma competição, não que eu esteja menosprezando as competições, mas para mim são competições, uma coisa mais isolada... que você utiliza do marcial também... tem muito do marcial no esportivo* (entrevista oral, Martina Escobar).

Deste modo, Martina conta que o esportivo se resume ao ambiente de

competição, mas ainda assim tem muita influência do tradicional, no sentido de marcial. Neste contexto, Pedro Andrade acompanha os demais depoimentos complementando que "*no esportivo você pode ser premiado ou não, penalizado ou não. No tradicional é você contra você mesmo. E você com você na evolução técnica, física, psicológica, enfim.*". Nesta conjuntura Pedro também trouxe mais detalhes sobre como compreende a diferença entre o Karate tradicional e esportivo:

> *O Karate competitivo, para mim, é uma evolução do Karate tradicional. O Karate tradicional vive sem o competitivo, o competitivo não vive sem o tradicional. [...] Eu parei de competir como atleta, o Karate continuou. Daqui a um período não vou ser mais ser técnico, o Karate vai continuar. Por quê? Porque me faz bem, me sinto bem. Embora hoje seja minha profissão, eu dou aula há muitos anos. Mas o Karate tradicional para mim é que sustenta a origem. Eu tenho muito mais alunos que estão preocupados no tradicional, com a prática do dia a dia, e não competem. 5% dos meus alunos competem. Eu competi a vida inteira. O que será que é mais importante? É a filosofia, é o crescimento, é a evolução como pessoa ou é a medalha? [...]. Eu, na minha concepção, tem que existir os dois. Para evolução das coisas. Um, para uma faixa etária mais avançada, no sentido da concepção do que é o tradicionalismo no Karate. E o outro é o chamariz para crianças que estão competindo. Ela ganha uma medalha ela vai continuar e você consegue inserir o tradicionalismo, o inverso não. [...] Isso é uma opinião minha, pessoal* (entrevista oral, Pedro Andrade).

A compreensão de Pedro Andrade acerca da diferença entre Karate tradicional e o esportivo é carregada de elementos que nos ajudam a pensar a didática de um mestre de Karate, visto que observamos sua preocupação com os alunos mais novos, na medida em que enfatiza que o esporte auxilia na permanência da criança na academia. Por outro lado, o "tradicionalismo", como comentou Pedro, seria necessário em toda a experiência do praticante, principalmente quando o karateca deixa de competir.

Neste contexto, analisando as narrativas dos entrevistados sobre o modo pelo qual enxergam o Karate tradicional e o Karate esportivo, constatamos aproximações e distanciamentos de ideias, tendo em vista que suas explicações são enraizadas em valores que ora conversam entre si ora não. Suas indagações nos trazem à tona outras perguntas: qual seria a raiz dessa divisão? Como o Karate adquiriu essa dicotomia? E para onde caminha esse embate ideológico? Tentaremos responder a estas perguntas retomando o que Gichin Funakoshi entendia sobre Karate e, a partir disso, tecendo variáveis que corroboraram para a compreensão desta polaridade entre o tradicional e o esportivo.

Segundo Pucineli (2017, p. 63) “Funakoshi afirmava que o Karate deveria se modificar, como praticamente todos os aspectos da vida no país. Continuou, assim, um movimento de ‘pedagogização’ da arte marcial, que já vinha acontecendo em Okinawa”. Ao fixar residência no Japão Continental, Funakoshi começou a implementar um plano de “nacionalização do Karate”, isto é, fazendo diversas mudanças terminológicas e técnicas de modo a respeitar as exigências impostas, principalmente pela *Dai Nippon Butoku Kai*, a entidade responsável pela organização das artes marciais japonesas que bebem do Budo. Deste modo, implementou-se o processo de japonização (JOHNSON, 2012), conforme mencionado anteriormente.

Com o transcorrer do século XX o Karate foi adentrando tanto em instituições educacionais (escolas e universidade) quanto militares. Neste âmbito, dois alunos de Funakoshi merecem destaque para entendermos o que pode ser considerado como a origem de uma divergência ideológica (entre o Karate esportivo e o tradicional). Assim, Masatoshi Nakayama e Shigeru Egami, ambos alunos de Funakoshi, trouxeram novas questões para o Karate daquela época. Nakayama da JKA foi o principal protagonista em fomentar o Karate como esporte, por outro lado, Egami, da associação *Shotokai*, questionava tal pensamento, pois compactuava mais com as ideias de seu mestre que se inclinava para formar “um homem moral e espiritual que pode se aperfeiçoar praticando o Karate” (BARREIRA, 2013, p. 151), desta forma, um Karate sem traços esportivos.

> Nakayama relata que, questionando Funakoshi a respeito da criação do Karate competitivo, obteve como resposta o silêncio e que, no entanto, manteve a decisão por considerar que, na verdade, atendia a um dos maiores desejos de seu mestre: a difusão e popularização do Karate pelo mundo. Na Shotokai, o nome que se destacou com o passar dos anos foi o de Shigeru Egami (1912-1981) [...] Pode-se considerar que os posicionamentos diferentes tomados pelas duas associações definiram seus rumos, fazendo da JKA, de fato, a maior responsável pela difusão do Karate pelo mundo (BARREIRA, 2013, p. 41).

Neste âmbito, percebemos dois agentes que, embora tivessem sido alunos diretos de Funakoshi tiveram pensamentos divergentes, na medida em que cada um direcionava o ensino do Karate distintamente – Nakayama para o lado competitivo e Egami para o aspecto mais pedagógico. Após a morte de Funakoshi, em abril de 1957, ficou cada vez mais nítido os objetivos e rumos que o Karate tomaria dali em diante. No Brasil a introdução do Karate aconteceu inicialmente com Mitsusuke Harada que era ligado aos valores da *Shotokai*, no entanto sua passagem pelo Brasil durou pouco tempo,

ocasionando num impacto pequeno. Na sequência, vários alunos de Nakayama vieram ao país, o que fez com que a influência da JKA no Brasil tivesse um impacto bem maior do que o da *Shotokai*. “Liderando a JKA da década de 1950 até 1987 quando falece, Nakayama é o líder que influência diretamente o Karate brasileiro” (BARREIRA, 2013, p. 42).

No âmbito mundial, o Karate esportivo foi ganhando mais popularidade conforme avançada a segunda metade do século XX após a morte de Funakoshi, na medida em que estreava-se os primeiros campeonatos da história, sendo acompanhados pelos primeiros filmes de artes marciais que, muito provavelmente, ajudaram a despertar a curiosidade de entusiastas e iniciantes de Karate. Observa-se que o modo e estilo de ensinar Karate disseminados por Funakoshi e pela organização *Shotokai* – os quais enfatizavam questões sinestésicas de percepção corporal, significado do gesto e de atenção a valores morais e psicológicos – passou a ficar pouco conhecido, muito embora fosse praticado até mesmo no Brasil através do mestre Harada na década de 1950. No entanto, o Karate esportivo proposto por Nakayama e pela JKA – que focava em aperfeiçoamento da técnica, correções de formas visando ajustar a estética e desenvoltura do movimento, propulsionadas pelo processo de esportivização – obteve mais visibilidade mundial (BARREIRA, 2013).

A influência que Nakayama causou no Karate do Brasil e em outros países, estava atravessada também por perspectivas científicas, na medida em que a ciência começou a estar mais próxima do Karate através de Nakayama. As particularidades do Karate esportivo foram moldadas a partir de uma ciência ocidental, isto é, de sentido cartesiano separando corpo e espírito, ao invés da lógica oriental de não separação. Segundo Barreira (2013), outros aspectos foram incorporados e alguns ocultados, posto que o Karate buscava se popularizar no Ocidente. Assim, começou-se a se dar menos importância ao “espírito” e as sensações do corpo, tendo em vista que os movimentos explosivos e ágeis chamavam muito mais a atenção de ocidentais.

> Toda a atenção que era dispensada sobre a própria cinestesia, sobre o sentir do corpo e a atenção às indicações morais e psicológicas dos professores, redireciona-se mais como uma atenção visual à imagem do corpo. [...] O espírito passou a segundo plano, ainda que continue referido como sendo de máxima importância. Há uma compartimentalização do corpo. O estudo do movimento do braço, da perna, do tronco, da distância, do centro de gravidade, por exemplo, antes eram ensinados em uma mesma unidade espiritualizada que foi desmembrada. Trata-se de um enfoque mecanizado ao conhecimento

> do Karate (BARREIRA, 2013, p. 151).

Neste contexto, segundo Oliveira, Telles e Barreira (2019), também a implementação de espelhos começou a fazer parte do universo do dojo, visto que a influência ocidental e o seu interesse pelas questões estéticas acabaram por trazer uma nova roupagem ao Karate japonês. Este direcionamento entrava em conflito com as "indicações que tinham uma continuidade imediata com o corpo vivido em primeira mão, pois o corpo e o espírito estavam inseparavelmente encarnados um no outro" (BARREIRA, 2013, p. 151).

Neste cenário, o Karate foi ganhando contornos de esporte. Paralelamente, outras modalidades de artes marciais, sobretudo àquelas vinculadas a *Dai Nippon Butoku Kai* como o Kendō, também passaram a seguir características similares com mais efervescência, visando "mascarar" o espírito guerreiro vinculado à prática. Assim, ao mesmo tempo, objetivava-se a aprovação das autoridades estadunidenses. Durante o pós-guerra o comando de ocupação dos Estados Unidos empenhou-se em dissolver movimentos que incitassem o "espírito de guerra" – para evitar possíveis insurgências.

> No pós-guerra por alguns poucos anos o Kendō fora silenciado. Indubitavelmente os treinos seguiam em segredo, mas oficialmente as artes do Budō foram proibidas. Ainda sim, em Novembro de 1948 demonstrações de Kendō foram feitas em Tōkyō. Em 1949, grêmios estudantis pululavam para que o Kendō fosse revivido como "esporte" o que era plano possível para mascarar o devir guerreiro de tais práticas, privilegiando o aspecto competitivo em detrimento de seu aspecto 'marcial'. Ora, essa estratégia foi bem aceita – a lógica da 'competição' era mais palpável aos estadunidenses. Em suma, os japoneses antropofagicamente entenderam com quem e como lidar em sua própria lógica (LOURENÇÃO, 2016, p. 188–189).

Nesta circunstância, percebemos que o Kendō possui particularidades históricas que se aproximam com as do Karate, na medida em que seus processos de esportivização foram intensificados numa época de pós-guerra, impulsionados por uma valorização do "aspecto competitivo em detrimento de seu aspecto 'marcial'" (LOURENÇÃO, 2016, p. 189).

Averiguando as narrativas dos entrevistados sobre o Karate tradicional e o Karate esportivo percebemos outra questão latente: a qual "tradicional" os entrevistados estavam se referindo? Tal questão é posta em evidência por que existem dois focos distintos em voga na contemporaneidade: o Karate tradicional apoiado numa ideia de

aversão à competição e, do outro lado, o Karate tradicional de características esportivas. Ambos esses "Karates tradicionais" seriam de alguma forma antagônicos ao Karate esportivo (ou Olímpico).

Quando Paulo Henrique, Silvia Martins, Adriano Costa e Francisco Oliveira se apoiam num discurso de distanciamento do aspecto esportivo do Karate, estão dizendo que neste caso o Karate transforma-se em outra prática, perdendo um pouco de suas características tradicionais. Segundo Figueiredo (1989), o Karate como "arte marcial" parte de uma noção de "combate real" pressupondo "não falhar", ou seja, busca-se a "perfeição na ação", isto é, "em que existe a intenção mais próxima da realidade do combate, da disputa entre vida ou morte e não uma intenção de entreter-se na busca por pontos" (BARREIRA, 2013, p. 79), caracterizado pelo conceito de *ikken hissatsu* (matar com um golpe). Essa lógica de pensamento vai ao encontro da "filosofia" do dojo, como mencionado anteriormente, na qual o sensei Okuda direcionou seus treinamentos em oposição ao Karate competição ou esportivo, em especial a partir do falecimento de Nakayama, mestre de Okuda (BUTOKU-KAN, 2019).

Segundo Lombardi (2019), Taketo Okuda foi discípulo de Masatoshi Nakayama (1913-1987), que, por sua vez, foi aluno de Gichin Funakoshi (1868-1957). Sua didática de ensino diz muito sobre o ponto de vista que seus alunos mais próximos compactuam, tendo em vista que defendem aspectos espirituais, desta forma, se afastando de uma interpretação rasa de Karate somente como técnica que, ao mesmo tempo, se aproximaria de um processo de evolução espiritual do praticante.

> A filosofia zen de Karate ensinada pelo mestre Taketo Okuda, ex-professor de várias universidades do Japão, leva em conta que a luta, a competição, e o desejo de derrotar outra pessoa são detalhes que acabam desviando a atenção da finalidade principal do treinamento diário: a eterna batalha do ser humano consigo mesmo e a descoberta de um espírito vigoroso, próximo do sublime (LOMBARDI, 2019, p. 1).

Okuda *sensei* iniciou-se nas artes marciais desde muito cedo, aos cinco anos de idade, por incentivo do pai, quando começou a praticar Kendo. Mais tarde, aos nove anos de idade, começa a praticar Judo. Passados quatro anos, aos treze anos de idade, por intermédio de um amigo conhece o Karate – modalidade que o acompanharia até os dias atuais. "*Naquela época enxerguei o Karate com olhos curiosos, porque vi que o treino de kata parecia uma dança. Na minha cabeça, nem o Judo nem o Kendo*

ofereciam algo parecido, tão completo, e ainda por cima parecido com dança" (OKUDA, 2019, p. 1).

Depois de algum tempo Okuda se mudou para a capital japonesa, Tóquio, e filia-se a uma academia vinculada a *Japan Karate Association* (JKA), neste ambiente, aos 19 anos de idade adquire sua faixa preta junto a entidade. A origem de sua docência no Karate foi incentivada pelo seu mestre, Nakayama. Na sequência, a pedido deste mestre, Okuda viaja para o Brasil com a missão de repassar o conhecimento do Karate.

> E o sonho acabou se cumprindo quando, no início da década de 70, mestre Okuda montou a primeira sede da academia, na Rua Vergueiro. De lá para cá, o Karate da Butoku-Kan, cada vez mais puro e próximo daquele dos antepassados, evoluiu juntamente com a filosofia de mestre Okuda, que foi ganhando formas mais sofisticadas, abrindo uma fonte potencial de força interior em todos os seus alunos. "*Por que nasceu esse Karate? Qual seria a origem? Essa é uma procura infinita*", filosofa sensei Okuda. "*É por isso que treino diariamente. É por causa dessa busca infinita pela perfeição. Meu desafio é um dia mostrar qual é a verdade do Karate. É meu trabalho, minha missão*", complementa (LOMBARDI, 2019, p. 1).

Neste contexto, percebemos que o mestre Okuda possui sua história ligada a uma das figuras mais conhecidas no universo do Karate mundial – o mestre Nakayama. Este é considerado o protagonista, posto que direcionou o Karate para o campo esportivo, desta forma, contribuindo com as primeiras regras e regulamentos de competição da história. Um dos seus principais feitos foi, após a morte de Funakoshi, organizar o primeiro campeonato da história desta modalidade, em 1957 (JKA, 2018). Até a morte de Nakayama, em 1987, Okuda, ensinava Karate seguindo as recomendações de seu mestre. Depois do falecimento de seu *sensei*, Okuda passou trilhar o caminho do Karate e a ensiná-lo de modo muito particular, isto é, de acordo com os seus preceitos e convicções. Sobre este momento, Adriano Costa, aluno de Okuda que vivenciou este período de transição do mestre, comenta:

> *Até o sensei Nakayama morrer ele [Okuda] dava o estilo do sensei Nakayama. Então isso aí ele nunca abdicou de lealdade, assim, ao mestre [...] O sensei parou a competição muito cedo. Acho que em 75 parou a competição. Ele saiu da federação porque ele achava que tinha muita política, muito interesse e que competição não ajudava. O cara que ganha fica presunçoso e o cara que perde fica desmotivado* (entrevista oral, Adriano Costa).

Dito isto, percebemos que mestre Okuda, em algum dado momento de sua

experiência inicial no Brasil, começou a se afastar do campo esportivo[47], ao qual seu antigo mestre, Nakayama, tão intensamente compartilhava pelo mundo. Segundo Barreira (2013, p. 41), Nakayama foi o "principal líder da história da JKA, desenvolveu e aperfeiçoou o Karate como competição, dando grande visibilidade à arte que passou a ser difundida pelo mundo através do envio de professores ao exterior e da promoção de torneios". Neste pensamento, junto ao relato de Adriano Costa sobre Taketo Okuda, evidenciamos uma ruptura histórica, uma vez que Okuda passou a trilhar outros caminhos, ou melhor, passou a interrogar o mundo de uma forma diferente de seu mestre.

Curiosamente, a história de Nakayama no mundo do Karate também possui desavenças ideológicas, na medida em que sua memória de protagonismo, no qual visava direcionar o Karate ao campo esportivo, fez criar uma ruptura histórica (ou descontinuidade) frente aos objetivos de seu mestre. Funakoshi se resguardava na defesa de um Karate pedagógico, tendo em vista que "uma de suas metas era ver o Karate sendo incluído no que ele chama de 'educação física universal' e ensinado nas escolas públicas japonesas" (PUCINELI, 2017, p. 65).

Neste processo, se analisarmos um pouco mais o passado de Funakoshi, também podemos identificar outras rupturas, dado que este mestre contribuiu para a formulação de um "novo" Karate, visto que precisou fazer diversas mudanças no *Tode* de Okinawa (antigo Karate) para, obter o reconhecimento deste como "legítima" arte marcial japonesa, desta forma, seguindo os valores do Budo, institucionalizado pela *Dai Nippon Butoku Kai*.

Então, compreende-se que Taketo Okuda instituiu, de certo modo, um pensamento que procura se distanciar de seu antigo sensei, Nakayama, especialmente quando se trata do aspecto esportivo que esta arte pode ter, tendo em vista que "lutas e campeonatos não *são* o verdadeiro objetivo do Karate" (BUTOKU-KAN, 2019, p. 1, grifo nosso). Neste contexto, concluímos que embora Okuda tenha sido aluno de um reconhecido mestre de Karate que procurava disseminar pelo mundo um Karate moderno com traços esportivos, hoje este mestre enxerga no Karate outras possibilidades, dado que investe em "promover um retorno do Karate a sua verdadeira origem". Revela-se, então, uma nova oportunidade de interrogar o mundo a partir de um

---

[47] É importante destacar que Okuda possivelmente tivera uma ligeira passagem participando em campeonatos como atleta, assim como podemos observar a partir do site da Butoku-Kan (2019) uma foto antiga dele competindo.

Karate particular, ou melhor, com a autenticidade de Taketo Okuda.

Por outro lado, o Karate tradicional encarado como esporte, mas com discursos antagonistas ao Karate Olímpico, estaria apoiado numa ruptura histórica envolvendo duas grandes organizações mundiais de Karate que passaram a concorrer pela entrada do Karate para os Jogos Olímpicos. Neste contexto, a *World Karate Federation* (WKF) – antiga *World Union of Karate-Do Organizations* (WUKO) – e a *International Traditional Karate Federation* (ITKF) – antiga *International Amateur Karate Federation* (IAKF) – tiveram cisões em suas histórias, produto de embates ideológicos antagônicos, tendo em vista que "os problemas entre a WUKO e IAKF são muito antigos e começaram no Japão. Estas duas federações vão mudar seus nomes mais tarde, tornando-se a WKF e ITKF, respectivamente" (FROSI, 2012, p. 93). Neste caso, embora ambas possuam ligações com o campo esportivo, cada uma tem maneiras diferentes de conduzir uma competição de Karate.

Analisando as décadas de 1980 e 1990, identificamos a criação de organizações de Karate que foram desenvolvidas a partir do descontentamento de determinados agentes. Hidetaka Nishiyama (1928-2008), por exemplo, foi um deles, aluno direto de Gichin Funakoshi, permaneceu na *Japan Karate Federation*, JKA, (a mais antiga organização mundial de Karate), juntamente com Masatoshi Nakayama até 1960. Na sequência, mudou-se do Japão para Los Angeles (Estados Unidos) onde residiu até sua morte, liderando sua organização, à ITKF, assim fazendo antagonismo frente a WKF (BARREIRA, 2013).

Segundo Kruistum (2017), o Karate tradicional, como sabemos hoje, tem alguns focos diferentes do Karate esportivo. Para alguns praticantes do Karate tradicional, a importância da história, filosofia, cultura e disciplina desempenham uma parte importante do que diferencia os dois. O karateca tradicional vê sua arte marcial como uma "arte de autodefesa". De outra parte, os que compactuam do Karate esportivo, muitas vezes, tiveram alguma experiência tradicional em seu treinamento, mas optaram, por se concentrar no lado competitivo incentivado pelo modo de ensinar do seu sensei.

Nesta problemática, as maiores diferenças entre os dois estão na execução de técnicas, katas e *sparring*. A maioria das técnicas ensinadas no Karate tradicional é também ensinada no Karate esportivo, mas a maneira como elas são executadas podem ser diferentes, dependendo do instrutor. Os Kata (formas, padrões) são uma grande diferença entre os dois. O Karate Tradicional, na maioria das vezes, segue os padrões de Kata que são executados exatamente como foram ensinados pelos mestres – ou o mais

próximo possível deles. Eles se esforçam para entender os movimentos ocultos e a aplicação de defesa pessoal dos movimentos. O Karate esportivo pode usar alguns padrões tradicionais, mas, muitas vezes, adiciona seu próprio toque a eles, às vezes adicionando ou excluindo movimentos (KRUISTUM, 2017). Sobre esse assunto Frosi (2012) complementa que há no regulamento da WKF certa liberdade para executar o kata, desde que aumente o rendimento do atleta.

Segundo Kruistum (2017), há competições específicas de Karate esportivo nas quais o uso de música também é permitido – geralmente em competições nos Estados Unidos – e, muitas vezes, os padrões de kata são criados pelo próprio participante. Quando se trata de combate, movimentação de luta, jeito de tocar no adversário, regras e intensidade dos golpes, muda-se muito do Karate tradicional para o esportivo. Observamos, por exemplo, que os golpes no Karate tradicional:

> São considerados muito violentos, e sempre serão, para os padrões do COI. O uso de luvas pequenas, e a ausência de protetores de tórax e caneleiras, além da exigência do kime (força total nos golpes) e do sistema de pontuação de dois wazari ou um ipon (semelhante ao Judô), faz com que os golpes sejam mais fortes, e as consequências mais sérias... Comumente vemos nocautes nas lutas da JKA e do Tradicional. Seja por golpes devastadores no corpo, seja por golpes válidos no rosto [...] Na WKF, o objetivo é tocar, então o que se prioriza é a velocidade. Os pontos múltiplos, fazem com que os atletas sejam mais versáteis. Em contrapartida não se preocupam tanto com a potência das pancadas ou com a postura dos golpes (SANDALL, 2016, p. 1).

Desta forma, desenvolve-se o Karate esportivo, sobretudo pensado para proteger a integridade física dos atletas, o que faz parte das exigências do Comitê Olímpico Internacional (COI) visando torná-lo o Karate Olímpico (OLIVEIRA et al., 2018; OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019).

> O Karate esportivo atual acontece sob diversos tipos de proteções. São eles: luvas e caneleiras acolchoadas (incluindo proteção no peito dos pés), protetor bucal e torácico. Além disso, há proteções não obrigatórias, como coquilhas (para genitais), capacetes e aquelas que vão além do corpo: as condições do espaço/ambiente onde a competição acontece (PUCINELI, 2017, p. 83–84).

Nesse universo, observamos um conjunto de elementos que compõe o processo de esportivização do Karate, provocando um distanciamento do Karate tradicional em alguns aspectos, principalmente associados a competição. As diferenças não estão

limitadas ao uso de técnicas ou golpes, mas enraizadas na própria maneira de pensar a prática e o papel que a competição pode desempenhar (OLIVEIRA et al., 2019).

Portanto, o Karate é dotado de uma história "singular e constituída por rupturas, descontinuidades e contradições (PUCINELI, 2017, p. 21), tendo em vista que, em sua aproximação com o fenômeno esportivo, precisou passar por transformações para se adequar as exigências, por exemplo, do Comitê Olímpico Internacional (COI) – no sentido de ir ao encontro das regras e dos valores olímpicos (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019).

Deste modo, a dicotomia entre "arte marcial" e "desporto" (ou esporte) foi um "divisor de águas" protagonizado por Masatoshi Nakayama (1913-1987) – este fenômeno de transformações sobre o Karate é chamado por alguns autores por processo de esportivização (FROSI, 2012; GUTTMANN; THOMPSON, 2001; OLIVEIRA et al., 2018; PUCINELI, 2017). Neste âmbito, ocorrem, então, várias implementações e restrições sobre a prática do Karate como esporte, especialmente inclinadas para a preservação da integridade física dos atletas.

> *Karate has also taken on more and more of the characteristics of modern sports. In 1957, the year of Funakoshi's death, the Nihon Karate Kyokai (Japan Karate Association) was founded and the first national championships were held. Within the association, however, there were many different schools of karate, based on differences in technique. The 1964 Tokyo Olympics gave impetus to unification, and in October of that year the All Japan Karatedo Federation was established. It became a foundation in 1969, and a member organization of the Japan Physical Education Association in 1972. In 1970 the World Union of Karatedo Organizations was established, and thirty-three countries participated in the sport's first world championships. By June 1985, when the WUKO was recognized as an International Federation by the International Olympic Committee, it had ninety-six member countries*[48] (GUTTMANN; THOMPSON, 2001, p. 180).

Neste quadro, é interessante considerar um estudo de Pucineli (2017) que buscou

---

[48] "Em 1957, ano da morte de Funakoshi, foi fundado o *Nihon Karate Kyokai* (Associação Japonesa de Karate) e os primeiros campeonatos nacionais foram realizados. Dentro da associação, no entanto, havia muitas escolas diferentes de Karate, baseadas em diferenças na técnica. As Olimpíadas de Tóquio de 1964 deram ímpeto à unificação e, em outubro daquele ano, foi criada a Federação de Karatecas do Japão. Tornou-se uma fundação em 1969 e uma organização membro da Associação de Educação Física do Japão em 1972. Em 1970, foi criada a União Mundial de Organizações de Karate-Do, e trinta e três países participaram do primeiro campeonato mundial do esporte. Em junho de 1985, quando a WUKO foi reconhecida como Federação Internacional pelo Comitê Olímpico Internacional, possuía noventa e seis países membros" (tradução nossa).

“discutir e compreender como foram possíveis as transformações que levaram à configuração atual do Karate: de práticas corporais combativas autóctones da distante em Okinawa a um esporte bastante popular e agora, olímpico” (PUCINELI, 2017, p. 23). Este autor ressalta vários elementos do âmbito esportivo, tais como estrutura organizacional, envolvimento de empresas, equipes multidisciplinares de gestores e publicitários, empresários beneficiados pela venda de produtos relacionados ao Karate esportivo, que impulsionaram esta difusão do mesmo.

Foram várias organizações que se projetaram com vistas a gerir o Karate nos Jogos Olímpicos, porém a que conseguiu maior espaço e reconhecimento é conhecida atualmente como *World Karate Federation* (WKF). Entre suas estratégias para se manter protagonista no cenário esportivo do Karate a WKF optou por investir em vários mecanismos: a utilização de um canal de televisão (WKF TV), um canal no *YouTube*, ferramentas tecnológicas (*Hawk-eye* ou *replay*)[49] no âmbito dos combates visando obter maiores acertos na pontuação ou punição de atletas, garantindo assim os elementos de justiça e imparcialidade que legitimam o *fair play* (PUCINELI, 2017).

Neste contexto, a disposição do Karate como “esporte” colaboraria para uma acelerada popularização e visibilidade mundial. Este movimento de “janela e convite a esse universo” (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019, p. 344), têm como principais efeitos aumentar a quantidade de praticantes e a quantidade de atletas, ao mesmo tempo em que “dinâmicas de espetacularização e mercantilização” (OLIVEIRA; SONODA-NUNES, 2019, p. 48) são desenvolvidas.

Desta maneira, podemos compreender que o Karate como “esporte” agiria como uma espécie de trampolim, tendo em vista que traz maior visibilidade a agentes dispostos à praticá-lo e/ou comercializá-lo. Nesta conjuntura, a ciência cada vez mais se aproximaria deste campo, por causa da emergência do desenvolvimento de estratégias para a manutenção do mesmo, dado que os atletas necessitam progressivamente de treinamentos especializados. Neste quadro, as federações esportivas de Karate precisariam fazer constantemente reorganizações e adaptações de regras e regulamentos, na medida em que o campo esportivo do Karate se tornaria mais complexo e exigente frente as demandas e características do ambiente esportivo.

---

[49] “Segundo o regulamento, cada técnico recebe um cartão vermelho ou azul que será usado caso haja dúvidas acerca das pontuações validadas pela arbitragem. Uma comissão examina o vídeo do combate. Caso o ponto seja válido, o cartão será mantido com o técnico. Se o protesto for rejeitado, este será retirado do treinador” (PUCINELI, 2017, p. 35)(PUCINELI, 2017, p. 35)(PUCINELI, 2017, p. 35).

Neste enquadramento, o Karate esportivo se comporta como um grande corpo (representado por diversas federações, especialmente àquelas que fomentam campeonatos), ao mesmo tempo que é alimentado e alimenta uma grande massa de praticantes pelo mundo. Seus agentes, sobretudo àqueles que estão à frente das federações e clubes, exercem poder, dado que no campo esportivo em que se encontram as federações mundiais emergem espaços de disputas nas quais todo tipo de interesse é posto em voga. O cenário acaba se configurando como um enorme espaço de embates, tendo, ao mesmo tempo, uma reconfiguração dinâmica e constante, na medida em que os agentes vão se apossando de diferentes posições (cargos, funções, ofícios). Neste contexto, estes atores sociais (presidentes de federações, atletas, técnicos, treinadores, gestores, secretários, investidores, empresários, políticos), promovem cada vez mais a aproximação de outros campos ao campo esportivo (midiático, político, educacional, saúde, dentre outros) (OLIVEIRA et al., 2019), ampliando a complexidade deste fenômeno.

No contexto desta pesquisa, evidenciamos, a partir das narrativas dos entrevistados, discordâncias e concordâncias acerca da percepção do Karate tradicional e do Karate esportivo. Observou-se que os quatro entrevistados da escola de Karate Butoku-Kan apresentaram discursos que convergiam para a busca de um Karate distanciado do esporte. Por outro lado, os praticantes da escola de Karate do Instituto Pedro Andrade se mostraram favoráveis ao Karate inclinado para o campo esportivo – sem resistências frente ao emprego de aspectos e/ou de treinos direcionados para a competição. Neste contexto, entende-se que a Karate esportivo é uma forma de Karate e seus principais fundamentos estão no Karate “tradicional”, isto é, na execução das formas e exercícios básicos. Considerou-se que o “tradicional” se faz presente, na medida em que para aprimorar o aspecto esportivo do Karate é necessário que os fundamentos sejam bem definidos no estágio inicial do praticante.

Neste contexto, é preciso levar também em consideração que as tradições, rituais e condutas são evidenciadas tanto no Karate tradicional quanto no Karate esportivo, tendo em vista que se complementam, uma vez que há diversos rituais em ambas as maneiras de se conceber o Karate (ver mais no capítulo “A tradição no Karate: rotinas e rituais”). Assim, apesar das diferentes perspectivas, o estudo destacou que os elementos tradicionais do Karate, tanto na Butoku-Kan quanto no Instituto Pedro Andrade, são essenciais, uma vez que considera-se que é fundamental para desenvolver no praticante os movimentos básicos, fundamentais.

Outrossim, a compreensão da grandeza da popularidade alcançada hoje pelo Karate se faz necessária, dado que houve vários esforços para que esta modalidade alcançasse essa visibilidade. Desde a contribuição do universo cinematográfico (FERREIRA; SONODA-NUNES; MARCHI JR., 2010) quanto a história entrelaçada com o processo de esportivização (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; OLIVEIRA et al., 2018). Esse movimento acarretou numa busca incessante para se tornar, por exemplo, parte do quadro de modalidades oficiais dos Jogos Olímpicos. Evidencia-se o esforço de organizações a direcionar o Karate de forma a projetá-lo para o mundo com vistas a popularizá-lo e, ao mesmo tempo, torná-lo olímpico.

Desta maneira, novas questões podem ser feitas para se compreender melhor como esta dicotomia – Karate esportivo e Karate tradicional – se comporta, "resta saber se os praticantes tomarão a visibilidade do Karate olímpico como janela e convite a esse universo, ou como modelo de uma modernização que rejeita seus outros sentidos como arcaicos e ultrapassados" (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019, p. 344). Ao mesmo tempo em que, segundo Rubio (2019, p. 19), "é tempo de repensar os rumos do Movimento Olímpico e de todos os atores sociais envolvidos em sua organização", tendo em vista que o Karate atualmente possui grande visibilidade, muito embora fortalecido pelo Karate esportivo, ele ainda é procurado pelo seu lado marcial – de origem bélica e peculiar.

Portanto, em se tratando dos rumos que o Karate pode tomar, visto que há diversas possibilidades (esportivo, espiritualizado, pedagógico, etc.), podemos compreender que dependerá principalmente da habilidade de convencimento, destreza e engajamento de agentes interessados em promover um Karate ainda mais moderno e interessante, buscando consolidá-lo.

Assim, a partir da compreensão de que o Karate é uma modalidade plural que emerge de uma história cheia de transformações, desencadeadas por contextos históricos específicos e, levando em consideração que "existem outras maneiras de concebê-lo e praticá-lo" (PUCINELI, 2017, p. 43), a dicotomia entre "arte marcial" e "esporte" acaba por ser mais um produto deste processo. As narrativas dos entrevistados colaboram para identificarmos tensões nesse processo, na medida em que expõem descontentamentos e afinidades para com o processo de esportivização.

Cabe ressaltar que não são de hoje esses discursos antagônicos, uma vez que, ao revisitarmos a história da modalidade, perceberemos diversas rupturas de agentes que descontentes pela forma de organização do Karate decidiram se afastar e, não raro, criar

suas próprias organizações, muito embora enviesadas pelos seus próprios interesses (OLIVEIRA et al., 2018). Dentre as variáveis que estão em disputa nesse processo, podemos citar as tradições. Segundo Lage (2009), a compreensão de tradição pode parecer confusa para algumas pessoas, uma vez que esse fenômeno implica re-criação.

> Consideramos que o contato e conhecimento de diferentes lutas e culturas nos permitirem também (re)conhecer melhor a nossa própria, possibilitando-nos o aprendizado do significado de usos, costumes, tradições, desenvolvendo respeito e valorização ao invés de preconceito e discriminação (LAGE, 2009, p. 77).

O conceito de tradição acaba emergindo neste contexto por causa da ideia da preservação de elementos (marcialidade em oposição a esportivização), o que vai na contramão de uma possível modernização. No entanto, a partir do conceito de tradição inventada (ANTUNES, 2019; HOBSBAWN; RANGER, 1997) essa ideia se dilui, pois revisitando a história do Karate percebemos que muita coisa precisou ser inventada dada a necessidade e interesse de agentes.

Segundo Figueiredo (2006), a institucionalização do Karate, promovida ao longo do século XX, propiciou o ascensão da modalidade enquanto esporte. Nesta esteira, emergiu a possibilidade da modalidade se tornar olímpica (OLIVEIRA et al., 2018). Essa questão acaba por ser um tanto complexa, uma vez que se divide entre duas alas, a saber: uma ala mais progressista sendo caracterizada por agentes e organizações que disputam entre o reconhecimento e liderança para a vaga olímpica; e a outra ala classificada como mais conservadora, sendo ilustrada por agentes e organizações não interessadas no Karate esportivo.

Para concluir, muito embora não saibamos os rumos desse processo – por estar regido sob diversas variáveis – o Karate sempre precisará ser relido, pois para existir é preciso ser contado, no entanto caberá a quem tem mais poder decidir a maneira de concebê-lo.

3.6 RELAÇÃO MESTRE-DISCÍPULO

Ao observarmos o dojo percebemos a diversidade de relações interpessoais e que se configuram como facilitadoras para o aprendizado do Karate, uma vez que a relação do discípulo com o mestre é um dos elementos centrais no aprendizado do Karate. Neste universo, Paulo Henrique comenta que existe a supervalorização da figura do mestre,

visto que sobrepuja até mesmo a figura paterna, pois ser mestre é mais do que ser pai. "*Eu acho a relação mestre-discípulo muito profunda e às vezes supera a relação pai-filho*", comentou Paulo.

Paulo compara a jornada do sensei como a de um desbravador, na medida em que ele é pioneiro e em corolário conquistou a experiência, pois conhece as pontes passíveis de travessia, bem como os obstáculos que devem ser contornados, nas palavras de Paulo:

> *Então o sensei hoje em dia ele não tem um mestre. Então ele é como se fosse um desbravador. O cara que entra na mata sozinho e vai abrindo caminho. E eu admiro muito ele porque ele falava "muda isso, esse pé vira um pouquinho para dentro, esse aqui vira um pouquinho pra fora". E aí você faz no começo até eu sou mais conservador do que ele. E você fala "pô, mas eu treinei o tempo inteiro com o pé assim porque que agora eu vou mudar?" Mas então você fala "mas se ele está falando então vamos mudar um pouquinho". Aí você treina de um jeito e do outro – vai sentindo – de repente você fala "meu... não é que ele tem razão"* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Nesta perspectiva, Paulo descreve a relação que possui com seu mestre através das percepções ocorridas durante a prática do Karate, e deste modo, no diálogo com adaptações e rearranjos, expõe a sintonia entre mestre-discípulo e assim, o karateca vai sendo moldado, uma vez que "*o mestre não ensina a arte, ele ensina a vida através de uma arte*", complementa Paulo. Neste contexto, a relação mestre-discípulo mais vai parecendo um fio e uma agulha na arte da costura, isto é, inicialmente o discípulo (fio) necessita de uma orientação (agulha) para através da arte construir tecidos complexos. Neste pensamento, o discípulo vai tomando consciência de seu potencial, na medida em que progride com seu treinamento, avançando e lidando com suas limitações, num processo de luta interna (HERRIGEL, 2006).

Para Paulo Henrique "*o mestre não vai só te ensinar a arte marcial, ele vai te ensinar a ser um ser humano digno nesse mundo e em outras coisas mais. Então a relação mestre-discípulo é muito importante e é a vivência e a experiência é muito valorizada*". Ao observarmos o comentário de Paulo percebemos certo grau de proximidade para com o mestre. No entanto, é preciso levar em consideração que há outras variáveis que colaboram para o ensino-aprendizagem do aluno como, por exemplo, a diversidade cultural de cada ser envolvido na trama do Karate (LAGE; GONÇALVES JUNIOR; NAGAMINE, 2007).

A importância do mestre na construção do conhecimento nas artes japonesas é destacada também por Herrigel (2006) em suas observações sobre a figura do mestre na prática do tiro com arco (ou Kyudo), em virtude de sua experiência no Japão durante a década de 1920.

> O aluno japonês traz consigo três coisas: uma boa educação, um profundo amor pela arte escolhida e uma veneração incondicional pelo mestre. Desde tempos imemoriais, a relação entre mestre e discípulo pertence às relações elementares da vida e ultrapassa muito os limites da matéria que ensina. No princípio, a única coisa que se lhe exige é que imite respeitosamente tudo o que o mestre faz. Pouco amigo de prolixos doutrinamentos e motivações, ele se limita a breves indicações e não espera que o aluno faça perguntas. Observa tranquilamente suas ações, sem esperar independência ou iniciativa própria, aguardando com paciência o crescimento e a maturação. Os dois dispõem de tempo: o mestre não pressiona, o discípulo não se precipita (HERRIGEL, 2006, p. 51).

Assim, verifica-se que Herrigel (2006) descreve suas percepções sobre o Kyudo a partir da interação entre mestre-discípulo sob a perspectiva de um tempo vivido, tendo em vista que "entre mestre e discípulo o ensinamento reverbera no corpo, para além da palavra, sedimentando-se no gesto expressivo da experiência" (SILVA; NÓBREGA, 2019, p. 152).

Silvia Martinsaponta que "*o principal elemento da relação com o sensei é de respeito*", tendo em vista que o admira, seja pela forma que conduz o treino seja pelas palavras que direciona a ela. O elemento temporal ressaltado por Silvia é a constante para a produção da experiência, na medida em que o tempo passa e o processo de ensino-aprendizagem se consolida em seu corpo, e concomitantemente a interação de mestre e discípulo os aproxima, ocasionando além de admiração, conhecimento. Para Adriano Costa, a relação que possui com seu sensei é proveitosa, pois ele possui muito carisma e força de forma a aproximar as pessoas:

> *O sensei [Taketo Okuda] tem um carisma e uma força que é muito, muito, proveitosa para as pessoas. Por isso que ele gravita, pessoas superinteressantes em torno dele. ... a gente faz jantares assim dos mais antigos e tem muita camaradagem. E é um momento que a gente fica escutando o sensei falar também que é muito gostoso também. Então é muito proveitoso* (entrevista oral, Adriano Costa).

Neste sentido, a partir de Adriano, os momentos de descontração com o sensei fora do ambiente do dojo, ocasionam a valorização da figura do mestre em meio a

jornada em que ambos os agentes são beneficiados pela proximidade, "no que diz respeito à relação professor e aluno, mestre e discípulo expressam uma profunda significação existencial na qual ambos se envolvem na mesma jornada e ancoram sentimentos, conhecimentos e desejos" (SILVA; NÓBREGA, 2019, p. 154). Neste sentido, o mestre, não raro, também é encarado como um ser transcendente, isto é, "classificado como alguém que transporta o aluno a algo superior, sacro" (GIRALDES, 2011, p. 55). Como descreveu Marta Silva, "*é como um segundo pai*", ou ainda, "*passa a ser mais que um pai*", como ressaltou Paulo Henrique, ou mesmo, em sentido mais profundo, o "*mestre está além do caminho*", comentou Francisco Oliveira.

Neste caso é possível estabelecer uma associação com a representação peculiar da figura do mestre em tempos remotos, por exemplo, no Japão Feudal: "dentro do seu próprio dojo, o sensei encontrava-se em uma posição comparável, no aspecto místico, a do imperador em Kyoto e, em poder direto, a do *shogun [general]* do Edo *[atual Tokyo]*, ou a do *daimyo [senhor feudal]* em seu feudo" (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 193, grifo nosso). Assim, naquele tempo, o ensino do Karate somente era possível de geração para geração, na medida em que fazia "uma possível alusão ao princípio conhecido como *isshin-soden*, no qual o Karate antes de ser modernizado era transmitido exclusivamente de pai para filho ou para seletos eleitos" (PUCINELI, 2019, p. 166).

Ademais, o sensei no período do Japão Feudal também possuía um papel central sob o olhar de seus discípulos e sociedade, pois era respeitado em virtude de sua importância, dado que preservava a transmissão das teorias e práticas marciais de modo sistemático, pois "tanto seguia uma inclinação natural e espontânea para o combate, como se adaptava aos conhecimentos obtidos em outros campos da atividade humana" (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 186), assim, certamente o sensei era uma pessoa peculiar cujo conhecimento tinha gênese em várias fontes no sentido interdisciplinar.

Segundo Ratti & Westbrook (2006), a maior parte da vida de um sensei do bujutsu (em japonês: 武術 ou arte marcial) era dedicada para o aprendizado e a reprodução de conhecimento, durante os períodos Kamakura (1192-1333), Ashikaga (1336-1573) e Momoyama (1573-1603) – caracterizados por diversas desordens sociais. Deste modo, o conhecimento acerca de estratégias de lutas, bem como a utilização de armas e técnicas de diferentes especializações era um saber que a sociedade japonesa usufruía para sua segurança nesses períodos, tanto nas esferas públicas quanto privadas. Salienta-se que as artes marciais tradicionais, sobretudo aquelas direcionadas para os

samurais, atingiram níveis elevados de sofisticação, visto que garantiram sua sobrevivência a partir da contratação feita de senhores feudais ou chefes de clãs, processo que foi mais recorrente durante o Período Tokugawa.

> Uma característica concomitante da relação que unia o estudante do bujutsu a seu sensei era sua natureza pessoal. O estudante registrado em um ryu *[escola de treinamento]* determinado era, acima de tudo, um aluno do mestre que o aceitava como discípulo. "A disciplina pessoal, no lugar de ser um membro institucional" (DORE, 1965, p. 73), segundo um contrato direto entre o estudante e o mestre de ryu marcial que recebia seu juramento, era o principal vínculo entre eles, que ia mais além dos limites da relação usual de instrução. Em muitos casos parecia-se muito com o vínculo entre um pai severo e um filho submisso, segundo a concepção patriarcal da família oriental, na qual o filho está totalmente submetido à autoridade do pai (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 194).

Neste contexto, o respeito, característico no Karate e presente na relação mestre-discípulo, pode possuir aproximações com os valores pregados do antigo Bushido, pois a questão da hierarquia, lealdade e disciplina aparecem como centrais no código de ética dos samurais, conforme mencionado anteriormente. A partir das influências do xintoísmo, (NUNES, 2012, 2019; RATTI; WESTBROOK, 2006), o Bushido contribuiu na formação dos samurais de forma que: "O esvaziamento das paixões era suprimido pelo xintoísmo, esta espiritualidade japonesa que permitia o estabelecimento da relação de lealdade e reverência ao superior" (NUNES, 2019, p. 103). Com relação as influências do Budismo, "quanto mais você aprofunda sua prática, mais se apercebe do que a mente de seu mestre é, até ver finalmente que a sua mente e a do seu mestre são a mente de Buda" (SUZUKI, 1994, p. 17). Por outro lado, o confucionismo colaboraria para que as relações entre os guerreiros – mestres e discípulos – se consolidassem.

> Se o budismo e o xintoísmo forneciam elementos que tornavam o Bushido mais intimistas e centrado no indivíduo, o confucionismo consolidava a inserção do sujeito dentro da comunidade ao propor, por meio dos cinco tipos de relações sociais (entre pai e filho, entre irmãos etc.), uma estruturação ética da sociedade baseada nas virtudes da benevolência, justiça, cortesia, sagacidade e sinceridade (NUNES, 2019, p. 103).

Na contemporaneidade, no caso brasileiro, o ensino segue uma lógica de mercado – o aluno, muitas vezes, paga uma taxa de matrícula e mensalidade – e possui uma relação não tão próxima quando se comparado ao período feudal japonês. No

entanto, a relação ganha mais sustentação na medida em que o tempo vai passando e ambos vão se conhecendo. Neste contexto, podemos encontrar casos de mestres e discípulos que possuem amizade de muitos anos e, não raro, são considerados parte do núcleo familiar.

> *Para mim a relação mestre-discípulo é uma relação de entrega, uma relação de confiança. Uma relação onde você confia que seu mestre está além do caminho e consegue enxergar além de você e por isso ele vai guia-lo por esse caminho. Todo o resto vem em derivação disso, todo esse respeito, toda a questão de 'obediência' ela vem exatamente da percepção e da humildade que você sabe menos e que precisa entender uma coisa que ainda não foi entendida ainda* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Assim, o aprendizado do Karate é pautado no âmbito da relação mestre-discípulo, vez que apenas quando seus personagens possuem relações de confiança que a arte marcial se sustenta, e em decorrência, ocorre a preservação e manutenção das tradições da prática.

No entanto, na contemporaneidade, a manifestação do respeito é atravessada por diversas questões, no sentido cultural, na medida em que a sociedade oriental se distingue da ocidental em diversos fatores. Alguns entrevistados reforçaram a necessidade de "copiar" o código de comportamento japonês, especialmente àqueles trabalhados no Karate.

Nesta conjuntura, ao olharmos para o passado do Japão, sobretudo durante o transcorrer do século XX, observamos que no contato mais intenso com o Ocidente as relações interpessoais foram sendo remodeladas, na medida em que os japoneses foram residindo em outros países por causa de diversos fatores (especialmente por melhores condições de vida).

> Houve muitas tentativas de exportar ao Ocidente esse tipo de relação comum no Japão entre o instrutor e o estudante (em certas escolas de Judo, Karate, Aikido, Kendo, etc.). Na maioria das vezes, o resultado de tal tentativa foi frustrante e decepcionante (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 195).

Neste quadro, o instrutor japonês provavelmente teve dificuldades para repassar a seus discípulos ocidentais as premissas das artes marciais, as quais eram quase totalmente ausentes no Ocidente – a começar pela própria língua japonesa. Percebemos tais dificuldades quando Adriano Costa comentou sobre a chegada de seu sensei, Taketo

Okuda, no Brasil.

> *O sensei não falava muito, então eu aprendi um Karate não verbal, não didático, era só contagem, olhar e ver se fazia igual [...]Ele chamava o Juca que sabia japonês mais ou menos, chamava um outro nissei – quando ele queria explicar um pouco mais de conteúdo de filosofia, de espírito, de luta, essas coisas. Mas o treino mesmo, o movimento, ele nunca ficava falando... Você que tem que pesquisar, você é que tem que ver, se você faz pressão no seu dedão ou não para sair mais rápido, entendeu? Você que tem que superar para entender o treino. Ele não dava de mão beijada. Assim, faz isso pensa nisso, faz aquilo, ele mostrava, mostrava e você... Quem quisesse pegava* (entrevista oral, Adriano Costa).

Desta feita, o comentário de Adriano aponta outras questões acerca da relação de mestre-discípulo, quando esses possuem origens distintas, visto que existe a necessidade de compreensão do que o outro está passando, e, paralelamente, frente a essa dificuldade de comunicação, os sentidos naturalmente se aguçam visando filtrar com exatidão as lições passadas, porém, tais informações não serão completas:

> No Ocidente também faltam condições que permitiriam a um mestre japonês cumprir com sua obrigação tradicional para com um estudante, ou seja, uma responsabilidade que abrangeria todo o bem-estar pessoal do discípulo e que, no Oriente, supera amplamente em profundidade e conteúdo a do mestre ocidental (RATTI; WESTBROOK, 2006, p. 195).

Nesta perspectiva, percebemos que na relação mestre-discípulo podem existir níveis de entendimento, quando o mestre facilita ou dificulta a aprendizagem do discípulo, por meio de suas próprias limitações ou didática. Assim, podemos notar em algumas escolas de Karate outros elementos que nos ajudam a compreender a relação mestre-discípulo, por exemplo, "nos dojos tradicionais do Japão é comum encontrar *nafuda kakê*, um quadro com pequenas tábuas de madeira onde os nomes dos alunos e instrutores são escritos e ordenados por graduação" (GANSEKIKAI, 2011, p. 1). No Kendo, arte marcial que, assim como o Karate vincula-se ao Budo, nos apresenta uma característica particular associada a relação mestre-discípulo, na medida em que se observa nas placas posicionadas na armadura do Kendo, o sobrenome e o nome da associação na qual o praticante é vinculado e, "consequentemente, ao vínculo entre mestre e discípulo, sendo no mais das vezes os professores responsáveis pela conduta dos alunos, o que se aproxima da noção de 'chefe de família'" (LOURENÇÃO, 2009, p.

86).

Neste sentido, retomando a percepção dos entrevistados, o respeito e a confiança desenvolvidos ao longo do tempo aparecem como elemento fundamental nessa relação mestre-aprendiz. Pedro Andrade relata que compreendeu, com o passar dos anos, como desenvolver uma relação de respeito para a manutenção da boa relação com seus alunos.

> *Quando comecei a dar aula mais de 20 anos atrás não era boa. O que eu treinava pela manhã era o que eu queria que eles fizessem à tarde, ou à noite. E o meu treinamento era muito áspero e eu queria a mesma coisa, tinha 10 alunos. Com o tempo fui entendendo que a gente precisa aceitar as condições das pessoas. Tem gente que tecnicamente evolui muito rápido, tem gente que não, tem gente que gosta e tem gente que não é apaixonado, faz porque precisa melhorar a saúde. Então, hoje a relação professor e discípulo, mestre e discípulo é de respeito e antes era de imposição. Então, hoje penso muito isso. Respeito a condição, a individualidade de cada um, seja ela física, seja ela técnica. Antes eu não entendia muito isso. Vinte anos atrás eu queria que todo mundo fizesse como eu fazia* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Neste caso, Pedro percebeu que existe um sentido profundo da arte de ser sensei, de que o tempo age sobre sua relação de maneira a reorganizar a forma pela qual se relaciona com seus discípulos, o qual se tornou fundamental para seu amadurecimento, bem como para o desenvolvimento dos seus alunos.

Conforme mencionado, para Marta Silva a figura do mestre é central num dojo, segundo ela, a compreensão da relação de mestre-discípulo segue uma referência próxima a de uma família: "*porque a gente deposita muita confiança no que ele fala, no que ele faz, a relação de respeito é muito intensa, até porque para ser sensei é preciso ter passado por muita coisa, dentro e fora do Karate*", comentou Marta.

Marta também apresentou que a relação com o mestre é de "*101%. E entre os alunos também*". Na sequência, descreveu que o Karate é muito seletivo, visto que "*não é você que escolhe o Karate, é o Karate que te escolhe*", apontou Marta. Assim, esse pensamento está atrelado a questão de que houve no decorrer da história de sua escola de Karate, a passagem de muitos alunos, os quais experimentavam a prática e alguns ficavam, mas outros, não raro, desistiam: "*É impressionante como a gente já teve pessoas dentro do mesmo dojo treinando, em que uma pessoa não tem perfil de karateca e aquela pessoa não dura praticando*" complementou Marta. Segundo Giraldes (2011, p. 70), "o mestre surge em nossas vidas como resposta a nossas demandas. O mestre somente surge quando o aprendiz está pronto, ou melhor, é o

aprendiz que escolhe o mestre e não o contrário". Neste pensamento, segundo Marta, também existem outras formas de seleção observadas em sua experiência com a prática do Karate.

> *Por exemplo, eu chego aqui, querendo me impor, medir forças, desrespeitar, com qualquer tipo de sentimento negativo, existe uma seleção natural, a pessoa ou endireita ou sai. Não tem espaço para isso. Todo mundo que treina, que vai se conhecendo, percebe que não existe competir com o outro, não existe "eu sou mais graduado, você é menos graduado", não, a relação é de respeito, de companheirismo, de parceria, é "eu te ajudo a treinar e você me ajuda a treinar... Você tá errando isso, você tá acertando aquilo". É uma relação muito gostosa, geralmente as turmas ficam muito unidas, temos um excelente convívio* (entrevista oral, Marta Silva).

Nota-se nas palavras de Marta, sua consciência sobre a atuação do mestre, na medida em que a vida do mestre "poder-se-ia dizer, é feita de muitos anos de *shoshaku jushaku*. Isso quer dizer muitos anos de esforço decidido" (SUZUKI, 1994, p. 38). Neste caso, o *shoshaku jushaku* implicaria em reconhecer um erro cometido, isto é, aprender com ele e continuar cometendo novos erros – é o que seria ideal sobre uma lógica de aprendizado tal como é evidenciado no Karate, ao passo que "é assim que se ganha e leva a uma vida bem sucedida" (ELITE, 2017, p. 1). Essa consciência mostra-se diferente na maioria das pessoas que se recusam a reconhecer seus erros ou é muito crítica quando se engana (ELITE, 2017).

Desta feita, o sentimento de companheirismo que paira no dojo de Marta define com mais detalhes a relação mestre-discípulo. Destarte, para Rodrigo Silveira o principal pensamento apontado sobre a figura do sensei é a de admiração:

> *Acho que a gente tem muita admiração do sensei. A gente aprende muitos detalhes que ele consegue ver, que ninguém mais consegue. Isso é um dos motivos que procurei ele aqui, porque ele é uma pessoa que respeita muito né. Não quer machucar ninguém, não quer que ninguém se machuque, ele preza pela parte física dos seus alunos. E em relação aos outros, a parte interessante é que: como eu sou mais velho do que a média e menos graduado acabo aprendendo um pouco a lidar com isso de diferença de idade. E aprendendo com eles diariamente, mais do que eu consigo ensinar eles. Isso é uma coisa gostosa também, diferente* (entrevista oral, Rodrigo Silveira).

Neste sentido, a percepção que Rodrigo imprime sob a relação mestre-discípulo ressalta questões referentes ao modo pelo qual utiliza a seu favor o fato de ser um dos

mais velhos no dojo, em que embora tenha idade superior a de seus colegas de treino, compreende que para se desenvolver enquanto sujeito-karateca é preciso amadurecer suas relações e para isso é necessário conviver tanto com pessoas mais velhas quanto mais novas. Para Martina Escobar sua relação com o sensei "*é uma relação muito boa, pelo menos... Bom! Eu sempre treinei com o sensei, nunca treinei com outro, então a minha relação com ele é de muito respeito, admiração*", e com relação ao grupo em geral, Martina descreveu que:

> *É ótima. É de companheirismo, cumplicidade, a gente se ajuda toda hora, a gente se corrige toda hora. Eu acho que é de crescimento mútuo. Com o sensei também, porque eu acho que ao mesmo tempo que a gente cresce, ele também deve crescer. É uma relação de crescimento mútuo* (entrevista oral, Martina Escobar).

Neste contexto, Martina compreende que seu crescimento e de seus colegas é proporcionado juntamente com o sensei, ou seja, o "*crescimento"* atinge todos os personagens do dojo, e em decorrência, evidencia-se uma rica relação de troca entre os seres que, ao mesmo tempo, acabam por garantir a manutenção de tradições expressadas a partir de seus corpos, isto é, intencionalidades que exalam essências do que seriam o Karate. "Este vínculo diferentemente e distante dos vínculos de pai e mãe é um terceiro elemento no construto identitário, onde o aluno é capaz de descobrir sua verdade, sua busca ao chamado que foi inspirado por este Mestre/Professor" (ZIMMERMANN, 2019, p. 109). Neste contexto, percebemos que esses atores sociais (mestre-discípulo) operam a partir de seus corpos, ao mesmo tempo, com uma espécie de simbiose, interagem e aprendem juntos, deste modo, garantindo as tradições do Karate.

Percebemos assim, que o ofício de ser sensei possui alcance imensurável nas vidas dos discípulos, alunos ou mesmo aos atletas, visto que o mestre de Karate carrega consigo vários significados que o colocam como ser diferenciado, na medida em que é fator determinante no desenvolvimento dos seus discípulos. Neste universo, em uma aproximação com os estudos de Lima (2017), sobre a relação entre técnico-atleta, frequentemente o sensei se configura como líder por assumir uma posição de mestre, isto é, organizando todo o funcionamento do dojo (orientando fundamentos, instruindo técnicas, estabelecendo momentos, discutindo temas, iniciando saudações, norteando rituais), enquanto que também age como incentivador (estimula, aplaude, reconhece); é compreensivo (aceita as limitações e tempos de cada aluno); e também é paciente, exigente, ouvinte e confidente, na medida em que "o caminho se revela e se faz na

própria trajetória" (LIMA, 2017, p. 120), entre mestre-discípulo.

Podemos observar que a relação mestre-discípulo toma corpo, à medida que o processo de treinamento vai acontecendo. Por sua vez, a temporalidade que abraça os sujeitos os conduz à maturidade da prática, isto é, com o passar do tempo ambos vão se tornando diferentes, ao passo que bebem de uma mesma fonte, o Karate. Naturalmente, com o aumento do tempo de prática, os karatecas tendem a ficar mais habilidosos, melhorando sua técnica e flexibilidade. Nesta conjuntura, o estranho passa a ser conhecido, o singular passa a ser normal e até mesmo o olhar sobre a prática pode mudar. Os estudos de Andraus (2004), sobre a arte marcial do *gong fu*, podem nos dar um ótimo exemplo da mudança de percepção que praticantes de lutas experimentam.

> Posteriormente, quando o aluno começa a ser direcionado para os exercícios de luta, o trabalho do olhar deflagra toda uma série de dificuldades. É muito difícil olhar para os olhos do oponente. Quando se consegue fazer isso, a dificuldade passa a ser sustentar esse olhar. Alguns alunos passam por uma fase evasiva, onde olham nos olhos do oponente, mas logo desviam o olhar. As relações de liderança ficam extremamente claras nesse tipo de exercício. O indivíduo sabe se está diante de um adversário mais ou menos experiente do que ele, independente do tempo de treino. O acúmulo de experiência não é mensurável, proporcional à quantidade de tempo que a pessoa treina. Há pessoas que vivenciam de fato as experiências, com aprofundamento e dedicação. Outras pessoas podem passar vinte, trinta anos de suas vidas estudando uma determinada disciplina, sem se apropriar daquele conhecimento (ANDRAUS, 2004, p. 103).

Dito isto, a relação mestre e discípulo é encabeçada como de extrema importância no campo do Karate. Compreende-se que com o passar do tempo de treinamento o praticante vai deixando de focar sua atenção em diversos elementos – o chute deixa de ser chute, a técnica deixa de ser técnica, pois será um chute sem técnica, já que ambas não serão mais pensadas, isto é, serão gestos repletos de intencionalidades, ao mesmo tempo em que serão formas de interrogar o mundo, maneiras de se conhecer, ou seja, fontes de autoconhecimento.

Paradoxalmente, o mais graduado volta a ser menos graduado, tendo em vista que sua faixa preta vai se desbotando e tornando-se branca com o passar do tempo, isto é, através de um novo olhar sobre sua prática, agora não mais pensada para se executar e sim intencionada, "o mestre volta a ser discípulo; o iniciado, principiante; o fim, começo, e o começo, consumação" (HERRIGEL, 2006, p. 17–18).

Desta forma, a interação intensa entre aquele que ensina e aquele que é ensinado

demonstra que, a partir do mundo em que estão, aprendem um com o outro, isto é, "o mundo em que habitam mestre e discípulo, professor e aluno, é marcado por experiências que os situam na mesma trama do mundo" (SILVA; NÓBREGA, 2019, p. 155).

Nesse processo, a possibilidade de conhecer o outro e a si mesmo, ao mesmo tempo em que percebe os próprios limites e potencialidades, buscando *des-velar* o mundo a sua volta no qual está encarnado, próximo *com-o-outro* em antagonismo à dicotomia corpo-mente com o mundo (LAGE; GONÇALVES JUNIOR; NAGAMINE, 2007), mostra-se rica de percepções e significados em uma relação que ambos parecem se beneficiar.

3.7 KARATE E O AUTOCONHECIMENTO

O praticante de Karate encontra sentido ao longo do processo de treinamento e esse processo pode ser o que influencia aos *karatecas* para que permaneçam treinando, se aperfeiçoando e buscando a excelência a cada dia. Neste contexto, o autoconhecimento parece tomar corpo na busca do sentido da prática. Em entrevista com o praticante Paulo Henrique, por exemplo, a ausência de autoconfiança, o medo, a superproteção de familiares e amigos, e a necessidade que sentia de aguçar, em suas palavras, seu lado "*masculino*" através de uma arte marcial levou-o até o Karate. Deste modo, com a prática constante, Paulo foi se descobrindo mais forte, ao mesmo tempo em que a natureza misteriosa desta arte revelou-se especialmente no combate com ele mesmo (HERRIGEL, 2006).

Na percepção de Francisco Oliveira, o Karate é "*o caminho de si mesmo, é o caminho para dentro de si – é entrar e penetrar as camadas mais profundas do próprio ser [...], é uma ferramenta de autoconhecimento muito importante*" (grifo do autor). Barreira (2013), expõe que o autoconhecimento seria fruto de uma moralidade enraizada no xintoísmo e confucionismo, podendo se observar ainda, uma proximidade com questões relacionadas à religiosidades e à figura do samurai assim como objetivava o 'fundador do Karate Moderno', Gichin Funakoshi, 1868-1957 (BARREIRA, 2013).

> Praticar para estabelecer o equilíbrio e desenvolver a moralidade e o caráter são objetivos do Karate de Funakoshi. O xintoísmo e o confucionismo têm na piedade filial – que leva à devoção aos pais e antepassados – a origem da moralidade. Desse sentimento fundador

> expande-se o ideário acerca do respeito, boas maneiras, formação e desenvolvimento do caráter, autoconhecimento e justiça (BARREIRA, 2013, p. 69).

Observamos que durante o processo histórico do desenvolvimento do Karate, sobretudo pela arte construída por Funakoshi, fortes influências religiosas que culminam de alguma forma para o autoconhecimento que o praticante encontra durante seu treinamento. Nessa conjuntura, Martina Escobar, outra entrevistada no estudo, relata que, o praticante se descobre através da prática do Karate, o que se configura no processo de autoconhecimento. Neste contexto, a busca por ser uma pessoa melhor, em todos os sentidos, modela o praticante e dá sentido à sua permanência no *dojo*. "*Crescimento, conhecimento, autoridade e autoconhecimento"*, foram fatores que influenciaram a participante da pesquisa em sua maturidade pessoal. "*Tudo gira em torno de um grande crescimento espiritual, pessoal, físico, pois apesar de separarmos é inseparável*", comentou Martina.

Desta maneira, a prática do Karate participa no crescimento pessoal do sujeito, com elementos que convergem para a figura do *karateca* (*ethos*). Deste modo, para que o treinamento possa ser considerado importante e para que se alcance o crescimento, é preciso que o conjunto de comportamentos, normas de conduta e arquétipos que confluem para a figura do *karateca* sejam bem tecidos na aprendizagem do praticante.

O autoconhecimento também está associado à relação que mestre e discípulo estabelecem, tendo por norte a própria prática do Karate, conforme mencionado. Tal vínculo demarca os contornos de uma ponte que estreita o caminho entre o leigo e o experiente, ou melhor, que une o principiante ao mestre, em outras palavras, o que já encontrou seu caminho àquele que ainda não o encontrou (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019). Esta relação se constitui a partir de um acordo entre os dois agentes dentro do campo do Karate. Assim, as duas partes recebem algo em troca, como o compartilhamento de comportamentos de um determinado grupo (ELIAS; SCOTSON, 1965), de karatecas consolidados, por exemplo, com novos karatecas e alunos.

Esta relação com o outro, traz para o sujeito uma nova compreensão sobre seu próprio corpo. Para Francisco, o relacionamento com seus pares durante um treino de Karate o ajuda a aumentar sua empatia com o outro percebendo no seu corpo uma conexão, "*Mais presença em mim para poder olhar para o outro*" (grifo do autor). Segundo Andraus (2012) "a necessidade de estar atento ao outro, à procedência dos golpes, requer que a alma do sujeito esteja o mais presente possível. Um artista marcial

luta com o corpo e a mente integrados" (ANDRAUS, 2012, p. 62). Tendo em vista isso, o autoconhecimento não é alcançado somente pela prática automatizada, mas também na relação com o outro, mestre-discípulo.

> "Assim como com uma vela acesa se acende outra", o mestre transmite o genuíno espírito da arte, de coração a coração, para que eles se iluminem. Então, se a graça lhe é reservada, o discípulo descobre em si mesmo que a obra interior que ele deve realizar é bem mais importante que as obras exteriores, por mais atraentes que sejam, e que ele deve persegui-la se quiser ser o artífice do seu destino de artista (HERRIGEL, 2006, p. 56).

Paulo Henrique comenta que "*o Karate vai além da prática, o despertar para um sentido mais profundo*". De acordo com os entrevistados, o conhecimento de si, toma corpo, na medida em que o período de treinamento aumenta. Neste universo, percebemos que, para compreender o processo de autoconhecimento, o discípulo precisa incorporar o processo e permitir-se uma transformação, fugindo de um olhar dicotômico e cartesiano de corpo e mente.

As percepções do karateca revelam um processo temporal e espacial peculiar. Temporal, pois necessita de um longo período para se elevar ao estágio de maturidade e cristalização de técnicas particulares do Karate; e espacial, visto que é compreendido sob um espaço rico de elementos, o *Dojo*, caracterizado como um lugar "sagrado".

> Somos muito mais do que aquilo que "pensamos" sobre, não no sentido de que haja algo escondido, mas no de algo exposto que não necessita de nossa reflexão para existir. Algo que está em um corpo, mas que se revela em situação (ZIMMERMANN; SAURA, 2019, p. 123).

Na descoberta de si como alguém que interage com o outro e que ao mesmo tempo está imerso num mundo vivido, é onde o desafio pessoal também ganha sentido. Entende-se como desafio pessoal a objetivação de melhorar a si mesmo, na busca da excelência através dos golpes do Karate. Para a entrevistada Silvia Martins, o fato de sua escola de Karate não ter como foco a competição, faz com que ela se torne melhor enquanto pessoa e karateca. "*Focar no que você pode melhorar – não no que você pode melhorar para ganhar do outro"*, comentou Silvia. Essa afirmação talvez estaria atrelada a 'filosofia de treinamento' da escola de Karate onde Silvia treina.

Desta forma, de chute em chute, de soco em soco, o corpo vai se transformando

em sua própria experiência. Compreendemos a noção de "corpo próprio, a partir dos estudos de Merleau-Ponty, enquanto corpo vivido, um corpo de experiências. Esse corpo [...] parte da compreensão do 'eu posso', tal como se mostra o ser no mundo e a relação com sua vivência" (SILVA; NÓBREGA, 2019, p. 148). Sob esta ótica, ainda que não consigamos apreender totalmente uma técnica pelo compartilhamento de conhecimento a partir da experiência de outrem (no caso de um mestre) podemos pelo menos compreender esta experiência acessando sua estrutura, enquanto intensão total (TELLES, 2018).

Talvez seja pela utilização do corpo como meio para o autoconhecimento que se possa compreender o sentido do Karate, como podemos notar na fala de Adriano Costa, quando ressalta "*uma visão mais holística de usar todas as portas que você tem de percepção e não ficar só focado no raciocínio. [...] É o que o Karate nos ensina – é o sentido do Karate para a vida*" (grifo do autor). Verifica-se, entretanto, que o ato de investigar a si mesmo a partir de uma prática ou arte não está presente apenas no Karate. Outras artes também constroem caminhos que conduzem ao autoconhecimento. Herrigel (2006), ao estudar a arte do arco e flecha japonês, descreve em seus relatos que conseguiu ao mesmo tempo um melhor conhecimento de si a partir da prática constante. É possível encontrar relatos similares em outras modalidades, como no ofício de dançar, o bailarino também se descobre em meio a um processo de autoconhecimento. O vazio ou zen mencionado por Herrigel (2006), a partir de sua modalidade, traça semelhanças com, por exemplo, a arte da dança. Nesta conjuntura, as percepções do bailarino, particularmente, sobre o tempo, norteiam o processo do olhar para dentro de si.

> Trazendo tal premissa para o trabalho do bailarino, é a partir desta percepção do vazio, no momento em que ele acontece, que o bailarino começa a conseguir utilizar as pausas com consciência, integrando-as como um elemento de linguagem e não como meros acidentes (ANDRAUS, 2012, p. 173).

No ato de dançar, o bailarino se descobre em meio a pausas e conduções feitas pela sua consciência. Nesta circunstância, num mundo sinestésico de sentidos, o corpo do bailarino, do arqueiro e do *karateca* possuem similaridades em seu processo de autoconhecimento. É a partir de uma prática, ou melhor, de uma arte que com o passar do tempo o praticante se vê nela e se percebe a própria arte, ao mesmo tempo em que o *karateca* se conhece melhor.

Neste processo, o praticante também se apoia naquilo que conhece a partir de

seus pares e referências. Constatamos que a prática instaura um elo entre os praticantes, a partir de uma intercorporeidade elaborada em conjunto, ocasionando num ato introspectivo de olhar para dentro de si. A introspecção consiste naquela capacidade de "'olhar para si mesmo' e perceber a ocorrência de eventos mentais, como perceber algo, crer, duvidar, etc." (LUZ, 2006, p. 45). Segundo Arakaki (2017), treinar constantemente faz com que o Karate do praticante não fique estagnado e não haja declínio de sua técnica. A prática é como um alimento que deve ser ingerido regularmente, se possível diariamente. Para o entrevistado Francisco, o treinamento estaria ligado ao sentido da prática do Karate, por permitir "*adentrar e aprofundar a percepção de si*", segundo ele.

> *Quando você vem aqui e coloca um objetivo de graduação ou mesmo de competição – é do que eu falei – e se você não ganha e se você não alcança aquele objetivo você "perde o sentido daquela prática" e quando você tem um objetivo para si mesmo, é o caminho pelo caminho, por aprofundar, por aperfeiçoar e se aperfeiçoar – e esse caminho não tem fim, e esse caminho é até o final da vida, e você se fortalece até o final da vida independência do corpo para mim esse é o sentido* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

O sentido do Karate se elabora, na medida em que a percepção do praticante é cada vez mais experiência – seu corpo é o Karate e o Karate é o seu corpo. Neste caso, sua experiência é estruturada a partir da movimentação do seu corpo – é a percepção, de modo geral, o que parece dar sentido aos movimentos corporais.

Segundo Telles (2018, p. 112), esta "percepção é o que nos orienta temporalmente, em que o passado se constitui sob a forma de fundo, suporte para que possamos perceber qualquer objeto, como um elo ao que está por vir". Nos estudos de Herrigel (2006) sobre o tiro com arco, por exemplo, o autor descreve que o arqueiro e o alvo deixam de ser opostos para serem um só no momento de sua atividade. A lógica durante o processo, desde o cuidado com a arma até a soltura de sua flecha, é de que: é preciso desprender-se de si, de tudo e de todos para se transformar em tensão sem nenhuma intensão. Nota-se que a dicotomia – corpo e mente – aqui não se sustenta. A descrição do autor mostra os reflexos de um pensamento oriental enraizado no entendimento do *Eu* ou do corpo como parte de um universo maior, mas não separado dele (BARREIRA, 2013; HERRIGEL, 2006; TELLES, 2018).

> O arqueiro não está consciente do seu "eu", como alguém que esteja empenhado unicamente em acertar o alvo. Mas esse estado de não-consciência só é possível alcançar se o arqueiro estiver desprendido de

> si próprio, sem, contudo, desprezar a habilidade e o preparo técnico. Dessa maneira, o arqueiro consegue um resultado em tudo diferente do que obtém o esportista, e que não pode ser alcançado simplesmente com o estudo metódico e exaustivo (HERRIGEL, 2006, p. 10).

O *karateca* ao praticar sua arte, ao fazer o *kata*, ao executar os movimentos, ao lutar com o outro, estaria por imergir num estado de total atenção corporal. Nesta perspectiva, praticar o Karate é buscar estar em seu presente temporal – isso se aproximaria da excelência, na perspectiva da busca da técnica perfeita, ao mesmo tempo em que escava como um arqueólogo vários elementos, que emergindo trarão o autoconhecimento.

> *Há uma evolução que você vê a cada dia. Com o passar do tempo apresenta mais dúvidas e você vai visualizando que têm mais coisas para aprender. Mesmo que você saiba, sempre tem coisas para corrigir. Toda aula é um aprendizado* (entrevista oral, Rodrigo Silveira).

Nesta conjuntura, como apontado por Rodrigo Silveira, o processo de evolução, de fabricação de dúvidas em meio ao caminho trilhado no *Dojo*, faz com que o praticante vá descobrindo e percebendo que novos significados e sentidos são elaborados. Neste caso, "o irrefletido é o que permite a reflexão, o solo para o pensamento e a criação de horizontes de significações e sentidos" (SILVA; NÓBREGA, 2019, p. 145). O praticante de Karate detém-se no treinamento, conhecendo-se, na medida em que avança na sua experiência com a prática.

Os movimentos tornam-se cada vez mais naturalizados, sem pausas demoradas para autoavaliação ou necessidades de revisões do próprio praticante ou de seu mestre. Aprende-se a respirar tão despreocupadamente que, às vezes, pode-se ter "a sensação de não respirar, mas de ser respirado, por estranho que pareça" (HERRIGEL, 2006, p. 34). O praticante se torna a arte que pratica e a arte se torna o praticante, há uma espécie de fusão, há a aproximação de que tudo está interligado, em uma perspectiva de universo total, o que, ao mesmo tempo, configura-se como, mencionado anteriormente por Adriano, "*uma visão mais holística de usar todas as portas que você tem de percepção*". Segundo Frosi (2012), no Karate isso estaria relacionado a influência que Funakoshi (1868-1957) teve do Budismo, o que "incitava em suas formulações o pensamento monista: a ideia de que tudo é o Todo, que o Vazio é a grande verdade do universo" (FROSI, 2012, p. 60).

Para os entrevistados, de modo geral, o sentido do Karate está atrelado ao autoconhecimento, a prática como caminho para melhorar como pessoa, buscando se fortalecer, evoluir ao desafiar-se, ao aprofundar a percepção de si, ao perceber que é possível aplicar para a vida o que foi conquistado no treino, criar uma família, entre outros que vão ao encontro da relação que se estabelece do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Nesse estado de percepção, o karateca percebe que não está só – aprende com o outro e ao mesmo tempo ensina seus pares em meio a um processo de autoconhecimento que interliga gerações: os mais velhos com os mais novos, os graduados com os iniciantes, o mestre com seus discípulos e assim por diante.

Notamos a partir da concepção dos alunos sobre o sensei, proximidades com o processo de autoconhecimento – o mestre participa do processo quando está atuando como orientador, pois faz parte do universo do discípulo. Por outro lado, o arquétipo[50] do mestre torna-se distante à medida em que o aluno se vê distanciado sob um aspecto hierárquico. O mestre "parece ser próximo, no sentido de uma presença constante, mas igualmente distante, uma vez que é bastante respeitado em sua posição de poder e pouco questionado pelos praticantes" (OLIVEIRA; TELLES; BARREIRA, 2019, p. 333). Deste modo, o mestre compõe o mesmo universo ocupando um lugar de destaque, uma presença constante – como principal referência.

Observamos que o processo de autoconhecimento evidenciado no Karate pode ter relações com o sentido da própria pratica do Karate, mas então qual é o sentido da prática do Karate? Para Paulo Henrique o sentido do Karate estaria associado ao autoconhecimento a partir da compreensão sobre o "espírito de luta".

> *O sentido é você se conhecer e às vezes eu falo: eu não vou ensinar você a brigar, a lutar. Mas eu vou te ensinar "espírito de luta". Espírito de luta você usa o tempo todo. [...] Espírito de luta você tem que ter o tempo inteiro, o dia inteiro, a vida inteira. Então te ensinar a brigar não vai ter muita utilidade principalmente no mundo civilizado, no mundo moderno, pelo menos nunca precisei brigar. [...] Então se fosse para isso não teria muita utilidade o treino. Então a prática é pra desenvolver em você o espírito de combate porque todo treino que eu entro eu sinto um frio na barriga, até hoje mesmo quando eu estou puxando o treino* (entrevista oral, Paulo Henrique).

---

[50] Segundo Arakaki (2017), existem arquétipos da figura do sensei. Nesta circunstância, os arquétipos seriam as imagens primordiais que acompanham a humanidade em nível inconsciente e que estão presentes em culturas e povos – percebemos manifestações destas associações da imagem do sensei em narrativas míticas, contos ou histórias que descrevem feitos específicos (ARARAKI, 2017).

Neste pensamento, Paulo nos apresenta elementos para se pensar a prática do Karate, num sentido mais profundo, ao apresentar o termo “espírito de luta” que está associada a postura que o praticante deve assimilar para lidar com problemas de seu dia a dia. Isto é, o comportamento ou modo de resolver os problemas diz muito sobre como deveria ser o praticante de Karate: persistente, combativo, motivado, corajoso, desbravador. Tal pensamento também é encontrado no site da escola de Karate onde Paulo treina:

> Entendemos que o espírito de combate não é necessário apenas para um lutador, mas para todo ser humano que pretende triunfar sobre todos os obstáculos que a vida lhe apresentar. Não estamos preocupados em formar atletas, e sim em formar seres humanos mais dignos, mais fortes e mais íntegros (BUTOKU-KAN, 2019, p. 1).

Podemos também associar o termo “espírito de luta” a um dos lemas do Karate (ou *dojo-kun*), “criar o intuito de esforço”, e, mais ainda, a um dos 20 princípios fundamentais do Karate (ou *niju-kun*), propostos por Funakoshi (2005), “o espírito é mais importante do que a técnica” que costumeiramente são reproduzidos nos dojos, “consistindo em uma noção geral de como a ideia de um(a) bom(a) praticante de Karate deve ser entendida, sendo esta caracterizada por ser uma constante busca de aperfeiçoamento” (TELLES, 2018, p. 21).

Paulo Henrique também comentou sobre sua postura durante o treinamento.

> *Então é esse espírito de não recuar, de avançar, de não desistir, de chegar na exaustão, no limite e superar. Eu acho que é isso que o Karate ensinou. “É meu... Não para! Continua, não recua e para frente, avança, avança e até cair”. Enquanto você realmente não cair ainda dá para lutar (risos). Entendeu? Só acaba quando você desmaia ou você cair. Tiver uma convulsão, qualquer coisa assim* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Assim, o treinamento do Karate para Paulo deve buscar moldar o praticante para avançar sem medo, no sentido de ser corajoso. Sua fala é carregada de elementos para se pensar a postura tomada pelo praticante mais velho, isto é, nos brinda com discussões que convergem para a experiência do guerreiro, dado que ressalta o comportamento comprometido com a perseverança em não titubear frente às dificuldades. Por meio dos depoimentos detalhados de momentos de superação durante os treinos podemos identificar o prazer de Paulo pela prática. Na sequência, esse entrevistado, descreve

como interpreta essa batalha consigo mesmo para se manter de pé:

> *A sua mente vai falar "não, não, você não aguenta, para! Para! Não é bom". Então o Karate faz você falar "O que? Parar? Sai daqui! Sai daqui! Eu quero lutar!". E vai até não aguentar mais. E você vê que sua mente te trai muitas vezes, muitas vezes. Ela diz "você está cansado", ela diz "você não vai aguentar", ela diz "que você precisa descansar", que a vida está muito dura. Aí você fala "meu... cala a boca, vamos em frente, vamos em frente que eu aguento, eu aguento. Meu limite ainda não chegou. Só vai chegar quando eu cair (risos)* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Atentando para os comentários de Paulo identificamos sua postura frente aos desafios durante o treinamento no dojo, na medida em que nos trazem várias reflexões sobre o "espírito de luta"; a importância da prática ou a da repetição; de se desafiar; e ir além do seu próprio limite físico e mental. Para ele, quando imerso na prática no estado de extremo cansaço, o praticante perceberá que é forte, visto que vai além do que imaginava ser seu próprio limite. Nesta conjuntura, o fato de chegar no limite é motivo tanto de conquista quanto de orgulho.

Já para Silvia Martinso sentido da prática do Karate estaria na estética (belo), na disciplina, respeito, insistência. "*Eu acho o Karate bonito eu gosto de praticar. Eu acho que a questão da disciplina é muito importante. Do respeito da continuidade. Da insistência. Tenho enfim, várias coisas no Karate*", comentou Silvia. Segundo Gumbrecht (2007, p. 39), "a sensação que temos de que algo é ou não bonito depende exclusivamente de um sentimento interior 'de prazer ou desprazer'".

Adriano Costa aponta que "*o sentido do Karate é aplicar para a vida o que você conquistou no treino*", ao mesmo tempo em que sua consciência sobre os sistemas fisiológicos o ajudaria a compreender o sentido da vida orientado pelo sensei. Neste caso, o sensei ajudaria na busca desta compreensão da prática do Karate mediando o conhecimento físico e teórico, como ressaltou o site de sua escola de Karate a importância da respiração sobre a prática a partir do *tanden*[51].

> Nosso objetivo principal, aqui na Butoku-Kan, é desenvolver e fortalecer o nosso *tanden* (região localizada no baixo ventre), não apenas por se tratar do centro de gravidade do nosso corpo, mas também porque acreditamos que é o nosso centro de energia. É desta

[51] Segundo Lourenção (2016, p. 313), *Seikatanden* [臍下丹田] ou *Tanden*, ponto no interior da barriga, no espaço compreendido entre o umbigo e o anus, importante no desenvolvimento da meditação e prática de artes marciais; corresponde ao *chakra* abdominal.

> região do nosso corpo que nasce toda a vitalidade e o espírito de combate, não apenas do Karate, mas de qualquer arte marcial (BUTOKU-KAN, 2019, p. 1).

Atenta-se que a filosofia de treinamento da Butoku-Kan tem como principal objetivo beber de questões relacionadas ao desenvolvimento do *tanden* e, ao mesmo tempo, busca se afastar de elementos que interpretam o Karate como esporte.

Para Pedro Andrade o sentido da prática do Karate estaria relacionado a "*evolução como pessoa*". Pedro complementa mencionando a associação do Karate com a disciplina. Observa-se que a relação entre disciplina e o Karate está imbricada sob o modo pelo qual a arte marcial se manifesta, visto que há uma interpretação histórica de que as artes marciais japonesas condicionariam para a disciplina. Entretanto Pucineli (2017) levanta a problemática em tratar as artes marciais como instrumentos para "docilizar corpos". Este autor lembra que durante a história do Japão, sobretudo durante a Era Meiji (1868-1912), o Estado japonês proporcionou diversas transformações sobre suas instituições educacionais. Uma das estratégias era utilizar as artes marciais japonesas, especialmente àquelas que bebem do Budo (Judô, Kendô, Aikidô, Karate-Dô, etc.), para educar os jovens do Japão, na medida em que a disciplina intrínseca a essas lutas poderia ajudar na educação. Por outro lado, Oliveira (2016) traz outros elementos para esta discussão:

> Ora, se tomarmos como disciplinado aquele que foi sujeitado a uma disciplina e, em consequência disso, tornara-se mais obediente e manipulável, o número de pessoas que enxergam o porte de disciplina como uma característica derivada das Artes Marciais corre o risco de cair subitamente. Por outro lado, se considerarmos o sujeito disciplinado como aquele que, através da experiência em uma disciplina, tornou-se mais atento a valores que regem as regras de convivência humana em determinada comunidade, o número de indivíduos que reconhece a disciplina como um potencial das Artes Marciais pode aumentar exponencialmente (OLIVEIRA, 2016a, p. 21–22).

Pedro Andrade complementou que muitos praticantes adultos quando se matriculam em aulas de Karate, em sua grande maioria, buscam qualidade de vida (alívio de estresse, vida corrida), não raro, também demonstram carência de disciplina.

Rodrigo Silveira disserta que o sentido da prática do Karate estaria apoiado em aprender uma arte marcial, isto é, motivado pelo próprio mistério da arte, no sentido que seria um novo lugar a explorar, bem como o ofício do arqueólogo. Rodrigo também

ressaltou que a interação interpessoal decorrente dos treinos corroboraria para a construção de uma espécie de família – fato que o agrada muito –, bem como "*evoluir cada vez mais. E, quem sabe, chegar perto dos faixas pretas, conhecimento deles, da prática deles*", complementou Rodrigo. Nesta esteira, Martina Escobar, acredita que o sentido da prática do Karate "*faz parte de mim, faz parte da minha vida, o treinamento do dia a dia faz parte do meu aprendizado*", comentou Martina. Sua afinidade com a prática também estaria relacionada ao crescimento pessoal que acabou desenvolvendo devido aos anos de treinamento.

> *Crescimento pessoal. Você tenta ser uma boa pessoa em todos os sentidos, não deixando de se respeitar... Mas eu acho que é crescimento, conhecimento, autoridade, autoconhecimento, para mim influenciou muito a maturidade... Eu acho que tudo gira em torno de um grande crescimento espiritual, pessoal, além do físico, porque apesar de separarmos é inseparável. Então, ainda as questões físicas... saúde... acho que esses são os objetivos* (entrevista oral, Martina Escobar).

Desta forma, revelam-se muitas contribuições acerca do sentido do Karate a partir da descrição dos entrevistados nesta pesquisa, tendo em vista que "o mais alto ideal do Karate está intimamente ligado à sua intenção originária, em sua forma mais elementar. É evidente e explícito que o aprendizado de Karate obedece a um desejo de potência, desejo de ser *forte*" (BARREIRA, 2013, p. 270). Dito isto, compreende-se que o sentido da prática do Karate "se faz, não no sentido de 'saber fazer' para 'saber ensinar' [...] mas sim como experiência calcada no dia a dia para se poder 'sentir/perceber/apreender' o Karate enquanto meio para se atingir o Budo" (LAGE; GONÇALVES JR., 2007, p. 41, grifo nosso), isto é, o caminho marcial.

Um outro aspecto importante para a conclusão deste capítulo repousa sobre a experiência vivencial que o praticante possui a partir de sua imersão no treinamento do Karate a longo prazo. Essa experiência, muitas vezes, se bem orientada conduz a um caminho repleto de elementos que o ajudam a encontrar o sentido da prática desta arte. Neste processo, o reconhecimento da potência, enquanto saber que se mistura "com capacidade de esvaziar-se e com a busca pelo esvaziamento" (BARREIRA, 2013, p. 271), fornece ao karateca possibilidades para se compreender o caminho. O silêncio da mente, que acaba ocorrendo neste processo, caracteriza-se como produto da experiência vivencial. Em outras palavras:

> O não pensamento faz parte das características do esvaziamento, já que favorece o silêncio da mente, a fim de que haja maior disponibilidade para a escuta da realidade. No entanto, não abdicando do estímulo que o move a melhorar suas habilidades de combate, o karateca mantém presente a afirmação do instinto de vida na agressividade da luta, do impulso original, que constituirá as suas extensões em configurações várias, como a vontade e o sentido último (religioso, portanto) (BARREIRA, 2013, p. 271).

Evidencia-se, então, um emaranhado de reflexões que jogam luz sobre a experiência do karateca, na medida em que as narrativas dos entrevistados levam "ao reconhecimento definitivo de que a verdadeira aquisição de potência não está na capacidade de agir com maior violência" (BARREIRA, 2013, p. 271), uma vez que "o Karate parte do princípio de que a experiência individual, que obviamente só pode se dar no mundo com o outro, é fator importante e essencial na busca de sua compreensão" (LAGE; GONÇALVES JR., 2007, p. 41).

Nesta busca para a compreensão da prática do Karate, isto é, nesta procura de algo que possa responder o sentido deste caminho, o praticante irá incessantemente retornar ao seu dojo, ao mesmo tempo, em que vai se descobrir pertencente a ele. Ou seja, descobre com o tempo, neste processo de autoconhecimento, que sua vida não tem sentido longe desta prática. Assim, em meio a este campo vasto de saberes, configura-se um caminho que indireta ou diretamente pode estar ligado ao encontro consigo mesmo.

3.8 O QUE É SER KARATECA?

A figura que constrói e que caracteriza o karateca é tema fundamental para se compreender o próprio universo do Karate (OLIVEIRA, 2019), na medida em que o karateca é moldado a partir da prática constante e que forma o seu caráter (AIRES et al., 2017). Assim, sua conotação, frequentemente, possui a configuração de lutador ou guerreiro, não raro, aproximado com a figura ou arquétipo do samurai. Segundo Paulo Henrique, ser karateca é "*ser um guerreiro. Um guerreiro que está mais preocupado em vencer a si mesmo, mas fundamentalmente um guerreiro. Como eu falei o Karate você usa mais no dia a dia do que numa luta. O espírito de luta você usa o dia inteiro*". E quais seriam os comportamentos próprios de um guerreiro?

> *Por exemplo, eu tinha um karateca conhecido, até é desse universo competitivo, e ele tinha uma marca de quimonos. E ele vendia. E aí um dos nossos alunos, uma vez, foi comprar lá com ele. E ele voltou,*

> *assim, pasmo por que ele entrou na sala e o cara estava lá, assim, largado. Sabe assim, aí ele conversou com o cara assim e tal e tal. E aí esse nosso aluno que estava acostumado a ver o sensei sempre sentado numa postura. Ele falou "meu eu não acredito. Eu vi aquele cara largado ali assim. Aí falei nem parecia um karateca. Tipo que coisa louca"* (entrevista oral, Paulo Henrique).

A partir desta fala, verifica-se que existe um comportamento "ideal" que caracteriza o karateca, que no caso relatado não foi identificado. Segundo Paulo o exemplo mencionado possui relação com a influência da competição dentro do Karate, uma vez que os karatecas ao serem influenciados pelo campo competitivo se afastam de valores e comportamentos formativos, por exemplo, o caráter, respeito, autocontrole, posturas, condutas, linguagem corporal, etiqueta: "*Então eu acho que tem sim dentro do universo do competitivo pessoas que também prezam e que também estão com um olhar parecido com o meu. Mas de maneira geral eu diria que isso tudo se perde um pouco até pela questão da competição – a competição de Karate*", apontou Paulo.

Para Silvia Martinso processo de aprendizagem produz diversos tipos de karatecas, dado que o diálogo entre experiência com a prática é que constrói o karateca: "*Bom eu acho que existem muitos tipos de karatecas. Muitos, muitos, muitos. Enfim, cada aluno, é um aluno, cada sensei também. Então eu não sei dizer exatamente o que diferencia o karateca*", argumentou Silvia. Neste sentido, Adriano Costa aponta que o comportamento do praticante expõe se ele é karateca ou não, tendo em vista que suas atitudes "desinteressadas" poderão distanciá-lo do que seria um karateca.

> *Para mim eu acho que é você ser cortês, ser gentil, por que o treino ensina isso. Começa com cortesia, termina com cortesia. Você tem essa camaradagem do Karate que se cria amizades fortíssimas. Totalmente desinteressadas que não é porque você é mais rico ou menos rico – ou mais poderoso ou menos poderoso – você é amigo e tem que tratar igual, entendeu? E isso que eu acho que é muito bom. E esse lado aí de você para sua vida, enfrentar adversidade. [...] Todo esse lado eu acho que é legal no Karate, te prepara para a vida. Te prepara para a vida... Ele vai mudando o Karate* (entrevista oral, Adriano Costa).

Na visão de Pedro Andrade, karateca é "*um ser evoluído. Todo dia você evolui. Todo dia você aprende*". De acordo com Marta Silva, ser karateca estaria atrelado a algo que já faz parte dela há muito tempo, visto que passou por diversas etapas chegando a faixa preta e reconhece que ainda possui um longo caminho a seguir:

> *Hoje faz parte de mim, não tem como... a partir do momento que você escolheu praticar e, principalmente, passou por todas as etapas e chegou até a faixa preta, que ao contrário do que muitos pensam, que é o fim, na verdade é o começo. A partir do momento que você é faixa preta você se transforma como pessoa [...] No Karate a faixa preta não é o limite onde você pode chegar, pelo contrário, ela te instiga cada vez mais. Então ser faixa preta mexe com a sua maneira de pensar, de agir, de reagir, você se torna uma pessoa diferente. E para ter mais evolução no Karate você realmente precisa ter mais evolução como pessoa, sair daqui e tentar praticar o mais próximo possível das suas atitudes na rua, com outras pessoas, em casa, com o que você pratica no tatame* (entrevista oral, Marta Silva).

Destarte, segundo a narrativa de Marta o tempo é fundamental para a construção do karateca enquanto personagem situado no universo do Karate, ao mesmo tempo em que imprime sob a faixa preta um significado profundo para o praticante, no qual dá a entender que se inicia um "novo ciclo" quando alcançada. De acordo com Francisco Oliveira ser karateca "*é ser um buscador de si. Acho que tudo volta para isso – para o caminho espiritual*", neste sentido, estaria atrelado a busca pelo autoconhecimento, anteriormente mencionado.

Segundo Rodrigo Silveira ser karateca "*é ser uma pessoa com o respeito com o próximo, com educação, e ser um atleta também*". Neste pensamento, Rodrigo aponta para um dos atributos que o Karate leva consigo, sobretudo em seus lemas, dado que o respeito com o próximo é retratado no *dojo kun*, *respeitar acima de tudo*. Neste contexto, a resposta de Martina Escobar se aproxima da resposta de Rodrigo, uma vez que ser karateca demandaria ser respeitoso, isto é, ter um comportamento que estabeleceria uma boa relação entre seus pares no treinamento de Karate.

> *Nossa, sei lá, sou eu (ri). Para mim acho que é ser respeitoso com as pessoas, com a gente mesmo, é você tentar compreender as coisas... É você tentar se superar, com certeza, é meio que uma briga interna, é você conviver melhor com as pessoas, ou tentar pelo menos. Superar expectativas, frustração, porque tem muito de frustração também* (entrevista oral, Martina Escobar).

Dito isto, identificamos que a construção do *ethos* karateca se constitui no campo do comportamento, na linguagem corporal do praticante, bem como em sua comunicação e intenções de respeitar o outro. Assim, considera-se que ser karateca vai além da imagem de uma pessoa vestida com um dogi, na medida em que seu comportamento diz muito sobre ele. Com a descrição dos entrevistados percebemos que ser karateca é ser, sobretudo respeitoso, bem como é ser cortes, gentil, um buscador de

si, um ser que busca se desenvolver. Esta noção não é contraditória a afirmação de que há "karatecas e karatecas", uma vez que as pessoas estão em constantes mudanças.

Desta forma a compreensão do que é ser karateca repousa sobre o fato de como o praticante vive o Karate. Paulo Henrique descreve que vive o Karate cotidianamente, por exemplo, na educação dos seus filhos, no trânsito, entre outros.

> *E além deste controle do instinto de agressão que durante várias situações do dia a dia vem à tona e você precisa se controlar, acho que essa busca que também está ligada aos lemas do Karate, ao fortalecimento do caráter, fidelidade para com o verdadeiro caminho da sabedoria, respeito acima de tudo – todos esses valores – enfim é uma prática e que não se restringe ao treino dentro do dojo* (entrevista oral, Paulo Henrique).

A maneira como Paulo vive o Karate converge para os ensinamentos do dojo kun, tendo em vista que utiliza os lemas em seu dia a dia. Em sua entrevista Paulo também comentou que frequentemente está imerso a um processo de revisão dos valores. Por exemplo, Paulo, tenta seguir o lema "Criar o intuito do esforço" em seu dia a dia, principalmente quando se percebe muito cansado. Percebe-se na fala de dele seu esforço em tentar descrever que o Karate que vive atravessa as paredes do dojo. Na sequência, Paulo apresenta uma passagem retirada do livro *Hagakure* de Tsunetomo Yamamoto (1659-1719), em que comenta sobre o universo dos sonhos e o universo da realidade, uma vez que seu comportamento quando sonhando deve ser semelhante quando acordado.

> *No Hagakure que é um livro que fala sobre os lemas, a etiqueta, a maneira de se comportar de um samurai, tem um verbete que fala que nosso cérebro não diferencia quando a gente está sonhando ou quando é realidade. Então a maneira como você se comporta dentro do sonho é muito importante, pois naquele momento seu cérebro não está discernindo, para ele naquele momento aquilo é realidade. [...] Então, mesmo ali, não em todos os sonhos, nem o tempo inteiro, mas em alguns momentos até ali é um momento de estudo e de análise e de autoconhecimento para ver se você continua focado e caminhando na direção que o caminho do Karate aponta* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Neste contexto, Paulo ressalta que o comportamento dentro do dojo deve ser o mesmo que fora dele (em analogia com o estado de estar sonhando e o estado de estar acordado), isto é, não se deve ter dois comportamentos, tendo em vista que "*não tem diferença, pois não é somente o que eu faço, mas o que eu sou também [...] sinceridade*

é isso, não haver distância entre aquilo que eu falo e aquilo que eu faço" complementou Paulo. Este pensamento reforçado por Paulo também estaria atrelado ao ofício de um professor, uma vez que: *"para eu ser um professor de qualidade e um dia eu me tornar um mestre, eu não posso ficar falando e escrevendo livros ou dando aulas e tudo isso ser muito bacana e fora do dojo e no meu dia a dia eu agir de uma maneira totalmente contrária, enfim, isso não faz o menor sentido"*, ressaltou Paulo Henrique.

Deste modo, a postura que um professor deve ter perante seus alunos deve ser a mesma reverberada para fora do dojo, dado que não se separa um sujeito em dois, isto é, Paulo é karateca dentro e, ao mesmo tempo, fora do dojo. Neste contexto, Paulo identifica na palavra "postura" um significado importante para ser proferido, visto que o trabalho de um mestre de Karate acaba por "moldar posturas", ou seja, ajuda a desenvolver no praticante o aspecto de karateca, pois reforça a cada correção um caminho que deve ser percorrido para o encontro da excelência técnica, bem como do sentido do caminho do Karate.

Mais à frente, Paulo abordou um conceito chave para se compreender melhor a magnitude do ofício do mestre de Karate, tendo em vista que o conceito dicotômico de "postura" e "atitude" configura-se numa visão simbólica, ou seja, o estado físico do praticante não está desconectado de seu comportamento psíquico, ou melhor:

> *Através da correção da sua postura física, do seu corpo, que é onde eu posso te corrigir por que eu estou aqui vendo, inevitavelmente eu também estou mexendo na sua postura enquanto atitude. Então, realmente você está trabalhando com coisas que, não adianta nada você sair daqui e ter outra postura. Então, mesmo para alguém que não é profissional, realmente o Karate tem que romper este limite entre dojo e mundo. Dojo e mundo é uma coisa só: o mundo é um grande dojo (risos)* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Para concluir, Paulo dissertou que essa ideia de divisão – "postura" e "atitude" – que se aproxima mais com o pensamento cartesiano – "mente" separada do "corpo" – não deveria existir, na medida em que estão conectados. Tal pensamento, retoma a ideia de Herrigel (2006), em sua obra *A arte cavalheiresca do arqueiro zen* que através da arte do tiro com arco, isto é, do Kyudo apresenta a mesma questão de Paulo (mente e corpo conectados):

> Sou eu quem estira o arco ou é o arco que me leva ao estado de máxima tensão? Sou eu quem acerta no alvo ou é o alvo que acerta em mim? O *algo* é espiritual, visto com os olhos do corpo ou é corporal,

> visto com os do espírito? São as duas coisas ao mesmo tempo ou nenhuma? Todas essas coisas, o arco, a flecha, o alvo e eu estamos enredados de tal maneira que não consigo separá-las (HERRIGEL, 2006, p. 74–75).

Deste modo, observamos aproximações entre as ideias de Paulo e Herrigel (2006), visto que trazem em seus argumentos uma compreensão de mundo a partir de suas modalidades, isto é, reforçam que as atitudes, o comportamento, a maneira pelo qual o estado psíquico interage com o mundo é ligada substancialmente ao corpo que se mostra, se apresenta, se move, imbuído de significados e gestos, tendo em vista que através de uma arte expõe experiências particulares.

Para Silvia Martins, viver o Karate estaria ligado com a ideia de "desafio diário", dado que:

> *Exige não só fisicamente, em qualquer atividade física, mas também psicologicamente, porque exige muita concentração, exige muita disciplina. Então eu encaro como desafio, é a maneira como eu me posiciono no treino. Eu tento trazer para as outras coisas da minha vida também. Então eu acho que é como um desafio, mas eu acho que é como uma referência de como lidar com dificuldades no geral* (entrevista oral, Silvia Martins).

Compreende-se que o "desafio diário" relatado por Silvia acerca de como vive o Karate tem a ver com um conjunto de atividade que teria ao longo do seu dia, encarado como uma instigação, pois demandaria um esforço, tanto físico quanto psicológico, de sua parte.

> *É um desafio, mas, assim, cada dia que eu termino o treino eu sinto que eu cumpri uma tarefa, uma etapa do dia, mas ao mesmo tempo no dia seguinte tem mais. Então, é como se... É um pouco difícil até porque parece que você nunca vai alcançar o fim, mas ao mesmo tempo isso... É angustiante, isso estimula também porque você está sempre querendo avançar de alguma maneira* (entrevista oral, Silvia Martins).

De certo modo, Silvia Martins tenta levar o que aprende no dojo para fora dele, uma vez que, "*isso de trazer para outras coisas acho que tem a ver com várias coisas que o Karate me traz. Acho que eu comentei de concentração, de disciplina, de não faltar nos treinos, de me concentrar enquanto eu estou treinando*", apontou Silvia. Por outro lado, Silvia enfatizou que não comenta sobre sua prática fora do dojo, mas "*é quase que inconsciente de tentar trazer essas coisas para a vida, para o trabalho,*

enfim, organização. Então esta questão da disciplina que o Karate traz é que é o mais forte", ressaltou Silvia. De forma parecida Martina Escobar relata que vive o Karate "*basicamente, em tudo*", tendo em vista que empresta do dojo kun orientações para utilizar em seu dia a dia.

> *Principalmente quando você tenta usar o dojo kun para a vida, quando eu tento utilizar o dojo kun, eu estou vivendo o Karate, praticamente. Eu acho que como o Karate fez muito parte da formação do meu caráter, eu acabo vivendo ele sempre. Fez parte de 90% da minha formação* (entrevista oral, Martina Escobar).

Desta forma, percebemos na descrição de Martina a grande influência que o Karate exerce em sua vida, na medida em que o Karate faz parte de sua formação, no sentido de caráter. Rodrigo Silveira articula que vive o Karate, no sentido de estudá-lo com frequência, seja através dos treinos pessoalmente seja através de materiais de apoio que utiliza para complementar seus estudos.

> *Como eu vivo? A parte mais óbvia é o treino. Vindo sempre aqui que possível. Hoje é mais fácil na internet tem tudo. Você acaba procurando então, no dia a dia, vídeos, fotos e você acaba explorando um mundo que não conhecia. Acho que isso de melhorar, melhorar sempre* (entrevista oral, Rodrigo Silveira).

Compreende-se que a ideia de "*explorar um mundo que não conhecia*", comentado por Rodrigo, está relacionado a um caminho longo a explorar, pois embora no Karate evidencia-se vários movimentos que acabam por ser frequentemente repetidos durante longo período de treinamento, a jornada que o aluno faz é particularmente única e haverá algo novo que desconhecia. De acordo com Marta Silva viver o Karate estaria relacionado ao que Paulo Henrique comentou anteriormente, isto é, "*não haver distância entre aquilo que eu falo e aquilo que eu faço*". Neste sentido, Marta se esforça para aplicar fora do dojo o que aprende dentro dele.

> *Você precisa se forçar a lembrar de tudo o que você faz aqui dentro, no sentido de respeitar os outros, de não ter nenhum sentimento ruim, de pensar que o que é certo é certo e aí quando você é testado, você tem que colocar isso em prática. Acho que todo mundo todo dia tem a oportunidade de ser uma pessoa melhor ou praticar o bem para o outro ou para ele mesmo, para onde ele vive. Então, se dá oportunidade de colocar na sua vida o que você aprende aqui dentro* (entrevista, Marta Silva).

Revelou-se que viver o Karate tem relação com o modo pelo qual o sujeito enxerga o mundo, uma vez que sua percepção encararia o mundo vivido no dojo como algo não desconectado do universo fora dele, isto é, o comportamento e as ações dentro e fora do dojo seriam reproduzidas de forma natural e indiferente do espaço.

> *Eu particularmente não raciocino mais para fazer a coisa certa ou para me controlar quando fiquei nervosa com alguma coisa, simplesmente acontece, mas são muitos anos de prática, são 15 anos de prática, para você não titubear numa situação que você podia esquecer o que você fez aqui e fazer uma coisa errada lá fora* (entrevista oral, Marta Silva).

A naturalização demonstrada na descrição de Marta reforça a ideia de que o praticante vai se moldando com o tempo, visto que transforma-se num corpo que cada vez mais se expressa de uma maneira natural, pois é atravessado pelo passado.

> *A oportunidade está na sua mão, de fazer o certo ou o errado, é se dar a oportunidade de fazer o certo, porque você sabe, você concordou com isso, o lema do Karate te diz isso e para falar que é um karateca você não pode ser uma pessoa ruim lá fora ou um mau elemento, um mal caráter, enfim. Se dar a oportunidade, mas em tudo na vida: em casa, no trabalho, no trânsito, com quem você não conhece, [...] enfim, é pegar a oportunidade e não desperdiçar* (entrevista oral, Marta Silva).

Dito isto, constatou-se nos comentários de Marta seu esforço de não diferenciar seu comportamento no dojo e fora dele, na medida em que observa sob o fazer "*o certo ou o errado*" oportunidades de praticar o que aprendeu dentro do dojo através dos valores e condutas do Karate. Neste contexto, Pedro Andrade acredita que o Karate é quem vive para ele, posto que no processo de experiência do Karate, o praticante vai passando por uma espécie de "seleção natural", isto é, a modalidade acaba sendo ela um filtro com o passar do tempo, aonde selecionará quem "suportar" ou "se der bem" com os treinamentos, uma vez que:

> *Eu acho que o Karate que vive para mim. Eu costumo dizer que não é você que gosta de Karate, é o Karate que tem que gostar de você. No meu caso, eu acho que ele se apaixonou por mim, por isso eu estou até hoje, há 30 anos, 32 anos, fiz há seis dias atrás 32 anos de Karate. Vejo que aprendo todos os dias com meu aluno, meu aluno aprende comigo, e tenho que estar atualizado todo dia* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Neste contexto, Pedro identifica no modo pelo qual vive o Karate um sentimento de amor. Tal pensamento tem aproximação com o exposto por Paulo Henrique em capítulo anterior, uma vez que argumenta sobre a persistência – treinar frequentemente – o que colaboraria para o ganho da "simpatia" de hipotéticos deuses ou universo, isto é, o Karate apaixonado por Pedro seria para Paulo o resultado da simpatia dos deuses ou universo se sensibilizando pela determinação do karateca. Pedro também dissertou que vive o Karate em várias instâncias, tendo em vista que se atualiza acompanhando as mudanças estruturais da modalidade, bem como contextualiza com o tempo.

> *O Karate evolui muito rapidamente em todos os sentidos, não é só competitivo não, todos os dias. Então para viver algo, você tem que estar sabendo de tudo a todo instante, é você estar bem informado na política, na saúde, na segurança, você estar bem informado das coisas que estão acontecendo ao seu redor* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Deste modo, viver o Karate para Pedro está relacionado com a capacidade de se atualizar as mudanças. Por sua vez, Adriano Costa vive o Karate com diferentes significados ao longo da vida. Neste pensamento, o Karate acaba por auxiliar Adriano em diversos fatores:

> *O Karate cada época da vida teve um significado né! Então, eu diria que o Karate, ele consegue te dar autoconfiança quando você é jovem. Ele consegue ajudar você no estresse quando você é adulto. Então você ganha muito mais capacidade de enfrentar diversidade sem se alterar. Consegue encarar os problemas como problemas e não transformá-los em crises pessoais de vitória ou derrota. Então os problemas são problemas. [...] Então o corpo fica mais saudável, você consegue viver muitas vezes sem remédios e sem essa necessidade de estar com o corpo doente, não necessidade, essas ocasiões em que o corpo fica mais doente porque está tudo misturado* (entrevista oral, Adriano Costa).

Adriano acabou por descrever em sua resposta sobre como vive o Karate com vários benefícios desta prática, considerando de forma integrada corpo, mente e espírito. Neste contexto, Adriano vive o Karate, na medida em que acredita que esta modalidade o conduz para a superação de problemas, assim como ajuda "*a se tornar um ser humano melhor*", por causa dos efeitos que a prática do Karate acaba por oferecer. Estes efeitos estariam no campo do comportamento, já que diminuiria, por exemplo, a agressividade, a ansiedade, dentre outros.

Por outro lado, Francisco Oliveira vive o Karate percebendo várias implicações em seu dia a dia a partir dos treinamentos, uma vez que o ajuda a trazê-lo para o presente, ao mesmo tempo que o acalma, traz mais assertividade, no sentido de se colocar no lugar do outro.

> *Eu vejo o Karate em algumas dimensões assim na minha vida. Primeiro, eu acho que a percepção do mundo. Eu acho que o Karate me ajuda muito a estar presente no meu dia a dia e manter a calma – me estabilizar num centro real, assim. Questão de relacionamentos eu acho que o Karate, ele acaba trazendo mais assertividade, mais presença em mim para poder olhar para o outro. Eu acho que isso é muito forte para mim, pelo menos. E eu acho que, eu acredito e eu vivo isso como um... O Karate como um espelho da vida* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Neste contexto, viver o Karate, segundo Francisco, é usufruir dos efeitos causados pelo treinamento de Karate, dado que o convida a estar no presente. Deste modo, o Karate o deixaria diferente de quando entrou no dojo, isto é, causaria transformações, conduzindo-o para estados emocionais agradáveis e centrados no presente.

> *Muitas das coisas que eu vivo fora, acabam se refletindo aqui e eu acabo trabalhando quase como uma terapia aqui dentro. Isso acaba me enriquecendo internamente em várias situações, em várias questões da minha vida. Então, sei lá, se eu estou ansioso eu acabo ficando, trazendo, ficando ansioso na aula e de alguma forma eu trabalho isso na aula e saio daqui menos ansioso, neste sentido. E o Karate para mim ele é uma arte muito meditativa. Então alguns estados que a gente presencia no treino, na aula, em alguns momentos surgem durante o dia a dia, assim, as percepções internas, algumas coisas vão amadurecendo. Então, assim, o Karate e minha vida hoje é uma coisa só* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Assim, através desta "*arte meditativa*", interpretada por Francisco, o praticante de Karate condicionaria sua vida a certo amadurecimento pessoal. Neste contexto, o treinamento do Karate ou mesmo a forma de viver o Karate direcionaria o praticante a se ater ao presente e, ao mesmo tempo, distanciaria a ansiedade do futuro e a uma inclinação ao passado. Compreende-se por meio da descrição de Francisco que sua vivência junto ao Karate possibilita um olhar mais atento sobre sua própria realidade, tendo em vista que a prática ao trazê-lo para o presente ao mesmo tempo fortalece "*o espírito de viver, o espírito de luta, o espírito até de compaixão*", comentou Francisco. Neste pensamento, o Karate ou "*prática meditativa*" como mencionada por Francisco,

também ajudaria na aproximação com a comunidade, isto é, colabora para um bem-estar em comum, respeito com o próximo.

> *Acho que toda a questão de comunidade do Karate acaba trazendo do Karate um acolhimento muito forte das pessoas que estão aqui e de alguma forma você aprende a respeitar a comunidade. Acho que é um valor bem perdido, assim para nossa sociedade. Esse respeito da hierarquia e toda essa estruturação, acho que é politicamente [...] mas na verdade o Karate, ele não traz isso de uma forma bélica, tão bélica. Mas de uma forma de cuidado com o próximo do que qualquer outra coisa* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Entende-se que o Karate possui a questão de hierarquia (níveis, mestre-discípulo, separação de faixas, *senpai-kohai*) e uma origem histórica enraizada no bélico, no entanto a relação entre os praticantes, segundo Francisco, comumente é amigável, na medida em que a condução do mestre e a interação dos karatecas é enlaçada a uma série de condutas e normas (dojo kun, niju kun, valores do budo e bushido, dentre outros) (OLIVEIRA; ZIMMERMANN, 2019). Neste universo, o Karate com seu aspecto meditativo e de busca pelo autoconhecimento ajudaria, segundo Francisco, a "*perceber os problemas de forma clara e direta*", isto é:

> *Eu não digo de esquecer dos problemas, eu acho que não é exatamente de esquecer os problemas, mas conseguir perceber eles de forma clara e direta. Para mim, pelo menos, a meditação ela não transforma você, a meditação te dá ferramentas de clareza para você se autotransformar. Então, a meditação para mim, ela acaba sendo uma visão externa, uma prática de afastamento de uma visão interna sua, como se você estivesse olhando para você, como se você estivesse olhando de fora para dentro. É uma prática de consciência de entre aspas de elevar a consciência num ponto de observador. Eu acho que esta é a parte mais difícil. Você observar sem necessariamente colocar alguma intenção ou manipular aquela coisa que está acontecendo. Para mim o Karate, ele é a prática disso. Um frente-a-frente, por exemplo, fica óbvio que se você não estiver presente, você vai tomar o golpe. Então, é uma coisa mais neste sentido, no sentido do Karate* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Deste modo, revelou-se a partir da descrição de Francisco que o Karate pode servir para trazer ao praticante seu presente temporal, no sentido de que a prática do Karate agiria como uma espécie de terapia momentânea, ajudando na resolução de problemas, ao mesmo tempo em que traria maturidade, alcançada ao longo do tempo de treinamento.

As descrições, de modo geral, apontam para o *ethos* do Karateca, isto é,

características e códigos de comportamento, especialmente inclinados para uma figura mítica de guerreiro.

3.9 MOTIVAÇÕES PARA O TREINAMENTO E CONSELHOS PARA UM INICIANTE

A identificação das motivações que levam pessoas a se matricularem numa escola de Karate ou mesmo a permanecerem neste campo gera muitas discussões, tendo em vista que existem diversos fatores que interferem nestas escolhas. Podemos identificar alguns elementos interessantes entre os participantes desta pesquisa. Paulo Henrique ressalta que a principal motivação que o leva a treinar Karate é a sensação de derrota associada ao fato da possibilidade de não vir treinar, isto é, "*não vir é uma derrota, significa que eu perdi – perdi pra mim. Então o que me motiva é querer não perder para mim. Eu não quero perder*", identificou Paulo. Nesta conjuntura, "*eu posso estar cansado, eu posso estar doente, machucado, eu venho treinar. Do jeito que for, mas eu venho. O sensei é igual, então eu aprendi isso com ele.*", complementou Paulo. Deste modo, compreende-se que há uma espécie de "briga interna" em que ele diz para si que deve faltar ao treino, pois caso não vá será uma derrota imperdoável para sua consciência. Na sequência, Paulo comentou sobre um episódio no qual precisou lidar com a possibilidade de faltar ao treino em função de uma fratura no pé.

> *Falei sensei desculpa machuquei quebrei o pé, tá assim. Ele falou "tá bom, mas você vai treinar né?" Aí eu falei "Claro!". Claaaaaro! (risos). Depois que ele falou desse jeito. Claaaaro! Por isso que eu estou aqui. É obvio. Eu fui treinar, entendeu? Então, tipo, é pra gente, no caso que eu sou profissional. Faça chuva ou faça sol, com dor, sem dor, quebrado, doente, você vem treinar, entendeu? Por que é sua luta com você. Então eu não posso perder pra mim. Eu tenho que avançar* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Reflete-se que a relação entre Paulo e seu mestre é muito próxima, na medida em que a autoridade e o sentimento de respeito para com o sensei acabam por nortear até mesmo suas escolhas de ficar no treino, mesmo machucado. O pensamento de determinação, isto é, de avançar indiferente das dificuldades, muitas vezes, é sintonizada com elementos encontrados no Karate como, por exemplo, a palavra "Oss" – mencionada anteriormente – um termo comumente utilizado por praticantes de Karate que possui o significado de "pressionar" e "suportar" (SHOTOKAN, 2019). Também é

comum a menção deste "espírito" combativo tanto em registros sobre o Budo quanto do Bushido.

De acordo com Silvia Martins, o fato de acordar cedo para ir treinar e depois sentir uma sensação de bem estar depois do treino acaba por ser sua principal motivação. "*É um desafio acordar às 6 da manhã para vir treinar. Começa o desafio aí. Mas que é muito bom também. Depois que você sai, você sai muito bem do treino*", descreveu Silvia. Esta karateca também apontou que encara os treinos como um "*desafio pessoal*", na medida em que cada aula é difícil de fazer e isso também seria elemento para motivá-la.

Destaca-se que o treinamento de Karate é difícil, mas isso pode ser motivo para permanecer no caminho, uma vez que "*estar se desafiando*", assim como apontou Silvia, é um importante fator estimulante. A descrição de Adriano sobre motivação no Karate repousa-se sobre a ideia de um costume, visto que treinar é próximo a ideia de hábito, em que o sujeito não mais se questiona, simplesmente executa.

> *Para mim é que nem escovar os dentes. Você não discute se você vai escovar os dentes – escova os dentes. Eu venho treinar. Eu não fico pensando "tenho que vir treinar ou não?" – eu venho treinar. É um negócio que eu faço a 46 anos sem ficar discutindo: "ah se eu vou, se eu não vou". "Se eu estou doente, se eu estou cansado" – não tem isso daí. Você não discute para escovar o dente – você faz isso todo dia. Então está bom. Não tem que ficar pensando* (entrevista oral, Adriano Costa).

Constatou-se que para Adriano ir treinar Karate virou um hábito, observa-se sua disposição em ir ao dojo indiferente do que aconteça em seu dia, de forma que a pergunta "se vou treinar hoje ou não?" acaba não tendo sentido. Já para Pedro Andrade, sua motivação para treinar Karate se divide em dois focos: uma profissional e outra associada a "paz de espírito".

> *Como dou aula, eu preciso estar bem físico, técnica e taticamente. Como dou seminários no mundo inteiro, também, como eu sou técnico da seleção brasileira, quando tem número ímpar, eu entro para treinar para dar número par. [...] Mas o que me traz para treinar, vou ser muito franco, me traz uma tranquilidade, uma paz de espírito que não tem nada que conseguiu suprir como o Karate. Embora seja a minha profissão, se eu ficar dois dias sem treinar, eu me sinto mal* (entrevista oral, Pedro Andrade).

Pedro compreende que existem duas forças que o arrasta para o Karate e que

possibilita se manter no caminho: a primeira relacionada ao profissional age de maneira compromissada, pois devido as suas funções como professor e técnico o conduz a estar sempre se preparando, programando aulas, viajando; a segunda é relacionada ao prazer de estar neste meio, uma vez que traz tranquilidade e "paz de espírito". Já para Francisco Oliveira, sua principal motivação repousa-se sobre o fato de após o treino se sentir energizado e revigorado.

> *Para mim a motivação é que eu sei que eu vou sair daqui mais energizado e mais revigorado do que eu entrei. [...] Então para mim é isso, eu sei que mesmo que eu acorde me arrastando, mesmo que eu esteja bastante cansado, não tenha dormido na noite anterior, eu sei que eu venho para cá e saio mais presente, mais energizado, mais vontade de participar do meu dia, meio neste sentido* (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Francisco ressalta que embora aconteça de ter dificuldades para acordar cedo ou por algum motivo esteja cansado, procura vencer isso e ir para o treino, pois, segundo ele, será recompensado. Seu pensamento tem relação com o estado de "verdadeira presença de espírito" teorizado por Herrigel (2006), evidenciando um estado de imersão total que resultaria em um desprendimento temporal do passado e do futuro, condicionando para o presente.

Assim, em meio a esse momento de completa "presença de espírito não distraída por nenhuma intenção" (HERRIGEL, 2006, p. 48), o praticante se percebe mais no presente, na medida em que este presente é assegurado por meio do exercício de uma prática atraente. Adriano Costa também menciona em entrevista acerca da "paz de espírito", uma vez que relaciona com a busca pela tranquilidade e do estar bem consigo mesmo. Na percepção de Marta Silva a motivação se resumiria a enxergar o Karate como completo, dado que possui uma infinidade de assuntos, informações, conhecimento e benefícios.

> *Sempre gostei de esporte, de maneira geral, mas o Karate é completo para mim, eu vejo como um esporte completo, então não é só fisicamente, "eu venho aqui transpiro, vou perder peso, é legal para caramba, vou ficar forte". Isso é legal, com certeza você vai ter se você vier treinar, mas o ambiente o respeito, a maneira como as pessoas se tratam dentro do tatame, a relação com o sensei, a filosofia de vida. Tem vezes que a gente tá numa aula e começa a conversa sobre alguma coisa teórica do Karate e quando a gente vê, passou 30 minutos. É a infinidade de assuntos e informações e*

> *conhecimento e benefícios que o Karate traz. Acho que é basicamente isso* (entrevista oral, Marta Silva).

Neste sentido, Marta descreve detalhadamente elementos que a influenciaram a treinar Karate, tendo em vista que aponta que sempre gostou de esporte e que o treino lhe traz boas relações entre os participantes, bem como identificou o respeito e a filosofia de vida no Karate como fundamentais. Segundo Rodrigo Silveira, sua motivação está direcionada para "*evoluir cada vez mais. E quem sabe chegar perto dos faixas pretas, conhecimento deles, da prática deles*", na medida em que progride nos treinamentos e adquire maturidade para compreender o caminho do Karate.

Já para Martina Escobar sua principal motivação para treinar Karate se resume em gostar muito de praticá-la, visto que "*porque eu gosto muito, apesar de às vezes passarmos por algumas situações aqui que às vezes a gente sai chorando, porque não deu certo, ou com raiva, porque não conseguiu fazer alguma coisa...*", apontou Martina. Neste contexto, Martina também compreende que "*é sempre um aprendizado, acho que por mais que a gente apanhe, entre aspas (ri), é sempre um aprendizado*".

Para Francisco Oliveira sua decisão para praticar Karate partiu da necessidade de diminuir sua ansiedade e agressividade. Adriano Costa aponta que o Karate pode trazer benefícios tanto para crianças quanto para adultos. Segundo ele, o Karate é muito bem indicado para casos de crianças com hiperagressividade e/ou hipertimidez. Durante a entrevista Adriano, também, defendeu que para os adultos os treinos podem ajudar a combater o sedentarismo, o estresse e a depressão.

Em uma outra perspectiva, Pedro Andrade fez algumas associações com os lemas do Karate (Dojo Kun) durante sua entrevista. Segundo esse entrevistado, com a prática do Karate há o fenômeno da transformação moral do sujeito a partir da atividade física, na medida em que transforma a agressividade interna e canaliza com respeito, "*a pessoa vai ter controle – não será agressiva com os outros [...] o caráter está o tempo todo sendo trabalhado – tenho que controlar a minha agressividade senão machuco*", exemplifica Pedro. Marta Silva complementa que dentro do processo de treinamento há uma pessoa sendo elaborada, nesse pensamento, segundo ela:

> *Ter caráter, seguir a razão, que não é simplesmente a razão versus coração, mas a razão do que é certo; respeito, controlar a sua agressividade – isso faz todo sentido para dentro do tatame e para fora do tatame, com família, amigos, com quem você não conhece, com a sua cidade* (entrevista oral, Marta Silva).

Independente das motivações que levam o praticante a buscar o Karate, os momentos mais marcantes na experiência é o início da prática, dado que não é uma modalidade tão fácil, pois como mencionado anteriormente, segundo Marta Silva (entrevistada) "*o Karate é muito seletivo [...] não é você que escolhe o Karate, é o Karate que te escolhe*". Neste contexto, compreendemos que os exercícios do Karate necessitam de um grande esforço do praticante para sua incorporação, visto que com o passar do tempo o karateca vai assimilando as técnicas, bem como a dinâmica de grupo, os códigos de conduta, a filosofia de sua escola de Karate.

Dito isto, que conselhos seriam mais apropriados para um iniciante no Karate? Paulo comenta que a rotina de treinamento é muito importante desde o contato inicial com a prática, em suas palavras:

> *A minha recomendação é: treina. Só treina. Não adianta eu falar nada. Você tem que treinar. Tudo que você vai aprender é treinar. Então nada do que eu disser vai fazer efeito. [...] Continua, só continua. O importante é treinar e não parar, é só isso* (entrevista oral, Paulo Henrique).

Evidencia-se que a prática do Karate é fundamental para o aprendizado do karateca, na medida em que Paulo identifica que é através da experiência prática que o karateca irá compreender o Karate. Silvia Martinsaconselha ao iniciado no Karate o seguinte:

> *Acho que eu diria a mesma coisa que o sensei sempre fala todo fim de exame de faixa que é para continuar. Acho que é basicamente isso. Eu acho que o Karate é continuidade, é insistência, é isso. Continuar, treinar (risos). Acho que é isso ai. [...] Acho que isso é o mais importante na verdade. O resto a pessoa vai descobrindo se ela continuar* (entrevista oral, Silvia Martins).

Neste caso, Silvia ressaltou a importância de se manter no caminho, tendo em vista que o Karate é continuidade, isto é, necessita de frequência e insistência por parte do praticante. Na mesma linha, Adriano Costa é categórico "*treina e descobre! Treina e descobre. É um mundo lindo. Vai explorar*", na medida em que a prática do Karate é um universo vasto, repleto de significados que trazem ao praticante novas compreensões ao longo de sua prática. Acompanhando argumentos similares Francisco Oliveira recomendaria ao iniciante no Karate:

> Q*ue não pare de treinar. Eu acho que nesse caminho tudo o mais difícil é a continuidade, é a perseverança nos caminhos mais difíceis*", uma vez que "*vão ter momentos que você vai encarar sempre aquilo que você não gosta em si mesmo, exige muita coração e disciplina para se manter no caminho, o importante é o treino, não perder o contato com a prática*" (entrevista oral, Francisco Oliveira).

Assim, a frequência nos treinamentos é para Francisco elemento fundamental para progredir no Karate, assim como ressaltou Paulo e Adriano. Já Marta Silva informaria a uma pessoal iniciante que a prática do Karate requer o cumprimento de etapas e que elas não são fáceis.

> *Se ela entender que não é fácil, se ela compreender que existem etapas para aprender tudo o que você tem para aprender e que você precisa entender o seu corpo e sua mente, você precisa se identificar com a filosofia do Karate... isso requer um pouco de paciência ... tem que ter paciência para entender essa magia do Karate e não vir aqui simplesmente para transpirar* (entrevista oral, Marta Silva).

Marta ressalta que é preciso ter paciência para colher os frutos que virão ao se treinar Karate, uma vez que precisa-se de um longo período para o amadurecimento do karateca. Rodrigo Silveira acrescenta que é preciso "*não parar nunca*", tendo em vista que "*é algo que se você insistir um pouco, você nunca vai desistir. Você vai querer sempre isso para você*". Da mesma forma Martina Escobar aconselharia um praticante recém-iniciado a:

> *Não parar nunca [...] o aproveitamento vem muito com a maturidade, com o crescimento, pelo menos no meu caso foi assim. O meu aproveitamento veio total com a minha maturidade... com o treinamento do dia a dia... o Karate é muito mais que físico* (entrevista oral, Martina Escobar).

Martina tece seu comentário apontando a maturidade que naturalmente é obtida com o tempo de treino. Tal indagação nos permite ir além da experiência que o praticante adquire no decorrer do seu caminho no Karate, tendo em vista que com o passar do tempo de treinamento a atenção gasta na incorporação da técnica dará lugar a outras atenções, isto é, o que antes era difícil passará a ser mais fácil. Neste contexto, dará vazão para a contemplação de outros fenômenos (busca do autoconhecimento, por exemplo), uma vez que "com o passar do tempo, conseguimos nos insensibilizar para

estímulos fortes e deles nos desprender com maior facilidade e rapidez" (HERRIGEL, 2006, p. 46).

Neste contexto, Pedro Andrade recomendaria a um iniciante no Karate ter preocupação com a formação técnica do professor que irá ensiná-lo, uma vez que o mestre de Karate precisa ser qualificado não somente por uma federação esportiva, mas também ser graduado em educação física.

> *Primeiro procurar saber do histórico do professor que vai dar aula para ela. Se tem formação em educação física, para mim isso é primordial, até por conhecer o corpo de forma global. Segundo, saber o histórico técnico, quem foi, com quem treinou, onde formou, se está vinculado a uma instituição séria ou não, se é um ex-praticante que virou professor e não tem nenhuma referência. Eu acho que esse é o primeiro ponto* (entrevista oral, Pedro Andrade).

A preocupação de Pedro sobre o fato de mestres de Karate não possuírem formação em educação física é compreensível, na medida em que há vários estudos que apontam para esta necessidade (OLIVEIRA; SANTOS, 2017; OLIVEIRA; SANTOS; ZIMMERMANN, 2017; OLIVEIRA; SONODA-NUNES, 2019; SOUZA JUNIOR; DOS SANTOS, 2010). No entanto, não há uma lei atualmente que obrigue instrutores de Karate a ter um registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF), uma vez que o "CREF não pode exigir registro nos seus arquivos, fiscalizar e ou cobrar quaisquer valores de entidades de artes marciais e de seus praticantes" (PIRÔPO, 2018, p. 1).

Deste modo, de maneira geral, concluímos que a experiência ou o tempo de treinamento, bem como a repetição dos exercícios serão fundamentais para o melhor aproveitamento do iniciante no Karate. Neste pensamento, em meio a esse processo de ensino-aprendizagem, o praticante novato também precisa levar em consideração que o Karate não se limita a um fenômeno cultural japonês, pois ele é oriundo de um resultado maior que envolve várias matrizes culturais (FROSI; MAZO, 2011), portanto, essa prática vai além do treinamento físico.

Complementando o que a maioria dos entrevistados relatou sobre persistir no treinamento, o praticante precisará se permitir, no sentido de se entregar no treinamento de modo a saboreá-lo – uma vasta experiência fará com que ele se sinta parte de um todo, o que contribuirá com a sua permanência (OLIVEIRA; ZIMMERMANN, 2019). Por outro lado, também se espera do mestre certo grau de comprometimento nesse

processo, dada a sua importante imagem no cenário do Karate.

> Torna-se importante para o educador perceber esta *solicitude* na esfera educacional na qual está inserido *com-o-outro* (educando), respeitando suas experiências e compreendendo-o como *ser em construção*, portanto, *sendo-com-os-outros-ao-mundo* (LAGE; GONÇALVES JUNIOR; NAGAMINE, 2007, p. 15).

Essa compreensão da importância do papel do mestre no ensino-aprendizagem do discípulo também é afirmada nos estudos de Zucchi (2019). Outra questão a se pensar, visando motivar a permanência de novos alunos, seria a urgência de se problematizar questões de gênero. Nesta esteira, descontruir estereótipos, sobretudo aqueles que alimentam o machismo, se faz necessário, sobretudo em se tratando da formação de jovens um mundo civilizado (LAGE, 2009).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível identificar alguns dos principais elementos que caracterizam o universo do Karate, tendo em vista que as narrativas dos entrevistados nos trouxeram ricas contribuições acerca da busca da essência dessa modalidade. A percepção dos praticantes permitiu o acesso a valores, condutas, rituais, tradições, comportamentos, interações, percepções, sentimentos e significados.

Verificou-se por meio das descrições dos karatecas entrevistados um campo complexo e diversificado, dado que a percepção e compreensão dos mestres e alunos experientes convergiram para a seleção dos elementos a serem explorados no texto. Neste universo, observou-se aproximações e distanciamentos em seus depoimentos, na medida em que foram aparecendo discursos que conversavam entre si e outros que se apresentavam em oposição.

Deste modo, o desenvolvimento do trabalho ajudou a responder sobre as manifestações desta prática no âmbito da percepção: corporal, espacial e temporal dos praticantes. As narrativas dos entrevistados apontaram como importantes três momentos interligados: antes, durante e depois do treinamento. Evidencia-se, por exemplo, que a preparação para o treino do Karate apresenta-se de forma fundamental para que o karateca possa se sentir preparado às rotinas de treinamento, uma vez que este momento caracteriza-se por apresentar diversos rituais e significados.

Sobre esse período, considera-se: o preparo do dogi; o ato de vesti-lo e amarrar a faixa; o cumprimento entre os pares na chegada ou no vestiário do dojo; o ritual de retirar e guardar o calçado para subir no tatame; a cortesia ao subir as escadas ou o ato de abrir a porta do dojo para uma pessoa mais experiente; o modo de olhar e acenar com a mão do *kohai* (menos graduado), cedendo à frente para o mais graduado (*senpai*); a disposição, ordenamento e alinhamento dos praticantes para o momento da saudação inicial e pronunciamento do dojo kun, juntamente com o momento meditativo do mokuso. Estes momentos do Karate ressaltam alguns rituais, normas de conduta e tradição.

Já com relação ao período do treino propriamente dito, revela-se que há dois limites bem definidos, ou seja, o primeiro quando se coloca o dogi para treinar e o segundo quando se retira para ir embora. A repetição é pensada como foco principal, o que ajudaria a desenvolver o “espírito de luta”. A busca pela “paz de espírito” foi uma das descrições em meio ao processo de treinamento, bem como a procura por estar

“presente”, isto é, sob um estado de completa imersão na prática, uma vez que “*estar presente e estar acordado é quase um superpoder*”, conforme abordado por Paulo Henrique.

Com relação ao período após o treinamento observou-se sentimentos de bem-estar. Neste contexto, a questão referente a experiência do treinamento considera-se importante, pois verificou-se através das narrativas transformações provenientes da prática – o longo período de treinamento transforma o corpo, lapida a técnica e conduz o praticante para uma maturidade pessoal sob um presente que conserva o passado imediato.

Em “A tradição no Karate: rotinas e rituais” compreende-se que o espaço do dojo possui diversos rituais, na medida em que são apresentados durante os procedimentos de saudação e relação entre os karatecas reverências, normas de etiqueta que se assemelham a outras artes marciais japonesas. Revela-se os rituais conforme o treino vai acontecendo como, por exemplo, a reverência à imagem do mestre já falecido, assemelhando-se ao costume xintoísta de venerar os antepassados. Também evidencia-se nas tradições, sobretudo em termos utilizados costumeiramente como a palavra “Osu”, um valor que aproxima o grupo praticante criando identidade, fazendo parte do *ethos* do karateca, em diferentes escolas de Karate espalhadas pelo mundo.

Já em “O treino: repetição e permanência” descreve-se os sentidos, os processos e significados a partir da separação temporal do treino, isto é, o antes, durante e depois do período de treinamento. O ritual para vestir o dogi, bem como este tempo que antecede o treinamento é carregado de significados ao praticante, podendo ser interpretado como a realização de uma passagem para outra dimensão. Considera-se que para entrar no dojo são exercitados várias normas, isto é, inclina-se o tronco para se entrar nesse espaço, bem como retira-se os calçados, cumprimenta-se os pares. Concluiu-se que a repetição dos movimentos condicionaria o praticante não somente à busca pela perfeição, mas também na busca pelo autoconhecimento.

O capítulo “Os significado do dogi e do dojo” observou-se que o dogi carrega consigo elementos que ajudariam a organizar o treino, na medida em que sua cor padrão favoreceria na visualização em situações de referência em frente ao espelho, por exemplo. Compreende-se que o dojo provoca no praticante uma sensação de vigilância – isso ao mesmo tempo motivaria a se manter “firme”, em especial suportando os treinamentos exaustivos. Também, assim como constatado nos estudos de Gondim (2017), é um espaço sem fronteiras e sem muros, tendo em vista suas particularidades

em promover vivências e aprendizagens, aproximando praticantes de diferentes culturas. Nessa perspectiva, podemos concluir, em concordância com Gondim (2017) que mesmo que as artes marciais japonesas possuam uma linguagem particular, isto é, um sistema base de ensino e técnicas padrões, as mesmas sofrem influências e adaptações culturais.

Revela-se que o dojo pode ser considerado um "templo" ou um lugar "sagrado", dado que desperta no praticante um compromisso profundo perante a prática ali proposta. Evidencia-se que esse local de treinamento acaba sendo um refúgio para diversos praticantes, pois pode amenizar o estresse e problemas do dia a dia.

Em "Os lemas no Karate" aponta-se que o praticante deve utilizar o dojo kun em seu dia a dia. Valores e normas de conduta presentes nos diversos lemas do Karate são referências para praticantes. Observou-se que o respeito para com o outro se faz necessário, bem como se esforçar no treinamento – esse comportamento serviria também para que outros praticantes, companheiros mais novos (*kohais*), se espelhassem, assim motivando o grupo em geral. Considera-se que a utilização de lemas, não está somente no meio do Karate, tendo em vista que existem na cultura japonesa outros lemas que são utilizados, por exemplo, por empresas e industrias, possuindo seus próprios lemas (ou *kakun*).

No capítulo "Karate tradicional e Karate esportivo: aproximações e distanciamentos", destaca-se a discussão acerca de possibilidades e questionamentos acerca da proximidade com o universo esportivo. Evidencia-se que o processo de esportivização que o Karate sofreu ao longo do tempo atraiu novos praticantes, entretanto fez nascer grupos que desaprovam novas mudanças (OLIVEIRA; ENYA; RUBIO, 2019). Alguns grupos sugerem que a competição descaracterizaria a arte marcial, uma vez que o objetivo de vencer a si mesmo (pensamento do budo) se voltaria para vencer o outro. O tema é bastante controverso, mas de maneira geral, entende-se que o Karate tradicional não dependeria do esportivo, porém o esportivo dependeria do tradicional, pois é a partir dele que se constituiria e se legitimaria como tal.

Em "Relação mestre-discípulo" contribuiu-se a percepção da relação e seus desdobramentos para o aprendizado do Karate. Revela-se que no ato de ensinar, ambos os envolvidos (mestre-discípulo) vão experimentando sensações, isto é, o entendimento da arte trabalhada vai se acentuando. A vida também é tema nessa relação, tendo em vista que essa arte (ou Karate) acaba sendo um meio para se compreender a vida. Aponta-se que a figura/imagem do mestre é equivalente ou até maior, substancialmente,

que a de um pai, pois o mestre transportaria o discípulo a um hipotético patamar elevado ou sacro (GIRALDES, 2011).

No capítulo “Karate e o autoconhecimento” descreve-se a percepção do karateca frente a busca pelo sentido da prática. Revela-se que com o treinamento de longo prazo e a experiência adquirida, o praticante acaba por enxergar no sentido da prática o autoconhecimento. Evidencia-se que conforme vai se rompendo os limites do próprio corpo, no sentido da exaustão física, o karateca se vê constantemente desafiado e mais confiante de sua técnica. O crescimento “espiritual” vai se acentuando, tendo em vista que o tempo avança e as marcas da experiência vão se cristalizando no corpo do praticante. A ideia de “presença” emerge nesse contexto como um estado também buscado pelo karateca, uma vez que quanto mais imerso na prática, isto é, envolvido com o exercício, mais presente o praticante estará e, assim, mais perto do autoconhecimento.

Em “O que é ser karateca?” contribuiu-se para a apresentação do entendimento do que seria o karateca. Verificou-se que o arquétipo do guerreiro é presente, isto é, se deseja que o praticante incline-se a aspectos de aguerrido, valente e que seja dotado de comportamentos éticos e morais em acordo com as virtudes de um guerreiro (muitas vezes apoiado na imagem do samurai). Portanto, ser cortês, gentil e sobretudo demonstrar atitudes “desinteressadas”, no sentido de não ter segundas intenções, se aproxima da imagem do guerreiro-karateca desejada.

No capítulo “Motivações para o treinamento e conselhos para um iniciante” compreende-se que há complexidade para se definir com exatidão o que leva a aumentar o número de matriculados em escolas de Karate e, mais ainda, o que contribui com a sua manutenção na permanência nessa escola. Evidencia-se que a sensação de bem-estar e “paz de espírito” causadas após o treinamento favorece ao retorno do praticante a escola de Karate. Aponta-se que a ideia do hábito de ir treinar Karate, no sentido de que não se precisa mais relutar para ir ao local de treinamento, torna-se outra importante variável a considerar. O efeito dos treinos, bem como o espaço de treinamento também contribuem para a compreensão de que o Karate energiza e revigora, fazendo com que o karateca regresse ao dojo e tenha o entendimento de evolução pessoal.

Conclui-se que poderiam ser feitas ainda outras análises sobre o fenômeno do Karate, na medida em que explorar aspectos relacionados as percepções de deslumbramento do karateca frente ao esporte, apontando aspectos que chamariam a atenção (estética, explosão dos movimentos e rituais), possivelmente poderiam

contribuir com esta pesquisa. Por outro lado, como possibilidades futuras de trabalho, podemos direcionar pesquisas na direção das percepções do karateca durante a execução dos *katas* (formas) ou mesmo durante os combates/lutas (no dojo ou em campeonatos), a fim de compreender ainda mais as essências do Karate enquanto fenômeno.

REFERÊNCIAS

AIRES, Hannah; **As competições de karate-do: perspectivas à formação e educação de crianças e jovens**. 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [s. l.], 2015.

AIRES, Hannah; et al. A introdução do Karate-Dõ Shotokan no Rio Grande do Sul: memórias do sensei Watanabe. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 118–128, 2017.

ANDRAUS, Mariana Baruco Machado. **A poesia da luta: um olhar voltado para a gestualidade do estilo de gong fu louva-a-deus como estímulo para uma criação coreográfica**. 2004. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [s. l.], 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000324324>

ANDRAUS, Mariana Baruco Machado. **Dança e arte marcial em diálogo: um estudo sobre o sistema de gongfu louva a deus e o ensino de improvisação em dança**. 2012. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [s. l.], 2012.

ANTUNES, Marcelo Moreira. Eric Hobsbawm: a invenção das tradições. In: **Reflexões sobre corpo, esporte e sociedade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

ARAKAKI, Erica Hitomi; OLIVEIRA, Marcelo Alberto De;; RUBIO, Katia. **A construção geopolítica do Karate: de Okinawa aos Jogos Olímpicos**II Simpósio de Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP, , 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/342155698_A_construcao_geopolitica_do_Karate_de_Okinawa_aos_Jogos_Olimpicos_The_geopolitical_construction_of_Karate_from_Okinawa_to_the_Olympic_Games>

ARAKAKI, Hélio. **Sensei: a jornada espiritual**. 1. ed. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 2017.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes;; MASSIMI, Marina. A Moralidade e a Atitude Mental no karate-do no Pensamento de Gichin Funakoshi. **Revista Memorandum**, Belo Horizonte, Minas Gerais, n. 2, p. 39–54, 2002.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. **O sentido do Karate-Do: faces históricas, psicologicas e fenomenológicas**. 1. ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

BARTOLO, Paulo. **Karate-Do, História Geral e no Brasil**. 2ª Edição ed. Santos, São Paulo: Bueno Editora, 2014.

BRASIL, Karate Do. **Organização do Karate mundial**. 2018. Disponível em: <https://karatedobrasil.org.br/>. Acesso em: 31 out. 2018.

BRITO, Quise Gonçalves;; GUSHIKEN, Yuji. Animê: o mercado de animações japonesas. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, Cuiabá, p. 1–15, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0378-1.pdf>

BUTOKU-KAN, Academia. **Sobre nosso estilo de Karate**. 2019. Disponível em: <http://www.butoku-kan.com.br/academia.html>.

CAMPS, Hermenegildo;; CEREZO, Santiago. **Estudio técnico comparado de los katas de karate**. [s.l.] : Alas, 2005.

CARMO, Paulo Sérgio Do. **Merleau-Ponty: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2011.

CBK, Confederação Brasileira de Karate. **Organização do Karate Mundial**. 2018. Disponível em: <http://www.karatedobrasil.com/histria>. Acesso em: 26 out. 2018.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.

DORE, R. P. **Education t'n Tokugarea Japan**. London: Routledge & Kegan Paul,

1965.
DRAEGER, Donn F. Classical Budo. [s. l.], p. 140, 2007. Disponível em: <https://books.google.ie/books?id=C6grAAAAYAAJ>
ELIAS, Norbert;; SCOTSON, John L. **The Established and the Outsiders**. Londres: Frank Cass & Co, 1965.
ELITE, Karate Academy. **Shoshaku Jushaku**. 2017. Disponível em: <http://www.elitekarateacademy.com/shoshaku-jushaku/>. Acesso em: 14 out. 2019.
FERNANDES, Jualiana Alves Gurgel. **O Teatro como Budô - O Aikidô em Cena**. 2011. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [s. l.], 2011.
FERREIRA, Fernando Dandoro Castilho; SONODA-NUNES, Ricardo João;; MARCHI JR., Wanderley. Da sala de cinema à academia: a influência dos filmes de ação na apropriação dos praticantes de kung fu chinês no Brasil. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, Argentina, v. 15, n. 151, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>
FIGUEIREDO, Abel Aurélio Abreu. A Legislação Actual das Artes Marciais. **Bushido - Revista de Artes Marciais e Desportos de Combate**, Lisboa, v. 3, p. 39–42, 1989.
FIGUEIREDO, Abel Aurélio Abreu. **A institucionalização do Karate: os modelos organizacionais do Karate em Portugal**. 2006. Universidade Técnica de Lisboa, [s. l.], 2006.
FOCO, Japão em. **Ilha de Okinawa: um paraíso perdido no Japão**. 2011. Disponível em: <http://www.japaoemfoco.com/ilha-de-okinawa-um-paraiso-perdido-no-japao/>. Acesso em: 16 jan. 2018.
FRANCHINI, Emerson; VECCHIO, Fabrício Boscolo Del. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 25, n. spe, p. 67–81, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16844>
FROSI, Tiago Oviedo;; MAZO, Janice Zarpellon. Repensando a história do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 297–312, 2011.
FROSI, Tiago Oviedo;; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; O Bushido na prática: o caso da educação em valores no Karate Shotokan. In: **Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 115–132.
FROSI, Tiago Oviedo. **Uma história do karate-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva**. 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [s. l.], 2012.
FUNAKOSHI, Gichin. **Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre**. São Paulo: Cultrix, 2005.
GANSEKIKAI. **Nafuda Kake**. 2011. Disponível em: <http://www.gansekikai.org/nafudakake/>. Acesso em: 14 out. 2019.
GIRALDES, Antônio Roberto. **Mestres e Heróis: Mitohermenêutica da Formação da Identidade de Professores**. 2011. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2011.
GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995.
GOMES, Fábio José Cárdias. Quatro histórias e uma epifania : estudos indisciplinares acerca do budô japonês. **Dialogia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41–51, 2008.
GONDIM, Denis Foster. **DOJÔ: espaço de educação**. 2017. Universidade Federal de Pernambuco, [s. l.], 2017.
GREEN, T. A. Invented traditions. In: GREEN, T. A;; SVINTH, J. R. (Eds.). **Martial arts of the world: encyclopedia of history and innovation**. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2010.

GUEDES, Ana Carolina Warigoda; et al. “Okinawa: a história de um povo insular” de George Kerr. **Epígrafe**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 337–346, 2019.
GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. [s.l.] : Companhia das Letras, 2007.
GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201–210, 2006.
GUTTMANN, Allen; THOMPSON, Lee. Japanese sports: a history. [s. l.], p. 307, 2001.
HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. 2ª edição ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2016.
HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. 19. ed. [s.l.] : Pensamento Cultrix, 2006.
HIRANO, Heidi. O suicídio na cultura japonesa. **Revista Brasileira de Psicologia**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 6–16, 2015. Disponível em: <http://wp.me/a4hcfF-NZ>
HIRATA, Tatiane. **Mangá: do Japão ao mundo pela prática midiática do scanlation**. 2012. Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, [s. l.], 2012.
HOBSBAWN, Eric;; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6ª Edição ed. São Paulo: Paz e Terra S.A., 1997.
JANSEN, Marius B. **The Cambridge History of Japan**. 1ª Edição ed. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, Sao Paulo, Delhi: Cambridge University Press 1989, 1989. v. 5
JKA, Japan Karate Association. **History of JKA**. 2018. Disponível em: <https://www.jka.or.jp/en/about-jka/history/>.
JOHNSON, Noah C. G. The Japanization of Karate?: Placing an intangible cultural practice. **Journal of Contemporary Anthropology**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 61–78, 2012.
KANASHIRO, Cláudia. **Karate-Do: da arte marcial ao esporte**. 2008. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, São Paulo., Rio Claro, São Paulo, 2008.
KANO, Jigoro. **Kodokan Judô**. São Paulo: Cultrix, 2008.
KERR, George H. **Okinawa - The History of an Island People**. North Clarendon, USA: TUTTLE, 2000.
KRUISTUM, Tracy Warrener Van. **Traditional Karate versus Sport Karate**. 2017. Disponível em: <https://www.warrenerentertainment.com/fighting-spirit-blog/traditional-karate-versus-sport-karate/>. Acesso em: 8 out. 2019.
KUSHNER, K. **O Arqueiro Zen e a Arte de Viver: uma flecha, uma vida**. São Paulo: Pensamento, 1988.
LAGE, Victor;; GONÇALVES JR., Luiz. Karatê-Do como própria vida. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 33–42, 2007.
LAGE, Victor. **Lutas e brincadeiras: processos educativos envolvidos na prática de lutar**. 2009. Universidade Federal de São Carlos, [s. l.], 2009. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/disser_teses/2009/lage.pdf>
LAGE, Victor; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; NAGAMINE, Kazuo K. O Karatê-Do enquanto conteúdo da educação física escolar. **III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana**, [s. l.], p. 116–133, 2007.
LIMA, David Alves de Souza. A relação técnico atleta e o Mito de Quíron. In: **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços, 2017.
LOMBARDI, Ricardo. **Mestre Taketo Okuda**. 2019. Disponível em: <http://www.butoku-kan.com.br/taketo-okuda.html>. Acesso em: 24 out. 2019.
LOPES-FILHO, Brandel José Pacheco. Tegumi no karate-dō: a participação da luta

nativa de Okinawa no desenvolvimento do caminho das mãos vazias. **EFdeportes**, Buenos Aires, Argentina, v. 181, n. 18, p. 10p., 2013. a.

LOPES-FILHO, Brandel José Pacheco. **Karate Budo: os valores no caminho das mãos para o vazio**. 2013b. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70284/000876911.pdf;sequence=1>

LOPES, Yúri Márcio e Silva. **A ação-reflexão-ação dos saberes docentes dos mestres de karatê: construindo indicadores para a transformação da prática pedagógica**. 2008. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, [s. l.], 2008.

LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. **Identidades, práticas e moralidades transnacionais: etnografia da esgrima japonesa no Brasil**. 2009. Universidade Federal de São Carlos, [s. l.], 2009.

LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. **O espírito japonês: esboço para uma arqueologia etnográfica do ki - Shuhari - os três momentos do aprendizado da maestria**. 2016. Universidade Federal de São Carlos, [s. l.], 2016.

LUZ, Alexandre Meyer. O que é o "Conhecimento"? **Revista da Fapese**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 37–52, 2006.

MARTINS, Carlos José; KANASHIRO, Cláudia. Bujutsu, Budô, esporte de luta. **Motriz**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 638–648, 2010.

MARTON, Fábio. **"Kamikazes" Aventuras na História**, 2013. Disponível em: <http://link.galegroup.com/apps/doc/A341687784/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=9cc12b51>

MCCARTHY, Patrick;; UCHINADI, Koryu. **Ancient Okinawan Martial Arts**. 1. ed. [s.l.] : Tuttle Publishing, 1999.

MCCARTHY, Patrick;; UCHINADI, Koryu. **Ancient Okinawan Martial Arts**. 2. ed. [s.l.] : Tuttle Publishing, 2011.

MCCARTHY, Patrick. **The Bible of Karate**. Boston: Tuttle Publishing, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOLLE, Andrea. Towards a Sociology of budo: Studying the Implicit. **Implicit Religion**, [s. l.], v. 13, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274329025_Towards_a_Sociology_of_budo_Studying_the_Implicit>

MORI, Rafael Cava. O Karate-Do como Dispositivo da Japonesidade em São Carlos. **Áskesis**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 51–64, 2017.

NAGAI, Michio;; URRUTIA, Miguel. **Meiji Ishin: Restoration and Revolution**. Tokyo, Japan: United Nation University, 1985.

NAKAMAKI, Hirochika. Administração de empresas no Japão: aspectos históricos e religiosos. São Paulo, v. 32, n. 5, p. 62–66, 1992.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1–5, 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>

NUNES, Gabriel Pinto. **O Bushidô na visão de Nitobe: a construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético**. 2012. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2012.

NUNES, Gabriel Pinto. Uma sucinta exposição da noção de honra no Bushidô de Nitobe. **Estudos Japoneses**, [s. l.], n. 33, p. 22–34, 2013.

NUNES, Gabriel Pinto. Breves considerações sobre o Budo e Bushido no mundo moderno. In: SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos; (Ed.). **Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea**. Curitiba: CRV, 2019. p. 95–111.

OKUDA, Taketo. **Mestre Taketo Okuda**. 2019. Disponível em: <http://www.butoku-kan.com.br/taketo-okuda.html>. Acesso em: 24 out. 2019.

OLIVEIRA, Leonete Souza De. As mulheres e as artes marciais: o karatê shotokan e o taekwondo como promoção da qualidade de vida. **Web Artigos**, [s. l.], p. 1–13, 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/as-mulheres-e-as-artes-marciais-o-karate-shotokan-e-o-taekwondo-como-promocao-da-qualidade-de-vida/69338/>

OLIVEIRA, Lázaro Rocha. **Artes Marciais e Educação Física Escolar: por articulações concretas possíveis no ensino**. 2016a. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2016.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; **A introdução e difusão do karate shotokan em Curitiba: memórias e processos**. 2015. Universidade Federal do Paraná - UFPR, [s. l.], 2015.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; **A introdução do Karate Shotokan no Estado do Paraná**Curitiba, Paraná, 2016. b.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; Artes marciais e esportes de combate à luz da mitologia japonesa. In: RUBIO, Katia (Ed.). **Esporte e Mito**. 1. ed. São Paulo: Editora Laços, 2017. p. 221–237.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; et al. De “mãos vazias” a “mãos com luvas”: uma análise sociológica sobre o Karate e os Jogos Olímpicos. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 324–342, 2018. Disponível em: <http://olimpianos.com.br/journal/index.php/Olimpianos/article/view/40>. Acesso em: 9 maio. 2019.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; et al. **The Sportivization Process of a Martial Art: the Karate**ViseuScientific Congress on Martial Arts and Combat Sports (IMACSSS), , 2019. Disponível em: <http://imacsss.com>

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; O fenômeno do karatê. **Jornal da USP**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-fenomeno-do-karate/>. Acesso em: 31 jul. 2019.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; ENYA, Marjorie Yuri;; RUBIO, Katia; **Karate: from martial art to olympic sportSecond Annual Conference 2019 at the Center for Sociocultural Sport and Olympic**California State University, Fullerton, EUA, , 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333671548_Karate_from_Martial_Art_to_Olympic_Sport>

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de;; SANTOS, Sérgio Luiz Carlos Dos. Educação com jogos de oposição: uma análise sobre sua influência na motivação de alunos a virem a praticar lutas/esportes de combate. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 95–105, 2017.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos;; ZIMMERMANN, Ana Cristina; **A influência dos jogos de oposição na motivação de escolares a virem praticar lutas/esportes de combate**XIV Seminário de Educação Física Escolar, , 2017.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; TELLES, Thabata Castelo Branco;; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. De Okinawa aos Jogos Olímpicos: o Karate. In: RUBIO, Katia (Ed.). **Do pós ao Neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Képos, 2019. p. 327–347.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de;; ZIMMERMANN, Ana Cristina; Filosofia, fenomenologia e artes marciais: um estudo de revisão em obras internacionais. **Olimpianos - Journal of Olympic Studies**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 380–399, 2018.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de;; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Karate, repetição e autoconhecimento: aproximações com a fenomenologia. In: VII CONGRESSO

ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE 2019, Ribeirão Preto. **Anais**... Ribeirão Preto: Associação Brasileira de Psicologia do Esporte - ABRAPESP, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335777176_KARATE_REPETICAO_E_AUTOCONHECIMENTO_APROXIMACOES_COM_A_FENOMENOLOGIA>

OLIVEIRA, Rafael Orlando de;; SONODA-NUNES, Ricardo João; A pena e a espada: reflexões sobre possíveis contribuições da disciplina de lutas na formação e atuação dos profissionais de educação física. In: **Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 37–72.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização *. [s. l.], p. 81–102, 2002.

PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca. **A constituição de um sub campo do esporte: o caso do taekwondo**. 2007. Universidade Federal do Paraná, [s. l.], 2007.

PIMENTA, Thiago; MARCHI-JÚNIOR, Wanderley. A Constituição de um Subcampo do Esporte: O Caso do Taekwondo. **Movimento**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p. 193–215, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16844>

PINTO, Daniel Veríssimo; FROSI, Tiago Oviedo;; SANT-ANNA, Roberto. **Lema do Karate - curiosidades**. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pintokaratedojo/videos/1326365500733935/UzpfSTEwMDAwMjU5ODg5NjI3MDoyMzY2MDU4NTY2ODI0MDgz/>. Acesso em: 3 out. 2019.

PIRES, Ricardo Sorgon. Os Okinawanos em São Paulo: Festividades e identidade. **V International Congress of History - Congresso Internacional de História**, [s. l.], p. 384–395, 2011. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/?l=trabalhos&id=258>

PIRÔPO, Marcius. **Justiça Federal tira poder da CREF sobre artes marciais**. 2018. Disponível em: <http://piroponews.blogspot.com/2018/01/justica-federal-tira-poder-da-cref.html?fbclid=IwAR0GoLX-OmYDCNr-J_DRPvJY1x37Kg4acNGx56lPI5TapchUOKHbdM3onlc>. Acesso em: 28 out. 2019.

PIRSIG, Robert M. **Zen e a arte da manutenção de motocicletas: uma investigação sobre valores**. [s.l.] : Paz e Terra S.A., 1991.

PRADO, Guilherme Notti. O Karatê Como Conteúdo Da Educação Física Escolar – Uma Revisão De Literatura Escolar – Uma Revisão De Literatura. [s. l.], p. 34, 2009.

PUCINELI, Fabio Augusto. **Modernização do Karate: Gichin Funakoshi e as Tecnologias Políticas do Corpo**. 2017. Universidade Estadual Paulista, UNESP, [s. l.], 2017.

PUCINELI, Fabio Augusto. Karate-Kid e a modernização do Karate: paralelos e representações. In: SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos; (Ed.). **Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea2**. [s.l.] : CRV, 2019. p. 159–173.

RATTI, Oscar;; WESTBROOK, Adele. **Segredos dos samurais: as artes marciais do Japão Feudal**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2006.

RUBIO, Katia. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Journal of Chemical Information and Modeling**, [s. l.], v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2013.

RUBIO, Katia. **Atletas olímpicos brasileiros**. 1. ed. São Paulo: SESI-SP, 2015.

RUBIO, Katia. **Biographical Narratives: from searching for a method to building one**. São Paulo: Képos, 2018.

RUBIO, Katia. **Do pós ao neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Laços, 2019.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SANDALL, Jayme. **O Karate é olímpico! E agora?** 2016. Disponível em:

<http://karatejka.blogspot.com/2016/08/o-karate-e-olimpico-e-agora.html>. Acesso em: 26 out. 2018.

SANTOS, Samara Celestino dos; MELO, Gertrudes Nunes de;; LUNA, Matheus Moreira. Judô e karatê no Instituto Federal da Paraíba (IFPB). **Revista Práxis: saberes da extensão**, [s. l.], v. 7, n. 15, p. 31–37, 2019.

SASAKI, Eliasa Massae. Valores culturais e sociais nipônicos. **IV Encontro sobre Língua, Literatura e Cultura Japonesa**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 1–19, 2011. Disponível em: <http://www.nipocultura.com.br/wp-content/uploads/2012/02/SASAKI-Elisa-Massae-Valores-culturais-e-sociais-niponicos-Rio-Kyooshikai-jul2011.pdf>

SATOW, Ernest M. **Notes on Loochoo**. 1. ed. Yokohama: Transactions of the Asiatic Society of Japan, 1873.

SHOTOKAN, Karatê. **Significado da expressão Oss!** 2019. Disponível em: <https://karateshotokan.net/significado-da-expressao-oss/>. Acesso em: 26 ago. 2019.

SILVA, Luiz Arthur Nunes da;; NÓBREGA, Terezinha Petrucia Da. A intercorporeidade no taekwondo. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da;; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira (Eds.). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Liber Ars, 2019. p. 143–160.

SOUZA JUNIOR, Tácito; DOS SANTOS, Sérgio. Jogos de oposição: nova metodologia de ensino dos esportes de combate. **Lecturas - Revista Digital de Educación Física y Deporte**, [s. l.], v. 14, n. 141, 2010.

SUZUKI, Shunryu. **Mente Zen, mente de principiante**. [s.l.] : Palas Athena, 1994.

TELLES, Thabata Castelo Branco. Resenha: O sentido do karate-do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas. **Memorandum**, [s. l.], p. 187–189, 2014.

TELLES, Thabata Castelo Branco. **Corpo a corpo: um estudo fenomenológico no karate, na capoeira e no MMA**. 2018. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2018.

THE DAI NIPPON BUTOKU KAI. **History and Philosophy**. 2018. Disponível em: <http://www.dnbk.org/history.cfm>. Acesso em: 9 abr. 2018.

TOKITSU, Kenji. **La búsqueda del ki**. Badalona: Editorial Paidotribo, 2006. v. 53

VERGARA, Sylvia. A formação do pensamento empresarial no Japão - o resgate da era Edo *. [s. l.], v. 31, n. 2, p. 22–32, 1997.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. v. 49

WALKER, Brett L. **História concisa do Japão**. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2017.

WARREN, W. Jr. Smith. **Confucianism in Modern Japan**. Tokyo: The Hokuseido Press, 1973.

YAMAMOTO, Isao;; VERGARA, Sylvia Constant. Preceitos e normas internas (kakun) de casas comerciais japonesas: um estudo sobre a longevidade e a ética da corporação japonesa. **Cadernos EBAPE.BR**, [s. l.], v. 6, n. 4, 2008. Disponível em: <www.ebape.fgv.br/cadernosebape>

YAO, Xinzhong. **An Introduction to Confucianism**. [s.l.] : Cambridge University Press, 2000.

ZIMMERMANN, Ana Cristina;; SAURA, Soraia Chung. Corpo e espanto na filosofia de Merleau-Ponty. In: **Merleau-Ponty e a Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Liber Ars, 2019. p. 119–132.

ZIMMERMANN, Maria Alice. **O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros**. 2019. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2019.

ZUCCHI, Sidinei Luís. **A noção filosófica-pedagógica de "caminho" no Karate-Do de Gichin Funakoshi e suas potencialidades educacionais**. 2019. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, [s. l.], 2019.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO DE PERGUNTAS

ROTEIRO 1

Considerando sua experiência com o Karate, por favor descreva:

1. Quando e por que começou a praticar Karate?
2. A partir de sua percepção, o que mudou em sua vida após o início da prática?
3. Para você, o que é o Karate? O que você considera tradicional nesta prática?
4. Cite exemplos de onde podem ser identificados rituais tradicionais no Karate? Descreva-os.
5. Na sua opinião existe diferença entre Karate "competição" e Karate "tradicional"? O que te fascina na prática?
6. Qual é o sentido da prática do Karate? Que objetivos teria? Para que fins?
7. O que motiva você a vir treinar Karate?
8. Ser *Karateca* é?
9. Como é a relação mestre-discípulo? E o comportamento entre os Karatecas (convívio, aproximações, distanciamentos, condutas, hierarquia)?
10. Que significado você daria para a vestimenta do *Karateca*, o quimono?
11. Que significado você daria para o *Dojo* (sala de treinamento)? Como se sente nele?
12. Sobre o Dojo Kun (lemas do Karate), o que você compreende acerca dele? Utiliza-o no dia-a-dia? Como?
13. O que recomendaria para uma pessoa que recentemente iniciou a prática do Karate?
14. Como você vive o Karate?

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
Comitê de Ética em Pesquisa

Formulário E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo _____

Sexo ☐ Masculino
☐ Feminino

RG _____
Data de nascimento _____
Endereço completo _____
CEP _____
Fone _____
e-mail _____

2. RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo _____
Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.) _____

Sexo ☐ Masculino
☐ Feminino

RG _____
Data de nascimento _____
Endereço completo _____
CEP _____
Fone _____
e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa
TRADIÇÃO, RITUAIS E REFLEXÕES: O IMAGINÁRIO DO CARATECA

2. Pesquisador Responsável
Ana Cristina Zimmermann

3. Cargo/Função
Professora

4. Avaliação do risco da pesquisa:
[X] RISCO MÍNIMO ☐ RISCO BAIXO ☐ RISCO MÉDIO ☐ RISCO MAIOR
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como conseqüência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa
1 (um) ano

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

1. Você participará de uma pesquisa que tem por objetivo investigar os principais elementos que caracterizam o universo do Karate como manifestação tradicional no âmbito das artes marciais a partir da percepção de mestres e caratecas experientes. Este estudo irá auxiliar a aprofundar os conhecimentos sobre aspectos socioculturais e filosóficos presentes nesta prática corporal no cenário brasileiro.

2. Você responderá a uma entrevista com perguntas abertas descrevendo sua experiência com o karate de acordo com sua percepção. Caso autorize, sua imagem e voz serão captados por uma câmera pequena para registro de seu depoimento, que será posteriormente transcrito para análise. Você receberá a transcrição de seu depoimento podendo solicitar alteração ou retirada de trechos de sua fala antes das análises.

3. Esta pesquisa possui risco mínimo e o único desconforto que você pode sentir está associado a possíveis recordações indesejadas oriundas de sua memória acerca do karate.

4. Você não terá despesas nem receberá qualquer tipo de recompensa financeira pela sua participação nesta pesquisa, contudo receberá um relatório com os principais resultados decorrentes do estudo.

5. Ao participar da pesquisa não há procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para você.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

1. Você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas;

2. Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;

3. Você tem assegurada a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade de suas informações pessoais fornecidas durante a pesquisa. Os registros estarão disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos no estudo. Os resultados obtidos nesta pesquisa poderão ser publicados com fins científicos e acadêmicos, mas sua identidade será mantida em sigilo.

4. Você será acompanhado para assistência no HU, HCFMUSP ou hospital público mais próximo por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Marcelo Alberto de Oliveira
EEFE - Avenida Professor Mello de Morais 1235 BL C APTO 601
Cidade Universitária, São Paulo-SP
CEP 05508030
Telefone (41) 98881-0663
E-mail marcelo.alberto@usp.br

Orientadora: Ana Cristina Zimmermann
EEFE - Avenida Professor Mello de Morais, 65
Cidade Universitária, São Paulo-SP
CEP 05508-030
Telefone: (11) 3091-3095
E-mail ana.zimmermann@usp.br

VI. - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – USP
Escola de Educação Física e Esporte- USP
Cidade Universitária, São Paulo-SP
CEP 05508-030
Telefone: (11) 3091-3097

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, _____/_____/_____

Assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal	Assinatura do pesquisador (carimbo ou nome legível)